

Veja

Eu quero votar
pra
Presidência

São Paulo, 25 de janeiro de 1984

O bicho-homem ainda precisa inventar remédios

- Eu estava aqui pensando no bicho-homem – disse a onça – Pena ele ainda não ter nascido...
- Está com tanta fome assim? – disse o jabuti se escondendo atrás de uma árvore, pelas dúvidas.
- Não... Estava me lembrando daquela conversa que nós tivemos outro dia, quando você me contou que ia surgir esse bicho novo, grande inventor de máquinas e de remédios...
- Ah! Sim! – confirmou o jabuti – O bicho-homem vai ser fogo! Não gosto nem de pensar...
- Pois olha – disse ela, num movimento de sinceridade – se ele aparecesse agora aqui, com um remédio pra pata inchada...
- Arnica? – perguntou o jabuti.
- Você tem? É bom?
- Ainda vai ser inventado pelo bicho-homem – informou Juca Jabuti com um vago sorriso.
- O bicho-homem precisava aparecer logo neste mundo – suspirou a onça."

Texto extraído do livro "Juca Jabuti, Dona Leôncia e a Superonça", de Orígenes Lessa. Editora Moderna Ltda.



CIRANDA DE LIVROS

"Juca Jabuti, Dona Leôncia e a Superonça" faz parte da Ciranda de Livros. Um projeto desenvolvido pela Hoechst, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Fundação Roberto Marinho, visando a distribuição de bibliotecas infantis de autores nacionais para escolas carentes de todo o país. A Ciranda de Livros já beneficiou mais de 4 milhões de crianças, incentivando o hábito da leitura.



Para dois terços das doenças conhecidas.

Gang

Vivemos em pleno Século da Medicina.

Com a descoberta de novos medicamentos, muitas doenças, como a difteria, o tétano e a poliomielite, perderam o seu terror.

Ufanismos à parte, a realidade é que apenas um terço das doenças que conhecemos podem ser curadas com os medicamentos existentes.

A Hoechst se orgulha de ter colaborado na descoberta de medicamentos novos e altamente eficazes. Muitos deles, responsáveis diretos pelo aumento da longevidade do homem, desde o século passado: de 38 para 71 anos, em países altamente desenvolvidos.

Não nos contentamos, porém, com o fato de que muitas doenças diagnosticadas, tais como a alta pressão sangüínea, as cáries, a asma, o reumatismo, o diabetes e o câncer, ainda não são curáveis.

Por isso investimos tanto em pesquisas farmacêuticas. Nossa Divisão Farmacêutica abrange 38 laboratórios de produção, em 33 países.

São milhões de marcos, dólares, ienes, libras e cruzeiros gastos anualmente em pesquisas nas áreas da terapêutica e do diagnóstico de doenças cardiovasculares, metabólicas, infecciosas e outras, na quimioterapia, em psicofármacos, diuréticos, antidiabéticos, anestésicos e imunológicos.

Aqui no Brasil, um dos primeiros produtos farmacêuticos que nós produzimos foi a Novalgina®.

No Instituto Behring, em Teresópolis, concentramos esforços na proteção contra doenças causadas por parasitas.

Nossa produção de matérias-primas farmacêuticas na cidade de Suzano, na Grande São Paulo, evita a importação, economizando importantes divisas.

O bicho-homem ainda tem muito que inventar no campo da medicina. Para nós, da Hoechst, isso é mais que um desafio: é uma obsessão.

Hoechst. Química a serviço da vida.

Hoechst do Brasil
Química e Farmacêutica S.A.
Divisão Farmacêutica
Caixa Postal 7333
01051 – São Paulo – SP



TENNIS COLLECTION 84

C A S T A L D E L L I



Sporting



- ▲ Superleves. Resistentes. Reforçados.
- ▲ Amortecedores com 13 mm. Solados em latex.
- ▲ Forrados. Contrafortes indeformáveis.

Ribeirão Preto - SP PABX (016) 625-7071

RUSH

A torcida quer votar

O popular locutor esportivo diz que o time do governo está derrotado e que a saída é trocar, com eleição direta, o presidente do clube

Por Mário Sérgio Conti

Falando diariamente para mais de cinco milhões de pessoas em todo o país, através de dois programas de rádio e dois de televisão, o locutor esportivo Osmar Santos, 34 anos, casado há dois, passou a usar sua voz em uma outra atividade nos últimos vinte dias. Do alto de palanques, Santos tem sido um dos astros da campanha pela eleição direta do próximo presidente, e já apresentou os comícios realizados em Curitiba, Campinas, São Paulo e Santos. Na quarta-feira passada, na Praça da Sé, o locutor, nascido na cidade paulista de Oswaldo Cruz, gesticulou, cantarolou e falou durante quatro horas. Deixou o palanque cansado, mas satisfeito. "Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida, já que nunca votei para presidente e nunca vi tanta gente junta fora de um estádio de futebol", conta Osmar.

Formado em Educação Física e em Administração de Empresa, pela Faculdade da Fundação Getúlio Vargas, ele nunca teve participação política mais ativa, mesmo tendo auxiliado a campanha eleitoral do PMDB, em 1982. "Agora o momento é especial, pois o povão está querendo rolar a bola para fazer um bonito gol", compara. Osmar Santos só reclama de não ter mais folgas para descansar, dirigir seu automóvel Puma despreocupadamente ou para ler. "Até a natação e o boliche tiveram de ser quase que totalmente abandonados", diz o locutor, que também joga futebol, como atacante.

Ele mesmo reconhece que joga mal. "Sei direitinho como a bola deve ser tratada e conduzida", diz. "Mas é um conhecimento teórico, pois quando estou em campo geralmente piso no tomate e meus chutes são quadrados." Com um microfone na mão, no entanto, Santos raramente erra, sendo hoje o mais popu-



Osmar: "O país precisa desta chacoalhada"

lar locutor esportivo brasileiro, dono de um estilo inventivo e hilariante. Na manhã de quinta-feira passada, no intervalo entre duas gravações para a TV Globo, onde trabalha, e pouco antes de ser homenageado com um almoço pelo governador Franco Montoro, Osmar Santos falou a VEJA.

Maluf é o "Brasil-Desesperança"

VEJA — Você acha possível que os brasileiros elejam diretamente o presidente da República ainda neste ano?

OSMAR SANTOS — Eu acredito, e por isso estou indo às ruas. Sei que é muito difícil, mas acho que essa mobili-

zação do país vai influir junto aos parlamentares, ao Congresso e ao próprio governo. Acredito que os homens do sistema vão ser levados a uma encruzilhada, e não terão outra saída senão partir para a direta. Será burrice se não fizerem isso. Se conseguirem transar um nome do PDS no qual o povo acredite e confie — por exemplo, um candidato como o vice-presidente Aureliano Chaves —, eles até podem concorrer numa eleição direta com chances de brigar pela vitória! Essa seria uma atitude muito simpática da parte do governo, que atrairia boa parte da população.

VEJA — Mas as atuais regras do jogo praticamente inviabilizam a eleição direta...

OSMAR SANTOS — Está certo. Mas a torcida está pedindo a mudança, e eles lá em Brasília podem alterar as normas, chegar a um acordo. Basta o governo querer que se encontre uma fórmula.

VEJA — Se o deputado Paulo Maluf for presidente haverá um retrocesso político?

OSMAR SANTOS — O Maluf esqueceu um prefixo no seu programa de governo. Ele é o "Brasil-Desesperança". O deputado sempre teve a obsessão do poder, e isso me atemoriza. Ele sempre quer mais poder, o que vai contra a esperança do povo brasileiro em participar, em opinar. Realmente tenho medo de que o Maluf presidente signifique um retrocesso violento para o país.

VEJA — E se o ministro Mário Andreazza for presidente?

OSMAR SANTOS — Andreazza e Maluf são muitos parecidos, pois querem voltar atrás. O Brasil, os políticos e principalmente a juventude precisam de ho-

mens que inspirem confiança. E Andreazza e Maluf não têm crédito popular. Nos comícios, quem quiser fazer sucesso deve só falar de um dos dois, pois todo mundo é contra.

VEJA — *Por que você acha o vice-presidente Aureliano Chaves diferente de Maluf e Andreazza?*

OSMAR SANTOS — O Aureliano nunca freqüentou o noticiário de imprensa em situações de escândalo e corrupção. Então, ele tem credibilidade, e é considerado um homem respeitável. Ele não é um garotinho, pois já tem certa idade, mas não é uma coisa tão velha quanto os outros. E não parece tão identificado com o retrocesso.

Fiquei com medo de pisar na bola

VEJA — *Em quem você gostaria de votar para presidente?*

OSMAR SANTOS — Já tentei pensar mais seriamente sobre isso, mas cheguei à conclusão de que não deveria defender, no momento, um determinado nome, pois com isso se descaracterizaria a unidade do movimento pró-direta. Poderia virar uma luta por interesses partidários ou pessoais. Aliás, o Lula teve uma posição excelente no comício de São Paulo, quando pediu que não se vaiasse ninguém, já que o mais importante é conquistar a direta e não hostilizar este ou aquele político. Além disso, ainda não estou certo de que já escolhi o meu candidato. Mas acho que o senador Fernando Henrique Cardoso, do PMDB, é uma grande figura. Ele é um cara jovem, inteligente, e seria muito bom se obtivesse respaldo popular para viabilizar sua candidatura.

VEJA — *Por que você decidiu servir de apresentador para os comícios da campanha pela direta?*

OSMAR SANTOS — Primeiro, porque acho que todos os cidadãos têm de participar desse movimento, vai ser uma campanha boa, gostosa, bonita. O Brasil está precisando de uma chacoalhada, e nós estamos chacoalhando o limoeiro. O país está precisando dessa mexida geral tanto quanto nós precisamos do ar para sobreviver. Aceitei apresentar os comícios pensando nessa idéia de que todo o mundo deve participar e dou o exemplo para que todos passem a intervir na vida do país, dizendo o que pensam e o que querem.

VEJA — *Você está sendo pago para participar dos comícios?*

OSMAR SANTOS — De maneira alguma. Além de ser absurdo pedir dinheiro para defender uma causa que é minha e é de todos, não há soma que pague o prazer de estar certo de que está fazendo uma coisa que beneficia a todos os brasileiros. Ser contra a eleição direta para a Presidência é como ser contra a seleção brasileira de futebol.

VEJA — *Qual seleção é pior: a do governo ou a dirigida pelo técnico Carlos Alberto Parreira?*

OSMAR SANTOS — O time do governo é um time derrotado, endividado. É time que está perdendo tem que mudar. É necessário mudar não só o técnico ou os jogadores, mas o próprio presidente do clube. Se o presidente de um clube tem bom jogo de cintura, pode chamar outro técnico, contratar novos jogadores e fazer o time render, mesmo seguindo uma filosofia ultrapassada. No caso do Brasil, se o presidente, há algum tempo, tivesse tirado o ministro Delfim Netto, acho que as coisas poderiam ter melhorado. Mas, como as mudanças foram irrisórias, é necessário mudar o time e o melhor meio para fazer as modificações é pela democracia, a participação de todos.

VEJA — *Quais são as diferenças entre apresentar um comício e irradiar um bom jogo de futebol?*

OSMAR SANTOS — Existem, antes, semelhanças fortes, como a da participação popular e a da mistura da audiência. Numa partida ou num comício, os que estão presentes tentam influir no palanque ou no campo. A vontade de participar é quase igual. Num jogo do Corinthians, por exemplo, fazem parte do público engenheiros, operários, médicos, balconistas, empresários, pobres e ricos, brancos e negros. No comício de São Paulo também havia essa mescla, essa multidão tão diversa procurando um mesmo objetivo, a vitória.

VEJA — *E as diferenças?*

OSMAR SANTOS — Num comício, eu sinto uma resposta do público muito mais imediata e direta. São milhares de pessoas olhando para o palanque, e você tem de apresentar, animar, fazer graça. No próprio momento eu percebo se uma piada surtiu efeito ou não. É muito mais fácil você brincar, balançar a massa. No futebol, quando descrevo uma partida pelo rádio, a avaliação que a população faz do meu trabalho só vem a médio prazo. No caso do comí-

cio, a emoção vem na hora, através de aplausos, risadas, gritos e vaias. Na Praça da Sé, fiz o papel do jogador de futebol. Ao irradiar, transmito a emoção que os jogadores produzem, e no comício as pessoas me encaravam como se eu fosse a fonte da emoção.

VEJA — *O que emociona mais: transmitir um clássico de futebol ou animar um comício?*

OSMAR SANTOS — Só de lembrar do comício de São Paulo eu fico arrepiado. O povo de São Paulo se comportou como se tivesse uma conscientização política total. Foi uma coisa que nunca vi, e fiquei fortemente impressionado. Era a democracia em ação — até um integrante do PDS pôde falar. Foi muito emocionante. Senti orgulho por ser brasileiro, por termos um povo capaz de participar ordeiramente daquele espetáculo, enfrentando a chuva, o desconforto e as precárias condições do sistema de som. Nada pode destruir a imagem daquela manifestação. Por mais que se escamoteie, ninguém pode esconder que o povo foi à praça para defender uma causa, um ideal. Ao mesmo tempo, fiquei muito tenso, com medo da responsabilidade. Fiquei com muito medo de pisar no tomate, de pisar na bola. Num comício pela direta, a emoção também é direta.

Palanque exige muito jogo de cintura

VEJA — *Entre os políticos, quais são os melhores oradores para multidões?*

OSMAR SANTOS — Está difícil medir. Mas na Praça da Sé deu para sentir que o Lula é bom de palanque, ou pelo menos que está num grande momento. O Brizola também mostrou que tem um bom jogo: quando começaram a pedir para o Lula falar, enquanto ele discursava, ele elogiou o presidente do PT e, ripa na chulipa, saiu ganhando.

VEJA — *Os políticos pediram conselhos a você, na hora de discursar?*

OSMAR SANTOS — Não, mas eu acabei me intrometendo. Por exemplo: eu sugeri que o Montoro fosse para a tribuna junto com o Lula, para evitar as divisões no público. O governador Montoro também se saiu bem, encerrando o comício de uma maneira apoteótica.

VEJA — *É mais fácil controlar a população ou os políticos no palanque?*

OSMAR SANTOS — Palanque é fogo. É preciso jogo de cintura. Você recebe a bola no carço do abacate e distribui. Em Campinas, o sufoco era tão grande que tive de sair antes de o comício terminar. Até entendo que os políticos não tiveram muita chance de falar com o público diretamente, nos últimos vinte anos, por causa das restrições. Então todos querem falar ao mesmo tempo. E há sempre os que querem tirar proveito. Em São Paulo, no entanto, houve um exagero, pois o palanque foi literalmente ocupado. Aí eu fiz uma tabelinha com o público: ameacei terminar com o comício, por falta de segurança no palanque, e toda a praça vaiou, fazendo com que muitos políticos saíssem da tribuna, dando espaço para os jornalistas trabalharem.

VEJA — *Como você interpreta a cobertura que a Rede Globo deu ao comício de São Paulo? Ela não divulgou quase nada da preparação do ato público e, no Jornal Nacional de quarta-feira, destinou apenas 1 minuto para o comício.*

OSMAR SANTOS — Não posso falar em nome da Globo, pois não tenho autorização para isso. Mas acho importante, do ponto de vista jornalístico, que essa campanha pela direta seja divulgada. Os fatos não podem ser ignorados. As empresas de comunicação têm posições, que devem ser respeitadas. A Globo sempre teve uma filosofia, e seguiu suas diretrizes, não sei se certas ou erradas. Em princípio, ela cobriu os comícios em suas redes regionais, e quando a coisa ficou muito grande, como em São Paulo, colocou no *Jornal Nacional*.

O que me ajuda é meu lado brincalhão

VEJA — *Em algum momento a direção da Globo pediu que você não participasse dos comícios?*

OSMAR SANTOS — Não, de maneira alguma. Vários artistas da Globo, como a Fernanda Montenegro e a Dina Sfat, participaram, e não houve qualquer restrição. E, no meu caso, preciso trabalhar em liberdade. Afinal, sou uma espécie de cronista que descreve os fatos, tenta transmitir a emoção que existe neles e dá sua interpretação.

VEJA — *Por que você decidiu trabalhar em televisão?*

OSMAR SANTOS — Eu fui para a TV

Globo há um ano. E cheguei não entendendo nada, pois o meu negócio sempre tinha sido rádio. Mas o José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o "Boni", insistiu muito para que eu fosse para a televisão. O Boni é uma das maiores cabeças da televisão brasileira, e eu disse a ele que faria o que mandasse. Tem sido assim até agora. O Boni nunca fez nenhuma restrição, nunca quis vetar nada do que faço, alegando que poderia prejudicar minha imagem, ou a da empresa. Então eu tenho deitado e rolado, principalmente no *Globo Esporte*, que dobrou de audiência. Acho que isso se deveu muito ao meu jeito irreverente.

VEJA — *Você seria uma espécie de Chacrinha do mundo esportivo?*

OSMAR SANTOS — É, o Boni até pensa mais ou menos assim, tanto que estamos pensando em fazer um programa de auditório na televisão, aproveitando esse meu lado brincalhão, irreverente. Uma vez o Ulysses Guimarães foi ao *Balancê*, e usava uma calça de elástico na cintura, e eu falei: "O deputado aderiu à moda jovem, está com uma calcinha nova, aí fica mais solto embaixo..."

VEJA — *Você usa alguma técnica para alegrar e animar as pessoas?*

OSMAR SANTOS — Tudo aparece no momento em que seguro o microfone. Antes de transmitir um jogo, eu tento descansar o dia inteiro, para poder estar atento durante a partida. É muito uma questão de reflexo, de inventar na hora, de improvisar. Normalmente, sou uma pessoa tímida e retraída, e fico muito nervoso na hora em que vou entrar no ar. Mas essa tensão é boa, profissionalmente, pois faz com que eu fique mais desperto.

VEJA — *Como surgiram as expressões que você inventou, como "ripa na chulipa", "pimba na gorduchinha" e outras?*

OSMAR SANTOS — É muito de ouvir as pessoas. Às vezes ouço uma palavra, coloco outra junto e testo algumas vezes. Se dá certo, vou em frente. Há também muitas pessoas que me escrevem, dando sugestões de expressões. Mas eu nunca me senti para criar uma expressão; elas também surgem naturalmente.

VEJA — *Por que você decidiu ser locutor esportivo?*

OSMAR SANTOS — Comecei a trabalhar em rádio aos 14 anos, em Oswaldo Cruz, no interior de São Paulo. Eu gostava muito de futebol e rádio, e imitava

os locutores da época. Meu pai não gostava, pois achava que eu viraria um fanático. Muitas vezes ouvi rádio escondido. Depois, quando vim para São Paulo, fiz o vestibular na Fundação Getúlio Vargas, passei e continuei a trabalhar em rádio, mais para me sustentar. Mas, não sei por quê, fui achando cada vez mais que me deveria dedicar inteiramente ao rádio, e fui ficando. Hoje o rádio e o jornalismo esportivo já não me satisfazem plenamente. Estou pensando em partir para outras áreas, na televisão e fora dela.

VEJA — *Você pensa em entrar para a militância política com mais força, disputando uma eleição, por exemplo?*

OSMAR SANTOS — Muitas pessoas acham que eu estou participando dos comícios porque quero entrar na política. Mas, até agora, isso não está nos meus planos.

Ainda acho a política uma coisa corrupta

VEJA — *Por quê?*

OSMAR SANTOS — Primeiro, porque ainda gosto muito do que faço. Gosto de esporte, acho que o futebol é a alma do povo brasileiro, me emociono com ele. E me transformo quando estou no ar. Até minha mulher reclama, dizendo que eu falo muito no trabalho e fico quieto em casa. Agora, estou gostando de política, dessas coisas que estão acontecendo. O que me barra é que, no Brasil, ainda não se faz política de uma maneira legal. Para mim, a política sempre foi algo proibitivo, perigoso. Então estou rompendo esse medo da política agora, além de romper com a educação repressiva que tive. Fiz sete anos de psicanálise e estou-me soltando mais. Além disso, ainda considero a política um mundo corrupto.

VEJA — *Os políticos perderam a credibilidade?*

OSMAR SANTOS — É isso. Não há novas grandes lideranças porque as pessoas que poderiam assumir posições de destaque muitas vezes acham que o desgaste da carreira política é difícil de suportar. Uma coisa que me agride muito é essa história de o sujeito ir para o palanque e prometer, prometer, sabendo que não vai cumprir. É muita demagogia. Eu gostaria de fazer um discurso dizendo que não prometo nada, mas que quero ajudar, quero trabalhar com todos. Acho que isso é honestidade com o povo.



Paulo Maluf

Excelente a reportagem de VEJA n.º 803 sobre o senhor Paulo Maluf, especialmente pela costumeira isenção utilizada por essa revista para mostrar o perfil de um homem que pouquíssimos brasileiros gostariam de ver impingido à suprema magistratura deste país já tão sofrido.

Joel de Almeida
Campinas, SP

Em eleição direta ou indireta sou pela vitória do deputado Paulo Salim Maluf.

Raul Belém
Porangatu, GO

É lamentável que VEJA tenha dedicado tanto espaço à campanha malufista-presidencialista. Essa conceituada revista deveria, uma vez tendo dedicado a capa com a foto de uma das pessoas mais odiadas em nosso país, colocar junto fotos de Pinochet, Reagan, Somoza e outros que, por meio da politicagem mais sórdida que conhecemos, conseguem chegar ao poder. Infelizmente.

Joaquim Wilson Bueno de Oliveira
Campinas, SP

Com tristeza vi na capa de VEJA a foto do senhor Paulo Maluf e li a reportagem de nove páginas dedicada a esse cidadão, cujo curriculum, nada invejável, deveria mais ser esquecido. Não entendi o título da reportagem "Maluf toma a cena". Só a imprensa está dando espaço a ele, à revelia do desejo da nação.

Procorio Elvecio Pereira
Blumenau, SC

Guerra Nuclear

O filme *O Dia Seguinte* chama a nossa atenção para os efeitos trágicos de uma guerra nuclear. Será que não vemos a nossa guerra representada pelo desespero do desemprego?

Maria de Lourdes Domakoski
Curitiba, PR

Eleição Direta

Concordo integralmente com a "Carta ao Leitor" de VEJA n.º 802, sobre eleição direta para presidente. Permanecendo esta situação fica a impressão de que vivemos num país onde somos apenas espectadores de sua história.

Antônio Roberto Borges Freire
Brasília, DF

Tenho a satisfação de, em nome do PMDB e como seu presidente no Paraná, externar o nosso agradecimento pela valiosa cobertura dada em VEJA por ocasião da realização do grande comício pró-direta em 12 de janeiro. O comício

de Curitiba deveu seu sucesso, em grande parte, à divulgação e ao apoio da imprensa.

Álvaro Dias, Senador
Curitiba, PR

VEJA

A seção "Cartas", de VEJA, sem dúvida nenhuma, é uma demonstração de democracia e transigência da redação de VEJA. Uma assembleia geral de leitores, da qual tiramos novas conclusões e aprendemos a ser mais liberais.

Euclides da Conceição Miranda
Rio de Janeiro, RJ

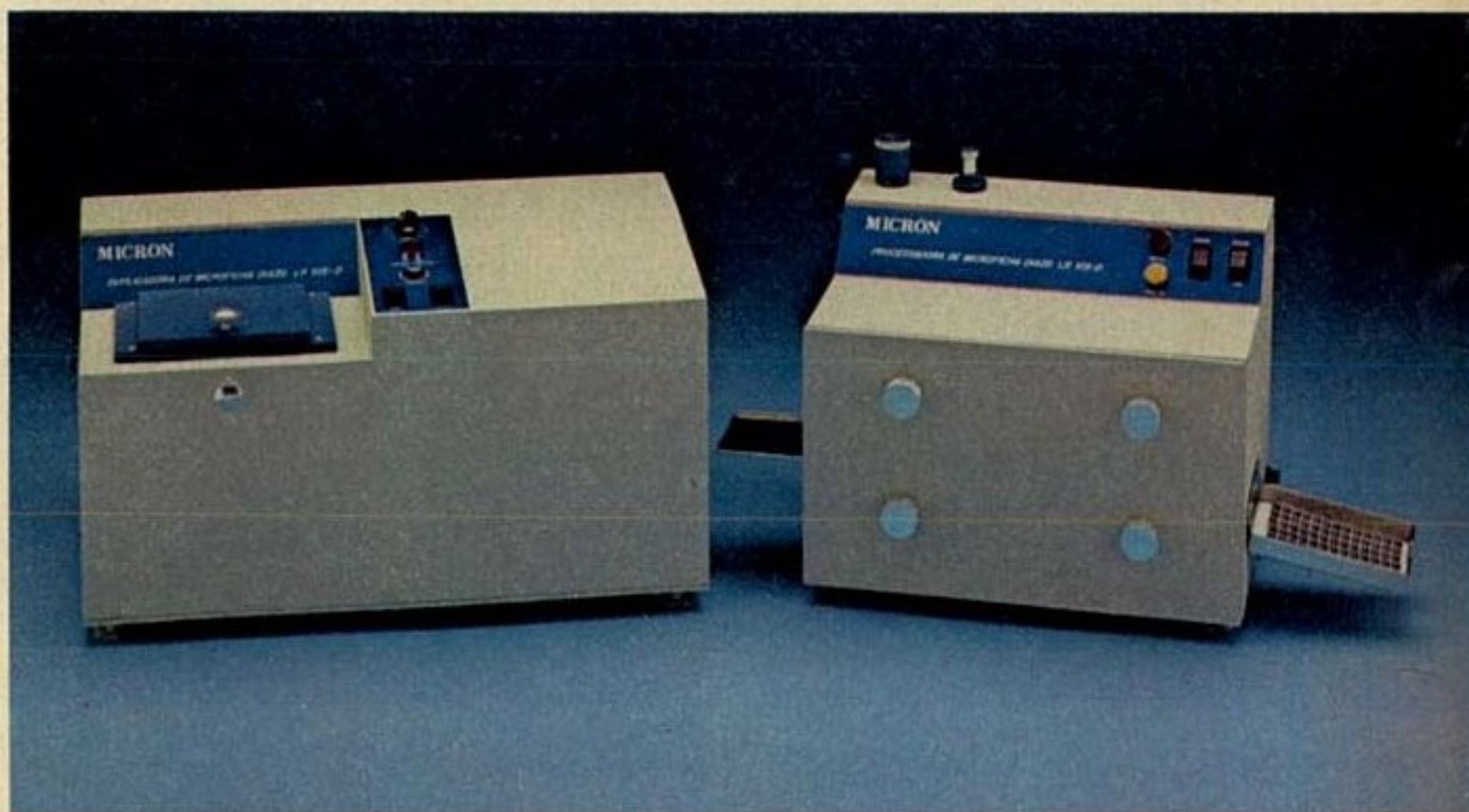
Realizei uma pesquisa com alguns amigos e o resultado foi o seguinte: VEJA foi considerada a revista mais reacionária de 1983.

Mário Lúcio Moura Lopes
Belo Horizonte, MG

CORREÇÕES: Na reportagem "Uma disputa colorida", publicada na edição n.º 803, a tabela mencionou o preço das revelações na Curt com direito a uma ampliação de cada negativo. No caso de duas ampliações para cada negativo, o preço da Curt é igual ao cobrado pela Fotóptica, como está mencionado na reportagem. A crítica "Vôos paralelos", publicada na página 88, saiu erroneamente com a assinatura de Casimiro Xavier de Mendonça. A assinatura correta é Norma Couri.

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

DUPLICADORA e PROCESSADORA MICRON de MICROFICHAS LR 105/D



Desenvolvidas e fabricadas inteiramente no Brasil, as novas MICRON LR 105/D são a melhor solução em duplicação e processamento de microfichas Diazo.

A Duplicadora LR 105/D, com seu sistema único de impressão de bandeja, permite a centralização e a pressão uniforme do filme virgem sobre o original, produzindo cópias de jaquetas e microfichas com perfeita nitidez.

Totalmente independente, a Processadora LR 105/D produz uma microficha a cada 15

segundos com alimentação constante, o que resulta numa velocidade final de processamento de apenas 4 segundos.

De fácil instalação e operação, telefone para 548-6811 e conheça outros detalhes exclusivos das novas MICRON LR 105/D.



RUA CURIÁ, 79 - CEP 04446 SÃO PAULO SP - TELEFONE (011) 548-6811

COMÉRCIO E INDÚSTRIA
DE EQUIPAMENTOS
MICROGRÁFICOS LTDA.

Luis Fernando Verissimo

Contracapa

Lado A

PUNK FUNK

(Jocemir - Curtinho do Ganzá)

LUA NUA

(Almerindo Neto)

POUR ELISE REGGAE

(Jocemir - Ludwig von Beethoven)

MEUS SAIS, MEUS AIS

(Jocemir)

ANGU(STIA)

(Jocemir - Curtinho do Ganzá)

Lado B

SIM, NÃO, TALVEZ

(Dolores Trajan - Alba Ackel)

PAVÃO INSIDIOSO

(Jocemir - Josinete)

MÃE, PRA MIM, SÓ HÁ UMA: A SUA

(Curtinho do Ganzá)

BAIÃO DE DOZE

(Jocemir)

TOADA ELÉTRICA (PARA RUBINHO)

(Jocemir)

Produção: Genivaldo Matta.

Direção artística: Jocemir.

Assistente do produtor: Maura Matta.

Auxiliares de estúdio: Magro, Gordo, Moreno, Bibi, Bé, Lu, Cabeção, Luiz Carlos ('Margô') e Paulo Matta ('Filho do Homem').

Técnicos de gravação: Lauriano Breta, Roy Samambaia, Gofredo Garay e Alemão.

Programador de Synergy: Luciano Borrão.

Programador de GSII: Maurício Balderetti.

Programador de OB-Xa: Alemão.

Programador do Alemão: Moreno.

Arranjos de base: Jocemir, Guguinha e Gugão.

Arranjos de teclados: Vantuir Almagordo.

Arranjos de cordas: Dâmaso Tuim.

Palpites: Maura Matta.

Agradecimento especial: Melinho, pelos pedaços de pizza.

Voz: Jocemir.

Ovation: Jocemir.

Violão acústico (a pedido): Maura Matta.

Piano acústico: Vantuir Almagordo.

Piano Fender, piano Yamaha, Oberheim, OB-Xa, GSII, piano

Rhodes e reco-reco: Bimbinho.

Sax-tenor: Valtinho.

Trombone (em Pour Elise): Sandoval.

Sax-alto: Salomé.

Trompete, Flugel e clarim Yamaha: Márcio Montarroyo.

Synergy e Polysix: Miro Astronauta.

Baixo Fender: Olegário.

Bateria digital: Dunga.

Moog: Gugão.

Míni-Moog: Guguinha.

Conga, pandeiro, cow-bell: Jaçã.

Timbales, tumbadora, tamborim: Maçã.

Agogô elétrico (brevemente): Rubinho (in memoriam).

Berimbau digital: Saião.

Chocalho (sob protestos): Maura Matta.

Ganzá: Zé.

Caxixi: Curtinho do Ganzá.

Cuica: Caxixi.

Participações especiais:

Cordas em Punk Funk: Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro.

Efeitos em Meus Sais, Meus Ais: Banda dos Fuzileiros Navais.

Gritos orgiásticos em Mãe, pra Mim, Só Há Uma: a Sua: Luiz Carlos ('Margô').

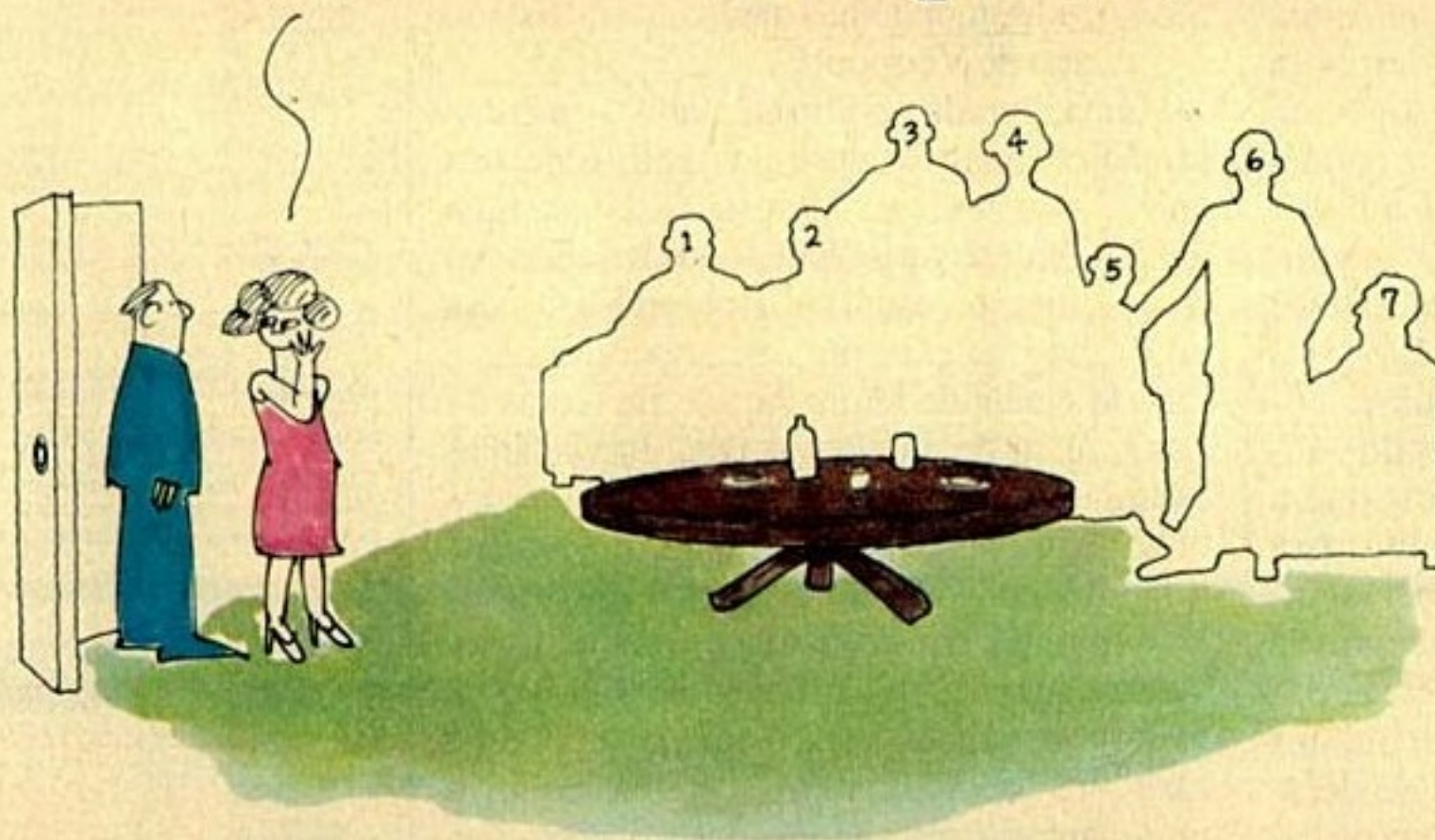
Coro infantil: Dudu Matta, Soninha Matta e Betinho Matta.

Ausência mais sentida no estúdio: Herodes.

Este disco é carinhosamente dedicado à memória de Rubinho, que morreu eletrocutado durante a gravação, na certeza de que sua luta para ampliar o universo sonoro do agogô não terá sido em vão.

SÓ TEM GENTE
IMPORTANTE!

Grupo (II)





A atriz Julie Andrews, que imortalizou Maria von Trapp e suas crianças no filme *A Noviça Rebelde*, em 1965, e a verdadeira baronesa, agora

Em Dia

A velha rebelde

Baronesa von Trapp reabre hotel aos 78 anos

A pesar de o filme *A Noviça Rebelde* ter alcançado em 1965 um estrondoso sucesso de bilheteria, seu principal personagem real, a baronesa austríaca Maria von Trapp, em cuja autobiografia o filme foi baseado, sempre o considerou "um xarope intragável". Uma das razões dessa avaliação, explica a baronesa Trapp, é que a noviça vivida na tela pela atriz inglesa Julie Andrews era muito "mais comportada" que a personagem de verdade. Vivendo nos Estados Unidos e ainda em forma aos 78 anos de idade, a baronesa empreende todo dia uma "vigorosa caminhada", embora não escale mais montanhas dos Alpes da Áustria cantarolando, como fazia na década de 30, quando era uma noviça beneditina e começou a viver a saga romântica e artística que a tornaria célebre.

Abandonando o convento, Maria foi designada nessa época para trabalhar como governanta das sete crianças do viúvo barão Georg von Trapp, com quem acabou casando-se e depois fugindo para os Estados Unidos, em 1938, perseguidos pelos nazistas. O casal chegou à América com dez filhos e apenas 3,5 dólares no bolso, mas nos anos seguintes acabou faturando vários milhões de dólares em espetáculos musicais e com os direitos autorais das diversas adaptações

de suas aventuras feitas no cinema, no teatro e na televisão. Até no Brasil, na esteira do enorme sucesso do filme e da peça teatral, foi televisionada uma paródia semanal, *A Família Trapp*.

Mesmo sendo beneficiada pelos direitos autorais das sucessivas adaptações, a baronesa von Trapp não quer saber de uma possível *Noviça Rebelde II*. "Farei tudo o que estiver ao meu alcance para impedir outro filme", diz ela. "Tudo de importante que podia ser dito já o foi na primeira vez, e cada sequência posterior foi inferior à original." A baronesa, agora, prefere viver apenas do trabalho de sua grande família, que inclui 29 netos. Boa parte dos von Trapp se ocupa da direção de um grande hotel em Stowe, nas montanhas nevadas do Estado americano de Vermont.

Reinaugurada no último Natal — a construção original foi destruída pelo fogo três anos atrás —, a "Pousada da Família Trapp" recebe turistas de todo o mundo para a prática de esqui, e a própria baronesa von Trapp se encarrega de supervisionar a loja de venda de lembranças e presentes do hotel, além de autografar para os visitantes exemplares dos cinco volumes de sua autobiografia. Nem mesmo reunir novamente a família para um concerto está nos planos do administrador do hotel, o filho mais novo da baronesa, Johannes, de 44 anos: "A maioria dos meus irmãos e irmãs já está na casa dos 60", diz ele. "Reuni-los para uma cantoria seria uma injustiça com nosso passado."

ELAINE ISSACSON



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Sílvia Faria, Thomaz Souto Corrêa, Angelo Rossi, José Augusto P. Moreira, Roger Karman, Plácido Loriggio, Ricardo A. Fischer

veja

Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: José Roberto Guzzo

Diretor Adjunto: Elio Gaspari

Redator-Chefe: Augusto Nunes

Editores-Executivos: Dorrit Harazim, Roberto Pompeu de Toledo
Editores: Casimiro Xavier de Mendonça, Guilherme Cunha Pinto, Marco Antônio de Rezende, Mário Sérgio Conti, Sílvia Ferraz, Tales Alvarenga
Editores-Assistentes: Alceu Nader, Antônio Machado, Eurípedes Alcântara, J.A. Dias Lopes, José Meirelles Passos, Miriam Paglia Costa, Okky de Souza, Roberto Manera

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÕES

SÃO PAULO - Repórteres: Antônio Coutinho, Antônio C. Prado, Emanuel Neri, Flávio Carvalhinho, Leda Beck, Leonardo Pimenta Mourão, Lúcia Bydlowski, Luciano Martins, Manoel Canabarro, Maurício Cardoso, Nanete Voltolini, Nelson Letait, Norma Couri, Roldão Arruda, Rose Delfino, Simon Widman, Vicente Dianez F.º - RIO DE JANEIRO - Chefe: Flávio Pinheiro; Editor: Marcos Sá Corrêa; Editor-Assistente: Ancelmo Góes, Dácio Malta; Repórteres: Antônio José Mendes, Bella Stal, Daniel Matos, Henrique José Alves, Kristina Michalchuk, Luciana Villas Boas, Lúcia Rito - r. da Passagem, 123, 9.º andar, fone: 295-5282, telex: (021)22674 - BRASÍLIA - Chefe: Merval Pereira F.º; Editores-Assistentes: Eli Teixeira, Guilherme Costa Manso, Hélio Doyle, Raimundo Costa; Repórteres: Graça Ramos, Luiz Martins, Odail Figueiredo Jr. - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9150, telex: (061)1464 - BELÉM - Repórter: Marcos Magalhães - av. Nazaré, 272, sala 905, fone: (091)224-7271, telex: (091)2294 - BELO HORIZONTE - Chefe: A.C. Scartezini; Repórter: César Ferraz - r. Prof. Antônio Aleixo, 755, Bairro de Lourdes, fone: 335-4129, telex: (031)1085 - CURITIBA - Chefe: Hélio Teixeira; Repórter: Pedro Cruz - r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, fone: 262-8942, telex: (041)5278 - PORTO ALEGRE - Chefe: Vitor Vieira; Repórter: Cíntia Hach - r. General Caldwell, 670, fones: 33-1899 e 33-1999, telex: (051)1092 - RECIFE - Chefe: Mauro Bastos; Repórteres: Antônio Magalhães, Nelson Torreão Jr. - r. Siqueira Campos, 45, 8.º andar, fone: 224-8566, telex: (081)1184 - SALVADOR - Chefe: João Santana F.º; Repórter: Paulo Alves - r. Itabuna, 304, Rio Vermelho, fone: 247-3999, telex: (071)1180 - WASHINGTON - Roberto Garcia - NOVA YORK - Odillo Licetti, Selma Santa Cruz - PARIS - Paulo Moreira Leite, Pedro de Souza - LONDRES - Alessandro Porro - BONN - Carlos Struwe - ROMA - Dirceu Brisola

Colaboradores: João Cândido Galvão, Luis Fernando Verissimo, Sônia Goldfeder

FOTOGRAFIA

Editor: Orlando Brito; Fotógrafos: Carlos Fenerich, Irmo Celso, João Bittar (São Paulo); Fernando Pimentel, Ricardo Chaves, Rogério Reis (Rio); Carlos Namba, Tude Munhoz (Brasília); Iugo Koyama (Belo Horizonte); Nani Góis (Curitiba); Adolfo Gerchmann (Porto Alegre); Manoel Novaes (Recife); Gildo Lima (Salvador); João Ramid (Belém)

ARTE E PRODUÇÃO

Paginação: Pedro de Oliveira

Capas: Sylvia Monteiro

Diagramação: Américo Ietto F.º (chefe), Carlos Mendes, Geraldo de Moura F.º, Mônica Dias, Pindaro Camarinha Sobrinho

Ilustração: Célia R. Silva, Norton Mattos, Paulo Nilson, Roberto Barbatto

Produção Gráfica: Fernando Mismetti, José Batista de Carvalho, Jurandir Xavier Chamusca

Pesquisa: Francisco Carlos de Andrade, Maria Amália Bernardi, Suzana Helena Schindler

SERVIÇOS EDITORIAIS

Diretor: Antônio F. Chamusca

Abril Press: João Carlos Geroldo (gerente) - Milão - Chefe: Laura Censi - International Business Centre, Corso Europa, 12 - Phone: 02-54-36331 e 54-56212-20122, Milano - Telex: 313585 e 332809 - Nova York - Chefe: Odillo Licetti - Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165 - Telex: 237670, Phone: (212)557-5990/5993 - Paris - Chefe: Pedro de Souza - 33, av. Champs-Élysées, 2.º Bureau 213 BIS-214 Paris 75008, Phone: 225-5865 - Telex: ABRILPA 660731F

Departamento de Documentação: Aute Rojas Barreto (gerente)

Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli (gerente)

Serviços Internacionais: Newsweek/ANSA/Associated Press/France Presse/UPI/Agência EFE/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas

DIRETOR-GERENTE: Ricardo Alberto Fischer

CIRCULAÇÃO

Diretor: José Antônio Soler

Gerente de Assinaturas: Fernando A. Costa

Atendimento ao Assinante: São Paulo: (011)826-9222; Rio de Janeiro: (021)295-5544; Recife: (081)224-6175; Salvador: (071)235-5037; Belo Horizonte: (031)337-1107; Porto Alegre: (051)233-9034; Curitiba: (041)263-3013; Brasília: (061)226-6963; Florianópolis: (0482)44-7980

PUBLICIDADE

Diretor: Orlando dos Santos Marques

Gerente: Antônio Sabino de Souza

Representantes: José L. Decourt Ricci, Júlio César Ferreira, René Luiz Castetari

Supervisor de Publicidade S.P.: Iberê R. Castro

Gerente de Atendimento ao Governo: Dreyfus Soares

Rio - Supervisor: Paulo R. Avil; Representantes: Jorge Brandão, Marco Antônio Sanseverino, Maurício Burmeister

Supervisor de Produção de Publicidade: João Carlos de Oliveira

GERENTES REGIONAIS

Belo Horizonte: Marisa Tavares Parreiras; Brasília: Luiz Edgard P. Tos-tes; Curitiba: Angelo A. Costa; Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo; Porto Alegre: Elcenho Engel; Recife: Geraldo Amaro Rodrigues; Salvador: Fernando Loureiro

Diretor de Criação: João Ventura Fornos Neto

Gerente Administrativo: João Cláudio Sandrini

EDITORIA ABRIL

Diretor de Publicidade: Oswaldo de Almeida Filho

Diretor de Circulação da Editora Abril: Raymond Cohen

Gerente de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cusi Jr.

Gerente de Promoção de Venda de Espaço: Haydée Gomes Guersoni

Diretor do Escritório Rio: Sebastião Martins

Assessor do Diretor Responsável: J.R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Sílvia Faria

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 (415)851-2408 - Telex: 334443 - Cables: GLOBALAD - UNITED STATES: Strube Coughlin Associates Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914)834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd. 28 Great Queen Street, London WC2B 5BB (01)242-6346, Telex: 27105 HOLZAN G - Cables: HOLZAMRIC LONDON WC2 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Aizawa Building 3F-2-14-6, Misaki-Cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03)230-41-17/8 - Telex: J26860 - Cables: REPETITV

VEJA é uma publicação da Editora Abril S.A./Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: av. Otaviano Alves de Lima, 4400 C.G.C. 60.598.059/0001-55, tel.: 266-0011 e 266-0022, caixa postal: 2372, telex: (011)22115, (011)36238, (011)36293 e (011)39855 São Paulo; telegramas: Abripres e Editabril. Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Preço da assinatura: 52 semanas: Cr\$ 70.000,00. Departamento de Assinaturas: av. Marquês de São Vicente, 1748, tel.: 826-9222, São Paulo. Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda., r. São Paulo, 235. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou do distribuidor de sua cidade. Em São Paulo: r. Brigadeiro Tobias, 773, Centro; r. Heliodora Emano Pereira, 267, Lapa; av. Industrial, 117, Santo André. No Rio: r. Sacadura Cabral, 141, Centro. Pedidos pelo correio: caixa postal 60171, São Paulo; telex: (011)33670 ABISA. Temos em estoque somente as últimas seis edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural, São Paulo.

IMPRESSO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



Carta ao Leitor

O grande comício realizado na semana passada em São Paulo, tema da reportagem de capa desta edição, foi uma das mais patentes demonstrações de apoio da população a uma idéia política jamais ocorridas no Brasil. A manifestação não apenas deixou claro, mais uma vez, qual o caminho que a maioria dos brasileiros prefere para se fazer a atual sucessão — mostrou, também, que o número de pessoas dispostas a sair de casa para expressar publicamente esse desejo é muito maior do que se poderia supor. Na verdade, o centro da questão não está no número de pessoas, maior ou menor, que foi ao comício. O essencial é que a população quer votar para presidente, fato acima de discussões e medido por pesquisas comprovando que mais de 80% dos eleitores se juntam nessa posição.

Foi desalentadora, em tais condições, a reação do governo ao comício paulista. É compreensível que o governo não goste de uma manifestação de massa que resulta contra ele. É natural, também, que, defenden-



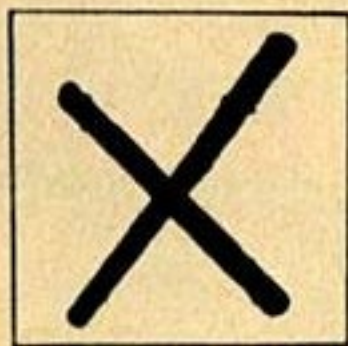
Praça da Sé, São Paulo, dia 25

do um ponto de vista diferente, lute para fazê-lo prevalecer no jogo político. O inquietante é ver o governo sustentar, como sustentou, que as pessoas foram ver um show artístico, ou que o comício não significa nada. Isso indica a recusa a ver a realidade, numa peculiar percepção do que acontece: se os fatos não combinam com aquilo que se quer, a saída é anular os fatos. Se o governo se nega a perceber o que ocorreu à vista de todos na

Praça da Sé, fica, na opinião pública, a desconfortável sensação de que em outras questões importantes ele também pode estar em ruptura com a vida real.

A outra questão apresentada pelo comício é a da responsabilidade que ora se coloca diante do Congresso Nacional. Órgão legítimo e representativo, ao contrário do Colégio Eleitoral, a ele cabe, constitucionalmente, a decisão de mudar ou manter o atual sistema sucessório. Seu veredito, aí, é soberano. Resta saber se deputados e senadores estão dispostos ou não a subordinar sua decisão ao manifesto desejo da maioria daqueles que os elegeram.

Índice



Capa

Num dos maiores comícios da história do Brasil, São Paulo pede a volta da eleição direta para a Presidência
Pág. 12



Brasil

O ministro Mário Andreazza faz em Brasília a abertura oficial da sua campanha para a sucessão indireta de Figueiredo
Pág. 24



Internacional
Reagan parte para a reeleição com o sucesso na economia e na obra de restaurar o orgulho de uma nação
Pág. 28

Cidades

Nas principais metrópoles brasileiras, a preocupação com a segurança espalha equipamentos de defesa por casas e prédios
Pág. 46



Economia

Almeida Braga compra a Golden Cross para o Bradesco por 20 bilhões e agita o mercado do seguro-saúde
Pág. 54



Música

Ritchie ganha as paradas de sucessos e lidera a escalada do rock nacional de boa qualidade
Pág. 70



ARTE	79
CARTAS	8
CINEMA	76
CRIME	66
DATAS	51
EM DIA	10

ENTREVISTA	5
ESPORTE	41
GENTE	44
LIVROS	62
LUIS FERNANDO VERISSIMO	9

MEDICINA	42
OLIMPIADA	38
PONTO DE VISTA	82
RADAR	27
SHOW	75
TELEVISÃO	64

A praça

Na Sé, em São Paulo, a maior



Brasil

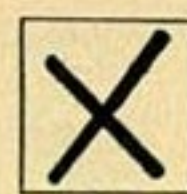
pede o voto

manifestação política dos últimos vinte anos





A multidão que foi à Praça da Sé...



A história das manifestações políticas da sociedade brasileira ganhou na quarta-feira da semana passada um novo marco de grandiosidade. Do alto da colina onde há 430 anos foi fundada a cidade de São Paulo, amontoadas por toda a Praça da Sé, 200 000 pessoas gritavam:

*Um, dois, três
Quatro, cinco, mil
Queremos eleger
O presidente do Brasil!*

Desde 1964, quando naquela mesma praça o governador Adhemar de Barros, de terço na mão, puxava a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, não se via no país manifestação popular daquele tamanho. Único nas proporções, o Comício da Sé foi singular também no objetivo. Era uma manifestação organizada

* Ida Guimarães, Ulysses Guimarães, Lucy Montoro, Leonel Brizola, Franco Montoro e Lula

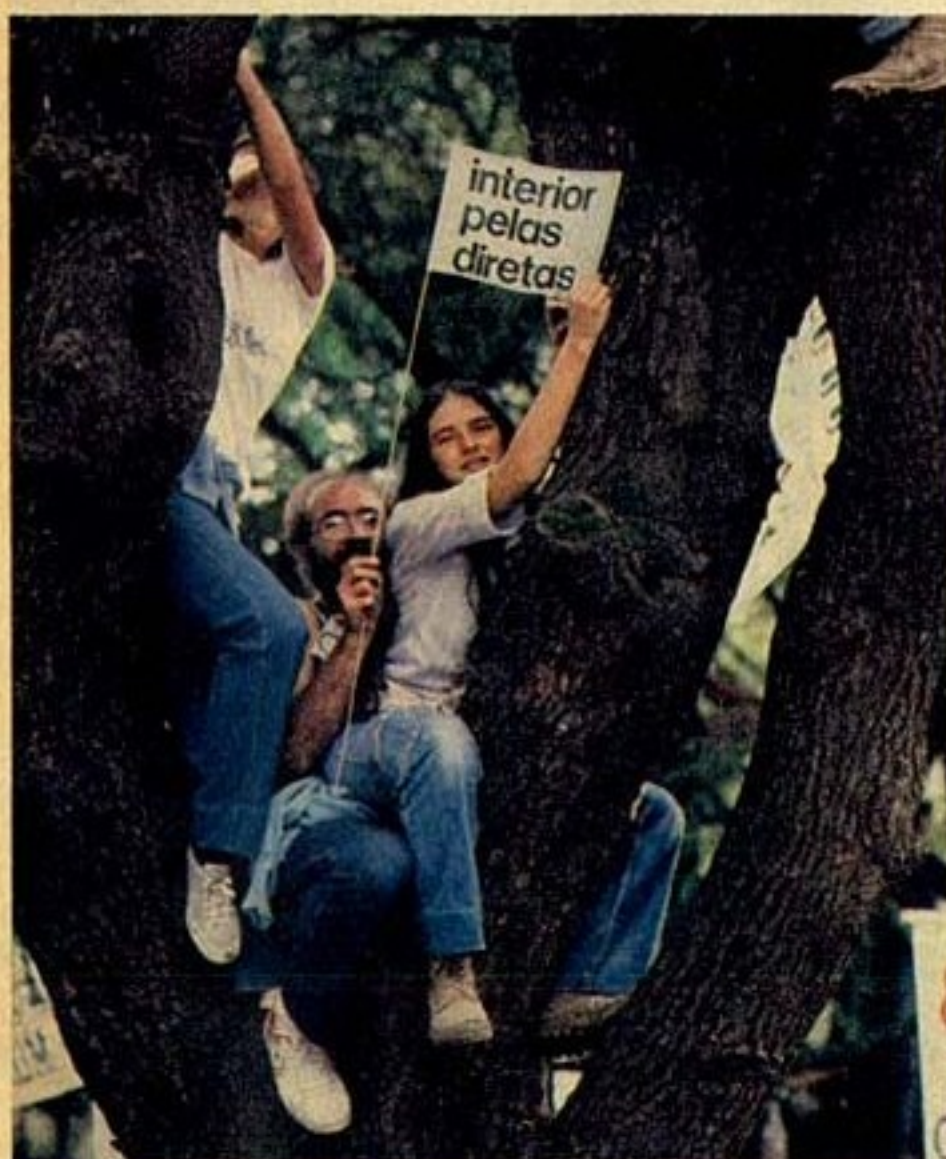
ORLANDO BRITO

No encerramento do comício, os partidos se unem ao som do Hino Nacional *



CARLOS FENERICH

...na quarta-feira passada registrou um novo marco de grandiosidade na história das manifestações políticas



ORLANDO BRITO

Lúcia: "Será uma grande asneira"

pelo governo Franco Montoro, do PMDB, mas ninguém estava especialmente interessado em aplaudi-lo. Era uma reunião de opositoristas, mas falar mal do governo do presidente João Figueiredo não veio a ser a preocupação central dos oradores ou dos manifestantes. Apesar de uma considerável debandada provocada por 2 horas de chuva, eles ficaram na praça, basicamente, em defesa de uma idéia — o restabelecimento da eleição direta para a Presidência da República, um princípio da tradição republicana expressamente suspenso no país desde 1966, mas já fora de uso na vida real há quase um quarto de século: a última eleição para presidente, a de Jânio Quadros, ocorreu em 3 de outubro de 1960.

Antes de convidar a multidão a cantar o Hino Nacional — entoado no palanque por líderes de diferentes partidos, de mãos dadas e erguidas para o alto —, o governador Montoro matou a saudade dos palanques: "Há pouco me pergunta-

ram quantas pessoas estão nesta praça — 300 000? 400 000? A resposta é outra: aqui estão 130 milhões de brasileiros", discursou Montoro, com o entusiasmo que os palanques sugerem. Pode ter exagerado na cifra, mas ficou perto da verdade essencial: na semana passada uma pesquisa do Instituto Gallup dava conta de que 81% dos entrevistados defendem a realização da eleição direta para presidente — ato do qual jamais participou qualquer cidadão brasileiro com menos de 41 anos de idade. "A Bastilha do Colégio Eleitoral caiu hoje, aqui em São Paulo", anunciava o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

Sem dúvida, Ulysses também exagerava, pois a Bastilha do Colégio Eleitoral não está nas praças do país, e sim no Artigo 74 da Constituição, que determina a realização da escolha do presidente da República por meio do Colégio Eleitoral, e esse obstáculo só pode ser removido se dois terços do Congresso Nacional

assim o decidirem (veja a reportagem da página 20). No entanto, se o Comício da Sé pudesse ser, desde já, algo equivalente à Queda da Bastilha, o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, teria assumido com perfeição o papel de Luís XVI. O monarca, no dia 14 de julho de 1789, escreveu um resumo da jornada no seu diário e ela resumiu-se a um "nada". Abi-Ackel achou a manifestação "normal e corriqueira".

Tanto o normal quanto o corriqueiro da vida política nacional há muito não sofriam impacto tão forte. Às 2 horas da tarde, quando ainda faltavam duas para o começo da manifestação e quatro para a abertura do comício, já havia cerca de 50 000 pessoas na praça. Bandeiras vermelhas do Partido dos Trabalhadores e a foice e o martelo dos partidos comunistas clandestinos balançavam em frente ao palanque. A

gigantesca estação de metrô da Praça da Sé jogava nos jardins em volta da Catedral milhares de pessoas, enquanto pequenas passeatas chegavam pelas ruas laterais. Numa, de artistas plásticos, ia a discretíssima pintora Tomie Ohtake. Outra, de funcionários da Caixa Econômica Estadual, era liderada pelo próprio presidente da empresa, Marcos Fonseca. Aos poucos a praça encheu-se e não restou à estudante Lúcia Maria Mandel, 20 anos, outro caminho senão subir numa árvore. Lá, convenceu-se de que "será uma grande asneira se o governo não escutar o clamor pela eleição direta".

Monumental na constituição física, o Comício da Sé sobreviveu a um duro golpe. É provável que a metade das pessoas que lá estavam no momento de maior aglomeração — às 17 horas, quando a chuva começou — não conseguiu ouvir o que se dizia no grande palanque de 120 metros quadrados erguido ao pé da escadaria da Catedral. "Havia duzentos alto-falantes espalhados pela praça e por sua vizinhança", informa João Dória Júnior, presidente da Paulistur, o braço da prefeitura municipal encarregado do som. "Mas quando começou a manifestação descobrimos que mãos misteriosas tinham cortado os fios que ligavam os alto-falantes ao palanque." Havia gente que nada ouvia e milhares de pessoas que nada viam, pois entre elas e os oradores havia árvores e faixas. A paraplégica Cristina Stummer, 40 anos, por exemplo, desembarcou na estação do metrô do Largo de São Bento, em sua ca-

deira de rodas, mas não conseguiu sequer chegar à Praça da Sé. Ficou a quase 1 quilômetro do palanque, sempre segurando um cartaz pela direita.

Também no palanque, houve momentos de grande confusão. A certa altura, um manifesto pedindo a legalização do Partido Comunista do Brasil foi lido ao microfone — e Montoro perdeu a paciência. "Quem está mandando aqui?", indagou Montoro, aos berros. "Se não tiver ninguém, eu assumo!" Mas, quando o Comício terminou ao som do Hino Nacional, Montoro estava eufórico e dezenas de milhares de pessoas encharcadas por mais de 2 horas de chuva foram para casa convencidas de que a eleição direta pode sair, desde que se saia de casa para ir buscá-la.

O comício foi organizado para apresentar uma mistura de políticos de todos os partidos e celebridades de todas as artes, devidamente munidas de crachás que davam acesso ao palanque. Às 16 horas, abrindo os trabalhos, o locutor esportivo Osmar Santos — que se tornaria a figura central do palanque, organizando a multidão e controlando até suas vaias — apresentou o cantor Moraes Moreira, intérprete do *Frevo das Diretas*. Haveria ainda Fernanda Montenegro, Chico Buarque de Holanda, Milton Nascimento, Sonia Braga, Bruna Lombardi, Irene Ravache e muitos nomes brilhantes da constelação da Rede Globo.

ESTRANHO FESTIVAL — A presença dos artistas levou o ministro da Justiça a dizer que "é muito comum, numa cidade como



Jânio na memória de Francisca

No dia 3 de outubro de 1960, quando Jânio Quadros obteve uma impressionante vitória na última eleição direta para a Presidência da República, uma família de ascendência japonesa residente em São Paulo preferia comemorar o nascimento de Francisca Sumita. Na quarta-feira passada, Francisca, casada e mãe de dois filhos, estava no comício da Sé. "A direta é o único caminho", diz. Jânio preferiu ficar no Guarujá — festejando em família seu aniversário.

MARISA CARRIÃO



ROGÉRIO REIS

A conversão de uma colunável

A socialite Bárbara Gancia, 27 anos, da família que dá seu sobrenome ao vermute, votou em 1982 no candidato do PDS ao governo estadual, Reynaldo de Barros. Mas foi à Sé carregando uma vistosa faixa com a frase: "Só é contra eleição direta quem não confia em si e nunca conquistou nada".

São Paulo, uma multidão se reunir para ver artistas contratados para um comício". Aborrecidos com o comentário, os artistas que foram à Sé decidiram interpelar judicialmente Abi-Ackel. Sentiram-se ofendidos pelo uso da palavra "contratados", já que foram ao comício sem cobrar nada, ao contrário do que sucedeu em novembro de 1982, num dos últimos comícios do PDS, no Rio de Janeiro, quando o presidente João Figueiredo foi levado a uma manifestação apresentada pelo showman Sergio Mallandro, contratado por uma agência de publicidade.

O Comício da Sé mostrou que artistas atraem simpatia, mas um chão de estrelas, sozinho, não basta para segurar uma grande manifestação. A idéia comum da eleição direta, dependurada nas faixas e bandeiras coloridas, formava na praça um estranho festival. Embrulhado na bandeira brasileira, perdido no meio da multidão e cercado de militantes do PT, podia-se achar o financista Geraldo Forbes. A alguns milhares de pessoas de distância estava José Silva Prado, um empregado de açougue de Rio Claro, no interior de São Paulo, que se tornou servente de pedreiro há um mês, levado pelo desemprego. Ele viajara 176 quilômetros com três filhos. "Temos que virar a mesa", achava Prado. "O que eu puder fazer para mudar as coisas, faço."

TÁTICA CERTA — O sentimento comum da eleição direta, contudo, não foi suficiente para conciliar boa parte da multidão com o PDS e o PTB, que depois das eleições de 1982 se aproximou do governo. Rubens Benazzio, do PTB,

prefeito do município paulista de Agudos, não conseguiu atravessar os 2 minutos que o programa lhe permitia, tamanha a vaia que lhe era oferecida. Osmar Santos, ao constatar esse descaminho, previu que o pior viria em poucos minutos, pois falaria o prefeito de Novo Horizonte, Sidney Biasi, do PDS. O locutor lembrou que a manifestação era "suprapartidária" e teve a idéia de entrevistar

Biasi, um corpulento e pitoresco vaqueiro, chapéu na cabeça, cujos bigodes àquela altura tremiam. A tática deu certo — e Biasi pôde fazer seu apelo final: "Que Deus ilumine o Congresso para que possamos eleger diretamente o presidente".

Pouco depois era a vez do vice-governador paulista, Orestes Quércia. Tarimbado palanqueiro e realista o suficiente para saber que receberia vaias dos militantes do PT e da esquerda do PMDB, organizados em blocos na esplanada defronte ao palanque, Quércia entrou atirando. Acusou "esses generais-presidentes" de "não trabalharem", lembrou que "o presidente Figueiredo chegou a dizer que não tem vontade de ficar no cargo" e chamou o governo de "incompetente". O vice-governador fez o discurso mais exaltado da tarde e tirou dos adversários, com isso, o gás que acenderia suas vaias.

Depois de Quércia começou a chuva. Associado às deficiências do som, o aguaceiro formava razão suficiente para destruir qualquer comício. Afinal, pode-se ficar numa manifestação sem ver nem ouvir, mas, molhando-se, chega a ser exagero. A adversidade subtraiu ao comício, aos poucos, um bom pedaço de platéia. Segundo o arquiteto Ernest Mange, responsável pela última reforma da Praça da Sé, no momento de maior concentração, pode-se estimar que lá estivessem 200 000 pessoas.

Aquilo que deveria ser o momento deci-



FOTOS MANOEL NOVAES

"Nos comícios a gente aprende"

Sempre que puder, o projetista Rui Pinho de Camargo, 61 anos, sairá de Campinas a bordo de seu Gol para engrossar a campanha pela direta, como fez na Sé. "Gosto de ouvir a opinião dos outros e aprender", diz. "E acho que o governo deveria deixar que o povo decida o futuro do país."

sivo da manifestação — os discursos dos governadores Franco Montoro e Leonel Brizola, bem como do deputado Ulysses Guimarães e do presidente do PT, Luís Ignácio Lula da Silva — encontrou um público menor do que o reunido antes do início da manifestação.

RACIOCÍNIO COMPLEXO — Brizola assegurou que fora a maior manifestação que já vira em toda a sua vida, informou que o próximo grande comício será no Rio de Janeiro e consumiu muito mais que os três minutos destinados a cada orador. Montoro pediu que se apressasse, mas isso só ocorreu quando a ala esquerda da multidão, formada basicamente por uma concentração de petistas, passou a gritar por Lula. Minutos depois, Lula falou — e o PT começou a deixar ostensivamente a praça durante o discurso de Montoro.

Enquanto Brizola, que há quatro meses aceitava a prorrogação do mandato do presidente João Figueiredo por dois anos, em troca de eleição direta em 1986, prometia um “comício pluripartidário”, os núcleos do PT que saíam do comício indicavam que a oposição brasileira pode organizar a maior manifestação política dos últimos vinte anos, mas ainda não é capaz de chegar unida ao seu fim.

Fafá da direta e a explosão do hino da campanha

Fafá de Belém não resistiu à emoção de ouvir a fala de Teotônio Vilela que encerra a faixa *Menestrel das Alagoas*, de seu último disco, e chorou ao lado do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) e do prefeito de São Paulo, Mário Covas. Talvez tenha sido esse o momento mais comovido do comício da Praça da Sé, quando parte do público cantou com ela a composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, em homenagem ao falecido senador alagoano, transformada por Fafá em quase um hino da campanha pró-direta. Ela própria convertida na “menestrel da direta” — e transformada na estrela maior do elenco de artistas engajados na campanha — encara sua participação no movimento como uma obrigação. “Nós, os artistas, devemos ter consciência do que acontece na sociedade e assumir posições”, acredita.

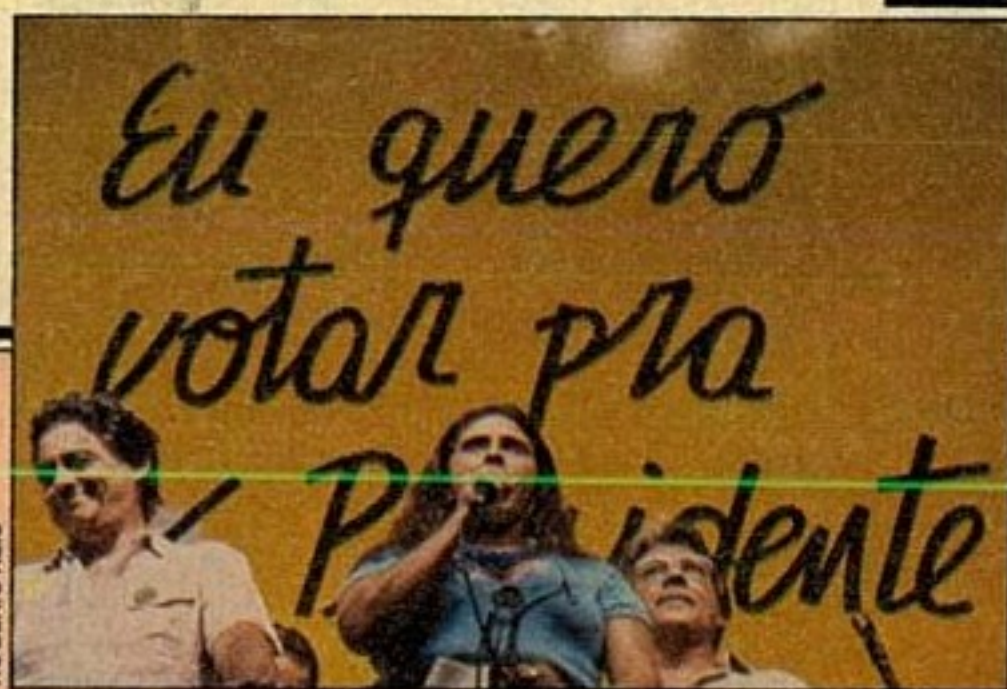
A participação política de Fafá in-

No governo federal, o Comício da Sé foi recebido com duas atitudes diversas. Uma, real, de apreensão pelas suas dimensões. Outra, construída, de serenidade. “O que sensibiliza o governo é o resultado eleitoral, que consagrou a maioria do PDS”, disse em Belo Horizonte o porta-voz da Presidência da República, Carlos Átila.

Num raciocínio bem mais complexo — talvez o mais acrobático dos últimos tempos —, o líder do PDS na Câmara, deputado Nelson Marchezan, observou que a vontade popular não deve ser necessariamente vista como a expressão do melhor para um país. “Hitler fez o nazismo com 100% do povo a seu favor”, lembrou o deputado. Ainda que em tese a idéia de Marchezan tenha lógica, pois as maiorias podem errar, seu exemplo contém um equívoco. Hitler chegou ao cargo de primeiro-ministro, em janeiro de 1933, por meio do sistema indireto, no bojo de uma coligação parlamentar, já que o partido nazista era minoritário. Um ano antes, concor-

rendo à Presidência da República em eleição direta, Hitler foi derrotado pelo marechal Paul von Hindenburg por 7 milhões de votos de diferença.

Se algum dia teve o apoio de 100% do povo alemão, isso aconteceu depois que, com a ajuda do então presidente da Câmara, Herman Göring, em fevereiro de 1933, ele incendiou o Congresso, deu um golpe, prendeu a oposição e deixou de fazer eleições. Reações como as de Abi-Ackel, Átila e Marchezan sugerem que o governo, cujo direito de não desejar a direta faz parte do jogo político, prefere não discutir o que vê. Mais coerente, por exemplo, é a posição do último brasileiro eleito presidente da República pelo voto direto. Diz Jânio Quadros: “Sou favorável à eleição direta, mas não creio que ela venha agora”.



Com Fernando Henrique e Covas

tensificou-se há pouco mais de um ano, quando apoiou diversos candidatos do PMDB a governos estaduais. Hoje ela trai uma crescente simpatia pelo PT, mas não pretende filiar-se a qualquer partido, pelo menos a curto prazo. No momento, a cantora está exclusivamente dedicada à campanha pela direta, numa pregação musical que a tem levado a diferentes Estados. A 5 de janeiro, ela foi a protagonista do “comício-show” realizado em Olinda para oficializar o início do movimento pró-direta em Pernambuco, e no dia 14 estava em Camboriú, Santa Catarina, também para cantar durante uma manifestação. Admiradora de Teotônio Vilela, defende, como ele defendia, o caráter suprapartidário dessa luta, argumentando que a campanha deve absorver também o apoio de políticos do PDS contrários à via indireta.



Em Olinda: o auge do comício

Aos 27 anos, “com uma vontade louca de votar pela primeira vez para presidente”, Fafá de Belém sentiu na Praça da Sé uma das emoções mais fortes de sua vida, apenas comparável à gravação da música *Menestrel das Alagoas*, quando, paralisada, não conseguia sair do estúdio da Som Livre. Irradiando otimismo — característica que considera um ponto de identificação entre ela e Teotônio —, confia no crescimento das manifestações populares após o comício de São Paulo e atribui à classe artística o papel de avalista desse processo. “O povo que confia em nós”, analisa, “acaba perdendo o medo de reivindicar aquilo que é seu direito.”

JULIO JACOBINA

Sílvio Santos. Esta é a sua vida.



A vida do Sílvio Santos não é um livro aberto: é uma televisão ligada. Todos conhecem sua vida profissional, o seu programa líder de audiência, todos acompanham o seu namoro com a TV, até conseguir um canal que resultou no Sistema Brasileiro de Comunicações, uma das divisões do conglomerado de empresas do Grupo Sílvio Santos.

Por isso, a TVS e o SBT têm a quem puxar: sua rede de comunicações, com mais de 2.500 funcionários, conta com vinte emissoras nos principais Estados, que re-

presentam 91% dos domicílios com TV no País, a segunda maior audiência nacional.

Nada mal, se você considerar que fazem apenas 2 anos que o SBT foi ao ar pela primeira vez, no dia da assinatura de sua concessão, fato inédito na televisão brasileira.

O Grupo Sílvio Santos sabe que isso é apenas o começo. E promete muito mais para 84. Palavra de um dos maiores homens de TV deste país.



**GRUPO
SÍLVIO SANTOS**

25 anos 49 empresas
16.000 funcionários

JANEIRO

12



Curitiba: 30 000 pessoas na Boca Maldita

A força da indireta

O regime procura atravessar a crise, que considera passageira, sem abrir mão da indireta



Diante do noticiário que chegava a Brasília na noite de quarta-feira da semana passada, narrando os detalhes do Comício da Sé, o deputado Thales Ramalho (PDS-PE), um dos mais experimentados políticos brasileiros, observava: "Isso prova o que a gente já sabe. O povo quer votar para presidente. Mas você pode trazer aqui para Brasília dois comícios desse tamanho e não há nada deste mundo que faça alguns deputados e senadores do PDS votarem a emenda constitucional necessária para fazer a eleição direta. Tem gente que não muda de opinião com manifestações populares. Só com tanque". Com sua frieza, o deputado mostrava que há uma distância muito grande entre praças cheias e os dois terços de senadores e deputados indispensáveis para alterar a Constituição, no seu artigo 74, transformando a escolha do futuro presidente da República numa eleição direta, a primeira desde 3 de outubro de 1960.

A batalha legislativa que deverá ser vencida pela campanha da direta é tão simples quanto árdua. Tramitam hoje no Congresso Nacional cinco emendas tratando do mesmo assunto, que, por acor-

do entre os partidos, foram enfeixadas numa só. Essa emenda, por decisão do presidente do Senado, Moacyr Dalla, depois de uma reunião com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, será submetida à votação no próximo dia 11 de abril, uma quarta-feira. Para ser aprovada, a emenda precisará de votos de pelo



Porto Alegre: Tancredo Neves fala aos 3 000 participantes da passeata

menos 46 senadores e 320 deputados. Os quatro partidos de oposição somam apenas 24 senadores e, portanto, a emenda não vive se não obtiver o apoio de 22 senadores do PDS. O Palácio do Planalto está convencido de que essa barreira é intransponível. No entanto, como a votação da emenda começará pela tomada dos votos da Câmara, montou-se primeiro uma estratégia para derrubá-la por falta de votos de deputados.

MOSTRAR AS CARTAS — Na Câmara, todos os partidos de oposição, juntos, somam 244 cadeiras, necessitando de 76 deputados do PDS para mudar as regras do jogo. Na semana passada, indicando que o PDS é permeável à idéia da direta, a

metade de sua bancada estadual pernambucana — 14 em 28 deputados — anunciou que divulgará um manifesto a favor da mudança. Mesmo assim, há um freio. O líder antidireta, deputado Gerson Peres, um malufista do Pará, anunciou que já dispõe da assinatura de mais de um terço de seus colegas, comprometendo-se a votar contra a emenda. Peres diz ter 162 compromissos já assinados e vinte telegramas de apoio, mas a força de seu freio é relativa. Nem as assinaturas nem os telegramas têm valor definitivo, pois no Parlamento o que conta é voto. Ademais, Peres recusa-se a mostrar a lista. "Recebi um apelo de deputados para só mostrar os documentos quando passar essa campanha demagógica da oposição."

E se a campanha não passar, prosseguindo até o dia 11 de abril? Nesse caso, os parlamentares contrários à eleição direta deverão mostrar suas cartas. É improvável que tenham de ir até a votação, pois há sempre o recurso de evitá-la negando-se o quorum no Senado, onde o PDS tem maioria. Do lado da oposição, os meses de fevereiro e março serão consumidos nas praças. A campanha iniciada no dia 12 de janeiro, em Curitiba, já passou por Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Camboriú (SC), mostrou-se vigorosa na quarta-feira passada na Sé, avançou na sexta até Olinda (PE) e passará por dois grandes testes nas próximas semanas: um no Rio e outro em Belo Horizonte. "No dia 11 de abril haverá uma grande romaria em direção a Brasília",



Camboriú, em Santa Catarina: 5 000 pessoas na Praça Almirante Tamandaré



Salvador: 15 000 pessoas na Praça Municipal

garante o deputado Ulysses Guimarães. "Vou requerer à presidência do Congresso que faça a reunião com as galerias vazias", contra-ataca Gerson Peres.

ESTUÁRIO E NASCENTE — Todas as indicações do ritual parlamentar sugerem que a emenda será destruída no dia de sua votação. No entanto, quer para o governo Figueiredo, quer para seu partido e até mesmo para os candidatos do PDS à Presidência, isso poderá ser uma vitória, e, ao mesmo tempo, o prenúncio de um temporal. A questão da forma como será eleito o próximo presidente é acima de tudo o reflexo da crise nacional — parece-se mais a um estuário dos problemas do que a uma nascente. Afinal, não é a primeira vez que a crise de um regime se disfarça de crise da sucessão. Em 1922, a anemia da República Velha exibiu-se na sucessão do presidente Epitácio

Pessoa pelo mineiro Arthur Bernardes. Quatro anos depois, o mesmo regime acabaria na Revolução de 30, que se disfarçara em crise da sucessão do presidente Washington Luís.

Com a maior inflação de todos os tempos, a queda da renda dos cidadãos, a bancarrota cambial e uma crise de credibilidade sem paralelo nos últimos vinte anos, o governo procura atravessar essa borrasca que considera transitória garantindo sua continuidade por meio de um candidato e a continuação do regime pela eleição indireta. Para parlamentares do próprio PDS, as dificuldades políticas deste início de ano são apenas uma ponta do que haverá de vir nos próximos meses. Uma disputa entre Mario Andreazza, Paulo Maluf e Aureliano Chaves na convenção de setembro dividirá irremediavelmente toda a base governista e aquele que dela sair vencedor difícil-

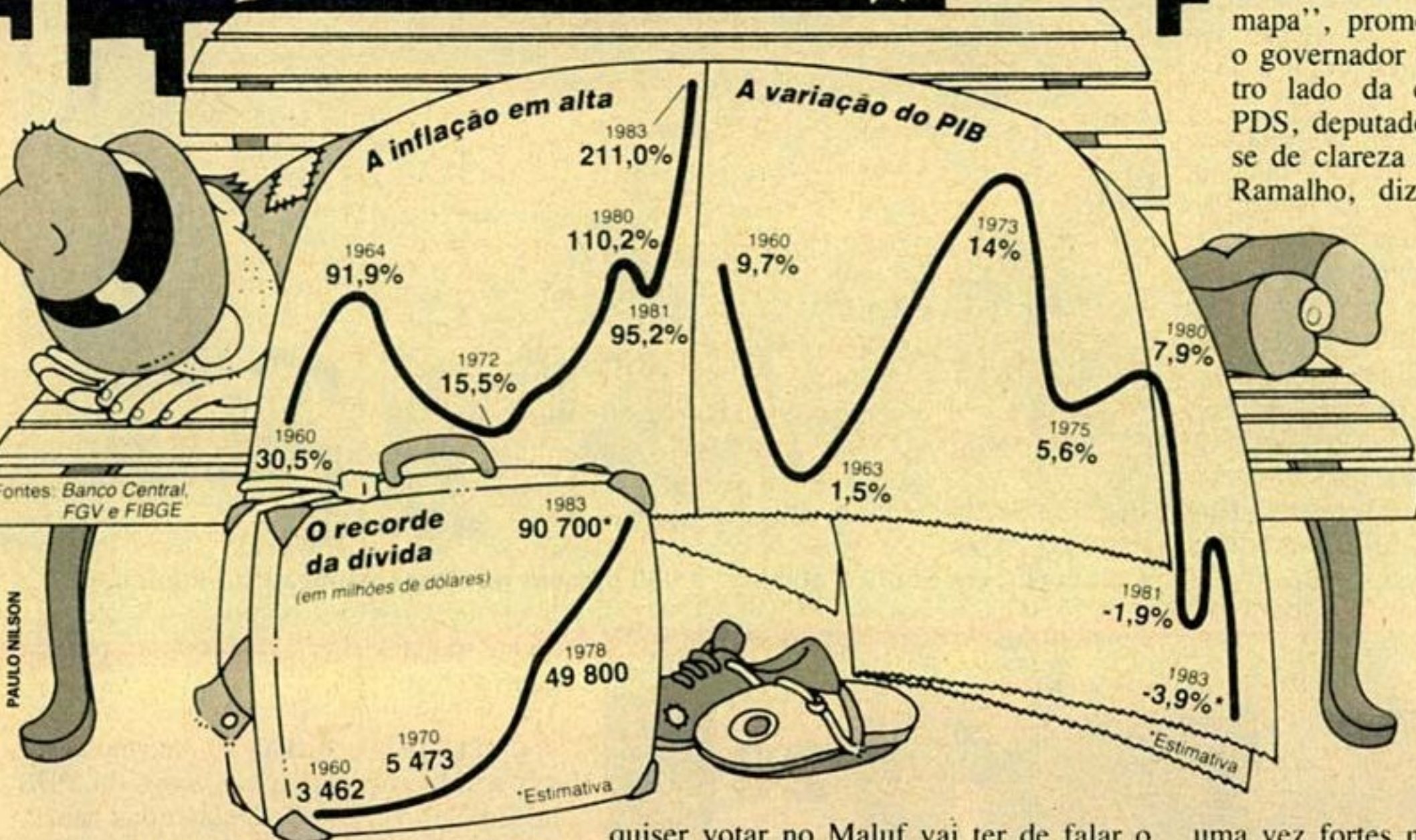
mente poderá dizer que tem o partido consigo.

OMELETE DE SIGLAS — Ademais, como a diferença entre os votos do PDS no Colégio Eleitoral e a soma das bancadas oposicionistas é de apenas 36 votos, bastará que 37 pedessistas digam que não votarão no candidato oficial do partido para que a eleição de janeiro de 1985 se transforme numa omelete de siglas e candidatos. Nessa direção, o de-



Olinda: Arraes fala para 15 000 pessoas

Os números do regime



vembro do ano seguinte, a 18 meses de distância. "O PDS será varrido do mapa", prometia no palanque da Sé o governador Leonel Brizola. Do outro lado da cerca, o presidente do PDS, deputado José Sarney, valendo-se de clareza semelhante à de Thales Ramalho, dizia, na sexta-feira, em

Recife: "Nós não nos podemos enganar e pensar que os militares vão aceitar um Brizola ou qualquer outro incendiário no poder. E é este o risco de uma eleição direta agora".

Numa ponta do seu raciocínio, Sarney pode estar usando em vão o forte nome dos militares. Noutra ponta, porém, as chances do governador fluminense num pleito direto mostraram-se mais

putado Thales Ramalho dá um depoimento: "Na convenção o voto é secreto, mas no Colégio é aberto. Você tem que abrir a boca e pronunciar claramente o nome do candidato em quem vota. Não há hipótese de eu gritar lá da minha cadeira essas três palavras: 'Paulo-Salim-Maluf'. Elas não passam pela minha garganta e não há neste mundo quem me faça dizê-las. Agora, quem

quiser votar no Maluf vai ter de falar o nome dele na frente de todo o mundo".

A verdade é que o campo onde a sucessão será decidida haverá de ser o Colégio, e não a convenção do PDS. E mesmo que os melhores sonhos dos candidatos se convertam em realidade, o novo presidente assumirá no dia 15 de março de 1985, ainda em plena crise econômica, devendo fazer eleição para governador, senador e deputado no dia 15 de no-

uma vez fortes na semana passada. Numa eleição simulada no Clube de Engenharia, no Rio de Janeiro, Brizola teve 12 284 votos, seguido do ex-ministro Hélio Beltrão com 7 587 e do vice-presidente Aureliano Chaves com 4 420. Tancredo Neves e Ulysses Guimarães quase empataram com pouco mais de 2 000 votos. A lanterna ficou para o ministro Mário Andreazza (735), batido nessa disputa por Maluf (918).

Nas democracias, a alternância pelo voto indireto

Com a sucessão de comícios, cada vez se enraíza mais no país a idéia de que a eleição direta para a Presidência é a forma por excelência, senão a única, para o exercício pleno da democracia. A realidade, no entanto, é mais complexa. Se forem usados os critérios da possibilidade de os partidos se alternarem no poder, e do respeito aos direitos públicos e individuais, há hoje no mundo, entre as 169 nações independentes, apenas 33 países efetivamente democráticos — e com grau de estabilidade suficiente para se considerar a democracia, neles, uma situação permanente. Trata-se, basicamente, dos países da Europa Ocidental, Estados Unidos, Japão, Canadá, Austrália,

Nova Zelândia e casos isolados na América Latina e Ásia. Desses 33 países, 23 escolhem seus governantes através do voto indireto, mesmo porque quase todos vivem em regime parlamentarista.

"Em todos os sistemas políticos os governantes dizem que representam o povo", diz o professor Juan Linz, da Universidade Yale, tocando no centro da questão. "O que varia é a maneira como o povo confere representatividade a seus governantes." Ao se identificar o pleito direto com a democracia, pode-se cair em erros grosseiros. No Paraguai, por exemplo, o presidente é eleito diretamente, mas o general Alfredo Stroessner governa o país desde 1954, suprimindo as liberdades e perseguindo opositores. Stroessner foi reeleito presidente seis vezes consecutivas e a alternância no poder inexistente. Já na Índia, onde o sistema eleitoral é indireto, a alternância foi

levada às últimas consequências. Em 1977, depois de uma humilhante derrota eleitoral, a primeira-ministra Indira Gandhi não só saiu do governo como foi parar na cadeia, acusada de corrupção e abuso de poder. Dois anos depois, porém, os indianos, sempre usando o voto indireto, reconduziram Indira ao cargo de primeira-ministra.

Mesmo em regimes formalmente monárquicos, como a Suécia e a Inglaterra, a democracia possibilita que os partidos disputem e assumam o governo pelo voto indireto. Mas o contrário também é válido: nos 23 países socialistas, a manipulação do voto indireto permite que os partidos comunistas se eternizem no poder, depois de destruírem os partidos de oposição. O centro da questão é simples. O que importa não é o sistema, direto ou indireto, mas sim se um regime é ou não genuinamente democrático.

Um grande aliado

Geisel apoiará Aureliano com carta pública

Uma das mais importantes peças da sucessão presidencial move-se esta semana: o ex-presidente Ernesto Geisel apoiará publicamente o candidato Aureliano Chaves enviando-lhe uma carta até sexta-feira, o dia do lançamento oficial de sua campanha em Belo Horizonte. Com isso, o vice-presidente ostentará o mais poderoso apoio individual dentro do esquema situacionista, pois os maiores trunfos do deputado Paulo Maluf são o general Golbery do Couto e Silva e o senador Roberto Campos, enquanto o ministro Mário Andreazza ainda não pode exibir publicamente o apoio que lhe foi assegurado pelo presidente João Figueiredo, há duas semanas.

Geisel dirá no documento de apoio a Aureliano que, embora não tenha voto na convenção do PDS, nem assento no Colégio Eleitoral, tem o direito de cidadão e o dever — como ex-presidente da República — de manifestar a sua posição diante da sucessão presidencial. Ao explicar a razão de sua preferência, Geisel firma-se em três virtudes que enxerga em Aureliano. A primeira é a de que vê nele, no presente quadro nacional, o melhor dos aspirantes ao cargo. Na segunda, o ex-presidente lembra a importância do apoio que o candidato tem junto à opinião pública. Na terceira, Geisel refere-se à conduta ilibada com que viu o ex-governador de Minas Gerais conduzir-se no exercício de cargos públicos.

Geisel mostra-se convencido, em sua carta, de que os convencionais do PDS, levando em conta os interesses nacionais, haverão de dar a vitória a Aureliano. Com isso, verifica-se que os três grandes articuladores da sucessão de 1978 — Geisel, Golbery e Figueiredo — tomaram em 1984 caminhos diversos, numa das mais surpreendentes mudanças públicas sucedidas no núcleo do poder desde 1964. Até o dia 29 de dezembro, quando o presidente João Figueiredo abriu mão da posição de coordenador da sucessão, Geisel tinha preferência por Aureliano, mas recusava-se a tratar publicamente do assunto. Depois da abdicação, porém, comentou: “Estou liberado”. Na terça-feira da semana passada

ele decidiu apoiar Aureliano publicamente e, na noite de sexta, começou a estudar o texto da carta que lhe enviará.

METEOROLOGIA — O apoio de Geisel a Aureliano fortalece o vice-presidente e conclui um processo de divisão dentro do PDS iniciado pelo aparecimento da candidatura Maluf e ampliado pela simpatia, embora ainda não expressa publicamente, de Figueiredo por Andreazza. Essa preferência do presidente, para quem a hipótese de preferir o vice como seu sucessor está descartada desde o seu retorno da cirurgia cardíaca a que se submeteu em Cleveland, no ano passado, fez com que na semana passada Aureliano se afastasse de sua comitiva, que visitava Minas Gerais.

O vice-presidente permaneceu em sua fazenda em Três Pontas, a 343 quilôme-

ber que esse fato chegou ao conhecimento do Planalto, Aureliano respondeu a um repórter que, na fazenda de Três Pontas, lhe pediu um esclarecimento: “Não tenho satisfações a dar”.

VELHAS RAÍZES — O vice-presidente, a partir do lançamento oficial desta semana, marchará com sua candidatura com algumas vantagens e muitos obstáculos. Tem apoios prestigiosos como o de Geisel, do banqueiro Olavo Setúbal e da maioria do grande empresariado paulista. Faltam-lhe, porém, governadores de Estado: entre eles dispõe apenas de Luís Gonzaga Motta, do Ceará, que tornou pública sua adesão a Aureliano na semana passada. Faltam-lhe também convencionais, pois nem sequer uniu o PDS mineiro em torno do seu nome. Em compensação, pelo menos um governador nordestino assegurou a

VEJA que se anuncia publicamente favorável a Andreazza, pois não quer sofrer uma “seca de verbas federais”, mas já não acredita na persistência de sua candidatura. Esse governador espera apoiar Aureliano em poucos meses.

A postura do vice-presidente difere muito do estilo de Maluf e Andreazza. Ele disse a um correligionário, por exemplo, que não pretende cortejar convencionais, indo de casa em casa. Também ao contrário dos outros dois, Aureliano mostra-se mais próximo da eleição direta. “Não é preciso fazer nenhuma verificação para concluir que a opinião pública brasileira é maciçamente fa-

vorável à eleição direta”, disse ele no dia seguinte ao Comício da Sé. “Trata-se de um axioma e, como tal, não precisa ser demonstrado para que se prove a sua verdade. Pode-se questionar apenas a oportunidade. Se houver um entendimento partidário, pode ser feita imediatamente, sobretudo porque nenhum partido incluiu em seu programa a defesa da eleição indireta.”

Enquanto Maluf e Andreazza exibem bases diferentes e programas semelhantes, Aureliano parece buscar uma trilha capaz de fazer renascer as velhas raízes de seu partido de origem, a UDN, cavalcando uma mistura de moralidade com defesa das liberdades públicas. Para isso, dispõe de biografia. Foi um administrador de contas respeitado pela oposição e o primeiro político do PDS a defender a anistia, em 1977.



O vice e o ex-presidente: mudança de rumos na sucessão

tros de Belo Horizonte, enquanto Figueiredo viajava pelos municípios de Ouro Preto e Mariana. A ausência de Aureliano foi explicada pelos mais diversos malabarismos. “Ele estava fora do protocolo”, informou o ministro da Indústria e do Comércio. “O tempo não estava bom e eu chegaria atrasado a Mariana, de modo que preferi ficar por aqui”, informou o próprio Aureliano. Essa foi a explicação recebida pelo Palácio do Planalto, onde o porta-voz Carlos Átila atribuiu a ausência de Aureliano “a um problema meteorológico”.

No Palácio, contudo, sabia-se que, se o vice-presidente quisesse ter ido a Mariana, a chuva que o impedia de decolar de Três Pontas não caía sobre a pista da cidade de Varginha. Ali, um avião Bandeirante decolou com destino a Belo Horizonte no exato horário que permitiria a Aureliano encontrar-se com Figueiredo em Mariana. Ao sa-

CÉLIO APOLINÁRIO



TUDE MUNHOZ

Andreazza entrega a Sarney o resumo de suas idéias: "Vou ganhar a convenção"

SUCESSÃO

Andreazza levanta vôo

*O ministro do Interior
lança sua candidatura e monta a equipe
que cuidará da campanha*

Feliz com a movimentação que acabara de testemunhar, o senador Carlos Chiarelli, do PDS gaúcho, deu sua nota para a festa do lançamento oficial da candidatura do ministro do Interior, Mário Andreazza, à Presidência da República, na última terça-feira em Brasília: "Andreazza passou no vestibular de eficiência eleitoral", disse. Antes de emitir tal juízo, Chiarelli analisara a solenidade na sede do PDS, onde Andreazza divulgou um resumo de seus planos de governo reunidos num livreto com o título "Democracia-Trabalho-Justiça Social", e em seguida medira a animação do almoço que juntou, na Churrascaria do Lago, cerca de 1 200 convivas. Feitas as contas, o senador gaúcho, e com ele a maioria dos partidários de Andreazza, estava convencido de que a candidatura do ministro deixara de voar em baixas altitudes. Ao lançar-se oficialmente, Andreazza ganhou o gás que lhe parecia faltar desde que o presidente João Figueiredo renunciou à tarefa de coordenar a sucessão.

"Foi uma demonstração de força", concordou o chefe do Gabinete Civil da

Presidência, ministro João Leitão de Abreu, pouco simpático às pretensões de Andreazza. Segundo a assessoria do candidato, 216 convencionais do PDS, representando 303 votos, compareceram à festa, reforçada pela presença de oito dos treze governadores de Estado filiados ao partido. Em termos numéricos, festejava a equipe de Andreazza, o ministro superou amplamente a manifestação organizada na semana anterior, também em Brasília, para o lançamento formal da candidatura do deputado Paulo Maluf, que reunira sessenta convencionais. Assim, na noite de terça-feira, instalado em sua casa na Península dos Ministros, já de camisa esporte com as iniciais bordadas no peito, Andreazza tinha bons motivos para acreditar que deslanchara.

NA LINHA DE FRENTE — Teria outro excelente motivo para alegrar-se no dia seguinte, quando o ex-governador da Bahia, Antonio Carlos Magalhães, anunciou a adesão da numerosa bancada de convencionais baianos liderada por ele e pelo governador João Durval à candidatura de Andreazza. Antonio Carlos decidiu

divulgar sua entrada na linha de frente andreazzista depois de um encontro com o presidente João Figueiredo — mais um indício de que, na audiência concedida ao ministro do Interior no último dia 16, Figueiredo prometeu apoiá-lo, embora jogando recuado. Andreazza desmente que tenha havido tal promessa. "O presidente nunca me falou a esse respeito, nem antes nem agora", assegura. Com ou sem apoio presidencial, Andreazza informa que disputará a convenção do PDS. "E vou ganhar", avisa. No dia seguinte, já como candidato declarado, voou para o Piauí e ali iniciou sua campanha em campo aberto.

Para ganhar, o ministro tratou de eliminar as manchas de improvisação que prejudicavam o quadro de sua campanha. Desde a semana passada, ela é coordenada por Paulo Pimentel, ex-governador do Paraná e presidente do PDS no Estado, e a sustentação financeira tem o aval de doze empresários, quase todos do ramo da construção civil. "Teremos um empresário amigo em cada Estado, coordenando a arrecadação de fundos", informa um dos integrantes do "grupo dos 12", o mineiro Wandaick Wanderley. Esses amigos do ministro patrocinaram, por exemplo, a instalação do escritório político de Andreazza num edifício do Setor Comercial Sul. O aluguel por um ano das catorze salas do escritório — que incluem uma sala de imprensa, outra equipada com telex e um auditório com cinquenta lugares — custou 7,7 milhões de cruzeiros, pagos antecipadamente. A instalação do escritório consumiu 10 milhões de cruzeiros, e ali trabalharão dezenas de funcionários cedidos pelas empresas pertencentes ao grupo de amigos.

Segundo Wanderley, o mesmo grupo arcou com as despesas da festa de lançamento da candidatura, aí incluídas as passagens dos convencionais, sua hospedagem nos hotéis Aracoara e San Marco, a conta do concorridíssimo churrasco e a contratação de doze recepcionistas que, desde segunda-feira, revezaram-se no saguão do Aeroporto de Brasília à espera dos convidados. Políticos ligados ao deputado Paulo Maluf queixavam-se ao comentar o tamanho da festa, que 2 900 passagens foram emitidas por ordem de Andreazza, e que várias delas tiveram o patrocínio de órgãos subordinados ao Ministério do Interior. Sustentam, por exemplo, que os convencionais do Amazonas viajaram para Brasília

lia nas asas da Suframa, a agência governamental que cuida da Zona Franca de Manaus.

ASPIRAÇÃO NACIONAL —

“Tivemos apoio moral, passagens e hospedagem por conta do coronel Joaquim Pessoa Igrejas Lopes, superintendente da Suframa”, disse na terça-feira Lourdes Lopes, vereadora em Manaus. Wandaick Wanderley desmente com veemência. “Quem pagou as 25 passagens enviadas para Manaus foi o empresário Onofre Vaz, de São Paulo”, esclarece, exibindo o número de ordem das passagens, emitidas pela Vasp. “Pode ser que tenham sido distribuídas por alguém da Suframa, daí a confusão”, diz Wanderley. “Nós não vamos misturar o dinheiro público na campanha do ministro Andreazza”, afirma Paulo Pimentel. O ex-governador paranaense admite, todavia, que o desempenho do candidato à frente do Ministério do Interior, uma generosa fonte de verbas, poderá ajudar decisivamente a difusão das idéias contidas no livreto entregue, em primeira mão, ao senador José Sarney, presidente do PDS. “Não é um programa de governo, mas sim um resumo daquilo que eu acho que se deve fazer”, avisava Andreazza na semana passada. “O programa quem vai fazer é o partido.”

Nele, a exemplo das promessas contidas no programa do deputado Paulo Maluf, Andreazza prega o fim da recessão e a retomada do crescimento econômico. Mas, ao contrário de Maluf, admite a redução do mandato do sucessor de Figueiredo para cinco anos — eventualmente, para quatro — e apóia a tese da eleição direta do presidente da República, mas não para já. “Seria um plebiscito”, diz o ministro. “O país atravessa uma grave crise econômica e o povo votaria contra qualquer candidato do governo.” Andreazza reconhece que o caminho das urnas é hoje uma aspiração nacional. “É claro que todo mundo está a favor da eleição direta para presidente”, diz



PAULA SIMAS

Aeroporto de Brasília: boas-vindas

ele. “Eu também.” Mas ressalva que todo partido persegue o poder, e é esse o caso do PDS. “Acho que o Congresso não mudará as regras do jogo”, acredita.

Interessados em permanecer no poder, e intrigados com as cifras superlativas simultaneamente coletadas por Andreazza e Maluf em suas contas sobre o apoio de convencionais, os políticos do PDS tratam de precaver-se. Na semana passada, horas depois de recepcionar Maluf em Cuiabá, o governador de Mato Grosso, Júlio Campos, abalou-se para Brasília a tempo de homenagear Andreazza. Numa trajetória inversa, a delegação amazonense foi a pri-



TUDE MUNHOZ

Pimentel: pedido de ajuda a Delfim

meira a deixar Brasília na terça-feira e juntar-se à campanha do ex-governador paulista, que àquela altura estava em Manaus. “Ninguém é besta nessas horas, porque política muda como o vento”, explica o convencional Josué Filho, derrotado em 1982 nas eleições para o governo do Amazonas.

Paulo Pimentel acha que os ventos seriam bem mais favoráveis se o ministro Delfim Netto, que tem as chaves dos cofres federais, fosse mais generoso com seu candidato. Algumas verbas liberadas pelo Ministério do Interior permanecem entaladas no funil da Secretaria do Planejamento — e Pimentel desconfia de que a necessidade de administrar com parcimônia o dinheiro de um país em crise não explica tudo.

“Eu soube que o Maluf prometeu ao Delfim o Ministério das Relações Exteriores, mas vou lá conversar com ele”, diz o coordenador da campanha de Andreazza. Para os andreazzistas, a boa vontade de Delfim é fundamental para o êxito da campanha. Se dispuser de verbas, Pimentel poderá administrar com eficácia o grande trunfo da sua campanha. “O Maluf só pode prometer”, diz. “Nós podemos prometer e realizar já.”

PROMESSAS DA SEMANA com MÁRIO ANDREAZZA

Mário Andreazza, no documento “Democracia, Trabalho e Justiça Social”, divulgado na terça-feira passada:

“Deve-se perseguir o crescimento da ordem de 7% ao ano, diante da necessidade de criação de empregos, dado o fato de que o produto per capita do país, de pouco mais de 2 000 dólares, ainda é relativamente baixo, pelos padrões internacionais, e diante das grandes potencialidades internas de desenvolvimento”.

“A grande prioridade nacional deve ser o Nordeste, ao qual se deve conferir tratamento especial de caráter nitida-

mente diferenciado na execução de políticas de desenvolvimento”.

“É preciso restabelecer as prerrogativas do Congresso Nacional, ampliando suas competências como ente político máximo da República e da Federação”.

“É preciso assegurar os direitos políticos, inclusive os de eleição popular, em todos os níveis, de governantes”.

“É fora de dúvida que se pode postular, com realismo, uma expansão anual do produto agrícola nacional da ordem de 6%”.

RIO DE JANEIRO

Fuga impossível

*Mulher jurada de morte
é executada a tiros*

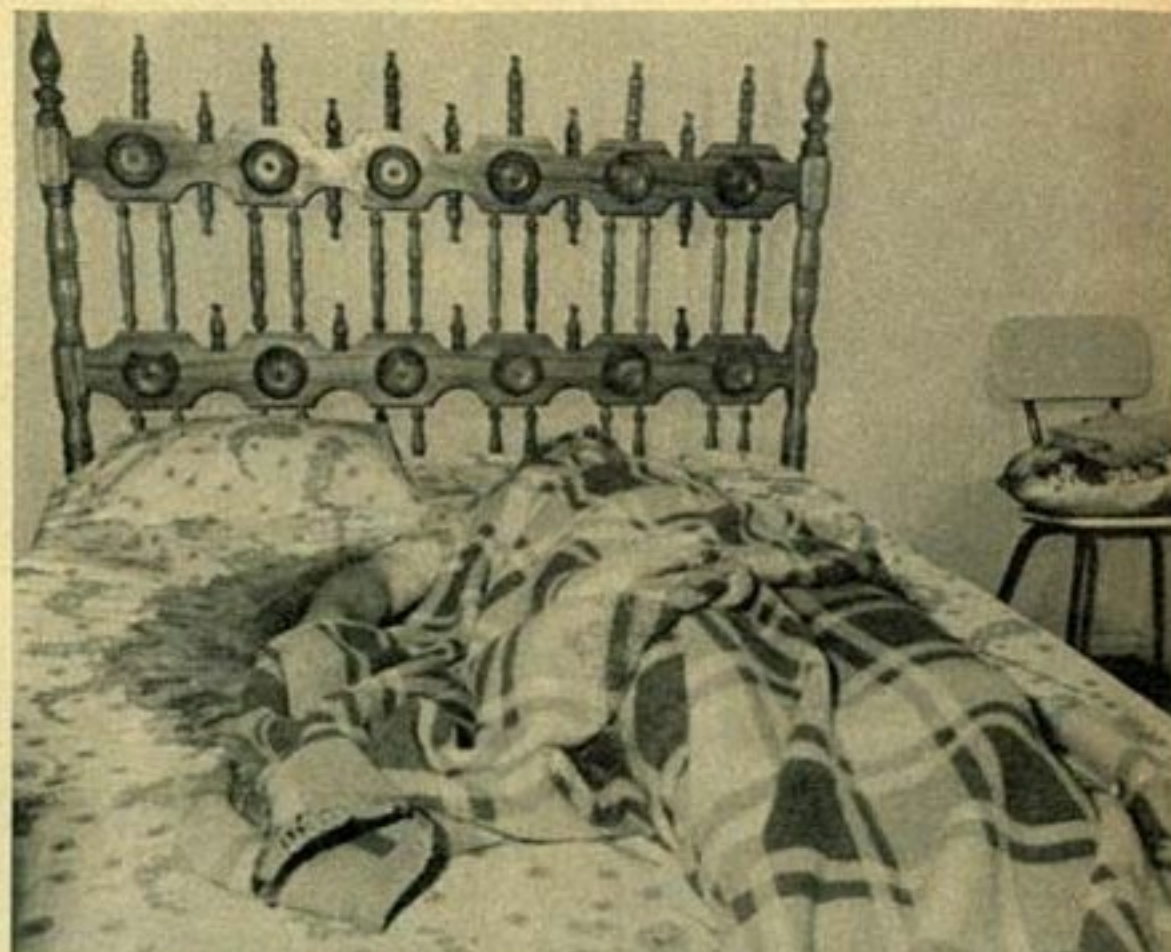
Ela sempre teve certeza de que eles viriam; só não sabia quando. Na madrugada de quinta-feira passada, afinal, chegaram — e Maria Lúcia Brick soube recebê-los com a resignação assimilada em nove longos anos de silencioso terror e perseguição implacável. Dois homens encapuzados arrombaram a porta do apartamento que ela dividia com a mãe, duas irmãs e um filho de 1 ano, no subúrbio de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, e exigiram que todos se identificassem. “É você mesmo que queremos”, informou um deles ao ouvir o nome de Maria Lúcia. Ela os acompanhou até um quarto nos fundos e ali, passivamente, esperou a consumação da sentença de morte ditada em 1975, num casarão de Vassouras, no interior do Estado do Rio. Aos 32 anos, Maria Lúcia Brick morreu com dois tiros na cabeça.

Chegara ao fim a caçada decretada nove anos atrás pelo fazendeiro Júlio Avelino de Oliveira, o chefe de um clã que, depois de sua morte em 1978, se incumbiu de conduzi-la ao desfecho sangrento. Enquanto a perseguição durou, Maria Lúcia pôde medir a extensão do ódio do homem grosseiro, quase analfabeto, que enriqueceu vendendo mulas para o Exército e legou a seus filhos, além de sentenças de morte, 45 fazendas no Rio de Janeiro e em Minas Gerais e o palacete que pertenceu ao Barão do Amparo. Durante algum tempo, casada com Lúcio Flávio, o caçula dos Avelino, Maria Lúcia conviveu com a poderosa família de Vassouras. No Carnaval de 1975, depois de passar a noite com Maria Lúcia numa das fazendas do clã, Lúcio Flávio amanheceu morto com uma bala na cabeça. As suspeitas da polícia recaíram sobre um dos irmãos Avelino, que costumava assediar a cunhada, mas o patriarca decidiu que fora ela a culpada. Júlio reuniu a família em torno de

FOTOS MOACIR GOMES/O GLOBO



Maria Lúcia, em 1978 e morta: cumprida afinal a promessa do patriarca



uma mesa e anunciou que Maria Lúcia teria de morrer.

“Quando eles não tiverem mais ninguém para matar, será a minha vez”, repetia Maria Lúcia. Ela sabia que suas chances eram virtualmente nulas, e ainda assim tentou viver. Enquanto fechavam o cerco à sua presa, os Avelino, escoltados pelos numerosos capangas sempre sob seu mando, espalhavam sinistros avisos de que a sentença de morte não fora esquecida. Em bril de 1975, Geovan Ferreira dos Santos, padrinho de Maria Lúcia, que abrigara a afilhada depois do trágico Carnaval daquele ano, foi morto a tiros no Rio de Janeiro. Em novembro, quando ela já se mudara com a família para uma casa em Jacarepaguá, foi a vez de seu pai, Oscar Brick, assassinado com tiros na cabeça. Acuada, pediu proteção à polícia e conheceu o detetive Orlando Mello, encarregado de dar-lhe segurança. Tor-

naram-se amantes. Em fevereiro de 1978, Mello tombou no Rio de Janeiro, beleado pelas costas.

TIROS NAS TÊMPORAS — Maria Lúcia mudou-se para o apartamento em que seus algozes afinal a encontrariam na semana passada. Em outubro de 1978, Júlio Avelino morreu durante uma cirurgia cardíaca em São Paulo, mas ela não pôde respirar com algum alívio. “Seus filhos são tão terríveis quanto ele”, disse. Nos anos seguintes, todavia, envolvidos numa violenta disputa por herança, os Avelino guerrearavam entre si — e o acerto de contas teve de ser adiado. No último dia 20, Iguassu Avelino de Oliveira, filho de Júlio, foi morto por dois sobrinhos em Vassouras, e a família entendeu que chegara a hora de apontar armas também em outras direções.

Na semana passada, as irmãs de Maria Lúcia, que costumavam fazer-lhe advertências quando saía à rua, evitaram falar

nos Avelino em seus depoimentos à polícia. O atual namorado da mulher assassinada, um detetive, pediu que seu nome não constasse do inquérito — por ser casado, alegou, ele teria problemas em casa. O corpo de Maria Lúcia foi encontrado sobre uma cama de casal, de brucos, e não havia nenhum sinal de luta no quarto. Ela vestia uma camisola cor-de-rosa e calçava chinelos de feltro. Os tiros haviam sido disparados nas têmporas, como queria o velho Avelino.



O palacete do Barão do Amparo: centro do poder dos Avelino

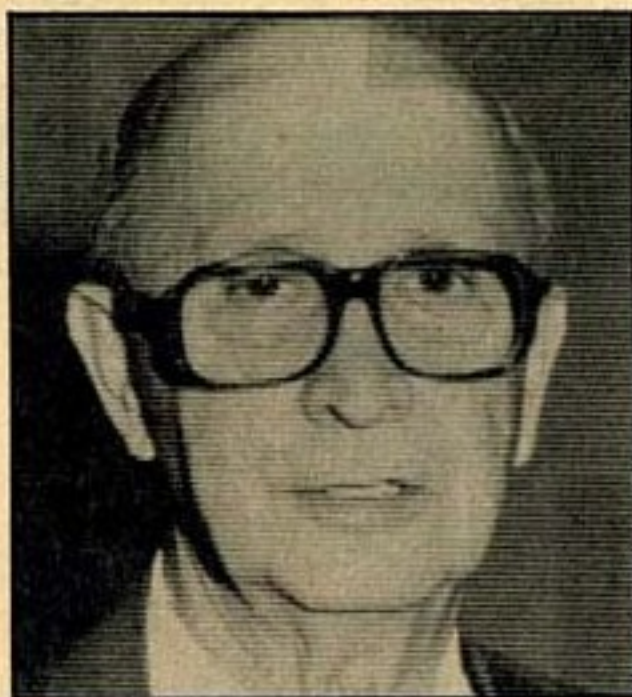
ZE RICARDO

Brizola interveio no caso Capemi

De relações estremecidas com o Palácio do Planalto, o governador Leonel Brizola tentou evitar que a tramitação do caso Capemi pela Justiça fluminense armasse mais uma crise entre o Rio de Janeiro e Brasília. A pedido do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, Brizola conversou no dia 11 de janeiro, no Palácio Guanabara, com o curador da falência do montepio, promotor Hélio Gama, prevenindo-o contra explorações políticas do caso pela presença de Paulo Renato Figueiredo, filho mais moço do presidente da República, entre os indiciados no processo. Diante de três testemunhas, o promotor afirmou que pretendia denunciar todos os envolvidos no processo. Brizola promoveu então, no dia seguinte, um encontro de Abi-Ackel com Hélio Gama, na casa do procurador-geral do Estado, Seabra Fagundes. Ali o promotor concordou em pedir novas diligências, adiando o processo.

Antunes elege Maluf seu candidato

O empresário Augusto Trajano de Azevedo Antunes, dono da maior mineração do país — a Caemi — e principal acionista do projeto Jari, torce pela candidatura do deputado Paulo Maluf. Na sucessão presidencial, Antunes não vota. Mas na política brasileira, por tradição, para onde ele se inclina rolam muitos pesos pesados do empresariado nacional.



Antunes: uma voz influente

RICARDO CHAVES

Banco Mundial apressa seus dólares

Com a falta de dinheiro que assola o país, o ministro Delfim Netto convenceu este ano o Banco Mundial a mudar suas normas de financiamento, quando emprestar ao Brasil. Normalmente, o banco só manda dólares para obras depois que elas, comprovadamente, saíam do chão. Agora, no caso do Brasil, passará a mandar o dinheiro antes e a esperar que as provas de que o projeto está sendo executado apareçam em Washington depois. Com isso, a Secretaria de Planejamento espera antecipar em pelo menos cinco meses os financiamentos — um alívio considerável de caixa, pois o Banco Mundial tem 1,7 bilhão de dólares reservado ao Brasil em 1984.

Hipismo ajuda operários no Rio

O chefe da Casa Militar do Palácio Guanabara, coronel Nelson Rebouças, foi quem pediu ao presidente João Figueiredo que recebesse um representante dos operários da Tecelagem Nova América, fechada por dívidas junto ao Banco do Brasil e ao BNDES. "Presidente", apelou Rebouças, "eu também sou oficial de cavalaria e se não conseguir isso o governador Brizola me prende." O coronel conhecia Figueiredo por terem em comum o gosto por concursos hípicas.

Viagem à Antártida promove guaraná

Além de pesquisas científicas, a equipe do navio oceanográfico *Barão de Teffé* fará na Antártida a fotografia de um pingüim posando no gelo eterno ao lado de uma garrafa de guaraná. A foto será usada para publicidade do refrigerante pela Companhia Antarctica Paulista, que contribuiu para a expedição com 150 milhões de cruzeiros.

Simonsen acusa o neocolonialismo



Simonsen: críticas a Reagan

O ex-ministro do Planejamento Mário Henrique Simonsen prepara um documento para o Banco Mundial, chamando de "neocolonialista" a política econômica americana adotada pelo governo Ronald Reagan. Alega que, no ano passado, os Estados Unidos sugaram do resto do mundo 100 bilhões de dólares — a metade de seu déficit fiscal —, crescendo à custa do empobrecimento geral. Na América Latina, gra-

ças a uma recessão de proporções continentais, 27,4% de toda a receita de exportações destinou-se ao pagamento de juros de dívida externa.

Moscú faz convite a Figueiredo

Do embaixador da União Soviética em Brasília, Vladimir Ivanovitch Tchernichov, que se sentou a seu lado na inauguração da usina de álcool de madeira da Coalbra, em Minas Gerais, o presidente João Figueiredo ouviu na semana passada um convite para visitar a União Soviética antes de deixar o governo. Figueiredo prometeu "fazer o possível".

Andreazza vai à Bahia de mãos cheias

Como presidenciável, o coronel Mário Andreazza vai a Salvador nesta quarta-feira buscar o apoio formal do governador João Durval à sua candidatura. Como ministro do Interior, leva à Bahia um empréstimo de 2 bilhões de cruzeiros do BNH para reconstruir o Mercado Modelo, que pegou fogo há um mês. A idéia é reinaugurar o mercado até setembro — antes, portanto, da convenção em que o PDS escolherá seu candidato a presidente da República.

IBM exporta desburocratização

A IBM do Brasil está exportando programas de desburocratização para as suas irmãs do Canadá, Austrália e Argentina. A experiência, que começou há dois anos por sugestão do que na época era o Ministério da Desburocratização, varreu cerca de 2 milhões de documentos da vida da filial brasileira.

MARCOS SÁ CORRÊA, com sucursais

Reagan sai na frente

O presidente americano se candidata à reeleição, oferecendo ao país o orgulho nacional restaurado e a recuperação econômica

Hollywood não poderia produzir roteiro mais esfuziante para uma reeleição. Neste domingo, numa curta mensagem de 5 minutos pela televisão para todos os Estados Unidos, o presidente Ronald Reagan comunicou aos americanos sua disposição de disputar um segundo mandato à Casa Branca. Num tom naturalmente otimista, Reagan convocou seus compatriotas a cerrar fileiras com ele para vencer as dificuldades que restam pela frente. Foi um discurso de mobilização eleitoral e por isso moderado. Reagan apresentara, já praticamente como candidato no decorrer de toda a semana passada, um balanço triunfal de seu governo iniciado em 1981.

Num crescendo irresistível, e no auge de sua popularidade, Reagan poderá tornar-se o primeiro presidente americano, desde Dwight Eisenhower (1953-1961), a ser reeleito e completar um segundo período em Washington. Reagan caminha de novo para as urnas com a segurança de quem está completando um dos mais bem-sucedidos governos que os EUA já tiveram nas últimas décadas. Depois de relançar a economia morro acima, domar a inflação e reacender o orgulho nacional americano com êxitos diplomáticos e militares ao redor do mundo, Ronald Reagan é o favorito destacado para as eleições de novembro próximo.

São trunfos reais, que as pesquisas de popularidade traduzem em cifras expressivas. Na semana passada, 62% dos americanos achavam que Reagan está fazendo bom trabalho — a melhor cotação

desde os primeiros meses, logo após sua acachapante vitória sobre Jimmy Carter, e vinte pontos na frente do mais cotado entre os oito políticos que disputam a candidatura democrata, o ex-vice-presidente Walter Mondale.

À sua massa de admiradores, Reagan despachou, no sábado passado, 2 milhões de cartas com a sua assinatura, solicitando contribuições para a campanha. Na véspe-

ra, na primeira viagem já paga pelo Comitê para a Reeleição de Reagan, oferecia na cidade de Atlanta bons argumentos, ao afirmar que “os Estados Unidos estão mais fortes, mais prósperos e mais seguros que há três anos”. Num tom mais solene, na tradicional mensagem anual sobre a situação do país, lida perante as duas câmaras do Congresso, reunidas na terça-feira passada, Reagan sentenciava: “A América está de volta — de pé, olhando os anos 80 com coragem, confiança e esperança. Não podemos, não devemos e não faremos meia-volta. Vamos terminar nosso trabalho”.

Esse parece ser o tipo de afirmação política que um país saído de uma crise de confiança e de um período de severa turbulência na economia gosta de ouvir. Na Casa Branca, a antiga imagem de Reagan como um vaqueiro tosco e reacionário ficou dramaticamente obsoleta. Em três anos, lapidou a imagem de um vencedor — um líder jamais atormentado por incertezas, que se ocupa só das grandes questões do país, delega poderes no varejo da administração e domina, como nenhum outro político, a habilidade de conquistar audiências. “Já vivi vinte anos além da minha expectativa de vida ao nascer”, disse ele recentemente, sob aplausos, “e isso incomoda muita gente.”

Reagan, de fato, incomodou muitos americanos — mas, em geral, saiu-se de seus embates com amplas vitórias. O cartel é extenso. Quando o



Reagan: certezas e cotação fora do alcance dos 8 candidatos democratas*

* John Glenn, Alan Cranston, Ernest Hollings, George McGovern, Gary Hart, Walter Mondale, Jesse Jackson, Reubin Askew

corpo federal de 10 000 controladores de vôo fez uma greve ilegal em 1981, Reagan demitiu todos de uma penada só. Chamou a aeronáutica militar para operar o serviço, enquanto formava 8 500 novos controladores, sem que houvesse nova greve e sem nenhum acidente provocado pelos controladores desde então. Com a mesma rapidez e rigor, soube livrar-se de assessores desastrosos — como o ex-secretário do Interior James Watt, demitido sem apelação após fazer imprudentes piadas racistas. E com coragem, Reagan assumiu a total responsabilidade pelos 241 fuzileiros americanos mortos no Líbano, num espetacular ataque terrorista em outubro passado.

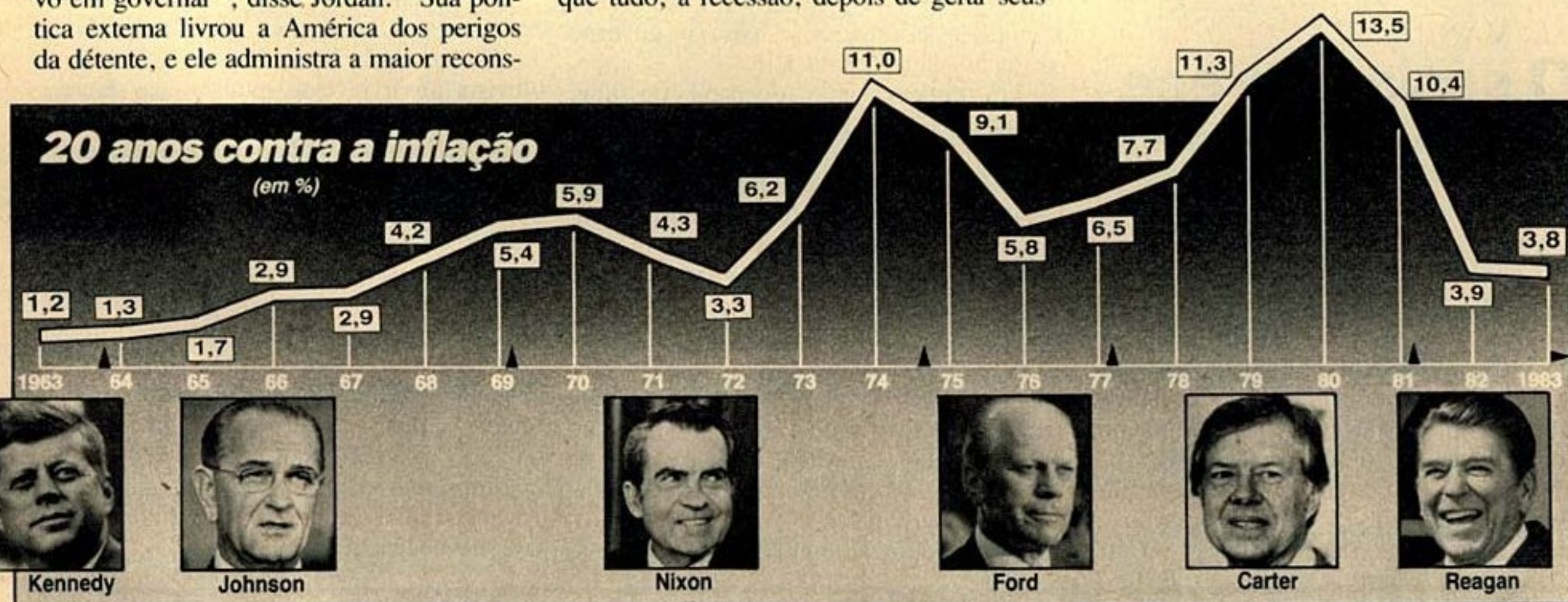
Com tamanha decisão, Reagan foi definido até por um deputado da oposição, o democrata Vernon Jordan, como “um dos presidentes americanos de maior sucesso”. “Sua presidência forte acabou com a especulação sobre a inabilidade do Executivo em governar”, disse Jordan. “Sua política externa livrou a América dos perigos da détente, e ele administra a maior recons-

apoitada pelos EUA e pela ameaçadora presença de 3 000 soldados americanos na vizinha Honduras, moderou seu apoio orgânico à guerrilha comunista em El Salvador, e o governo esquerdista do coronel Desi Bouterse no Suriname livrou-se ao mesmo tempo de sua retórica revolucionária e de dezenas de diplomatas cubanos que estavam no país.

LADO POSITIVO — É na recuperação econômica do país, entretanto, depois da brutal recessão que atingiu seu pique em 1980, que os americanos encontram os resultados mais vistosos — e Reagan, seu triunfo mais notável. Em 1983, a inflação foi de apenas 3,8% — a mais baixa dos últimos onze anos, longe dos 13,5% de 1980. O desemprego, fruto do aperto geral da economia que Reagan promoveu para debelar a inflação, diminuiu de 10,5% em 1982 para aceitáveis 8,2% agora. Mais que tudo, a recessão, depois de gerar seus

no ano eleitoral — e, mais que isso, perturbar o seu segundo mandato. Uma é a polêmica presença do contingente militar americano no Líbano, sem objetivo estratégico definido, e sujeito a novas baixas como os 241 mortos do atentado do ano passado. A outra está numa anomalia da atual economia americana — o espetacular déficit público acumulado por Reagan nos últimos três anos. Só no último ano fiscal, o déficit foi de 195,4 bilhões de dólares, ou o dobro de toda a dívida externa brasileira.

O déficit resulta do patente fiasco, na prática, de uma das mais celebradas teorias econômicas de Reagan — a de que seria possível cortar impostos e ainda assim ter um orçamento equilibrado, pois os cortes iriam ativar a economia e, com isso, gerar mais arrecadação. Os impostos foram diminuídos, mas os monumentais gastos públicos, sobretudo no esforço de reequipamento e modernização das Forças



trução militar em época de paz da nossa história.” Seguro de sua força e de suas razões, Reagan exibiu seus músculos onde achou necessário. Diante da recusa soviética em retirar armas nucleares de médio alcance apontadas para a Europa Ocidental cumpriu sua promessa de instalar armas semelhantes no Velho Continente — ignorando ameaças russas e protestos de grupos antinucleares europeus e conseguindo obter, previamente, a aprovação dos parlamentos de cada um dos países aliados.

Onde os gatilhos foram acionados, Reagan respondeu ao fogo, seja derrubando dois jatos da Líbia que ameaçavam navios da frota americana no Mediterrâneo, em 1981, seja promovendo a espetacular invasão da Ilha de Granada, em outubro passado, para liquidar um governo comunista que se tentava formar depois de um golpe sangrento. Falar grosso deu resultado. O governo sandinista da Nicarágua, já asediado pela guerrilha contra-revolucionária

efeitos profiláticos, cedeu lugar à retomada da prosperidade: a taxa de crescimento do PNB americano no ano passado foi de 3,3%, a maior dos últimos cinco anos.

Mesmo os indicadores mais desfavoráveis, como os quase 70 bilhões de dólares de déficit na balança comercial dos EUA no último ano, têm um lado positivo: ajudam a provocar um modesto reaquecimento das economias dos países que exportam prioritariamente para os Estados Unidos. Na verdade, a recuperação econômica americana, ainda que não possa ser considerada definitiva e irrevogável, está funcionando como uma locomotiva à qual se atrelam quase todos os países europeus. Em conjunto, eles esperam uma aceleração média de 2,5% no seu crescimento em 1984 — nos últimos dois anos alguns tiveram crescimento negativo.

Nesse panorama otimista para a reeleição de Reagan, restam duas grandes zonas sombrias, capazes de lhe criar problemas

Armadas e dos arsenais americanos, logo liquidaram a teoria. Para gastar mais do que arrecada, o governo na prática toma dinheiro emprestado na praça, sugando poupanças e capitais necessários a investimentos produtivos na indústria, na agricultura e no comércio.

Os efeitos disso não se limitam aos Estados Unidos. Esse movimento pressiona o valor dos juros para cima, e junto com eles sobe o dólar, procurado por investidores de todo o mundo por causa da alta remuneração oferecida pelas aplicações em moeda americana. Com a elevação da taxa de câmbio do dólar, sofrem as economias estrangeiras atreladas à moeda dos EUA. Na verdade, o déficit orçamentário não apenas ameaça o vigor da recuperação americana, mas coloca-se como o principal obstáculo que Reagan tem pela frente. Se conseguir superá-lo, o presidente dificilmente encontrará outros maiores até aparecer, de novo, nos balcões da Casa Branca.



Kiessling (esq.) foi confundido com Jürgen, segundo a revista Stern

ALEMANHA

O sócia aparece

Um homossexual teria sido confundido com o general

Até o último dia do ano passado, o ministro da Defesa da Alemanha Ocidental, Manfred Wörner, 50 anos, parecia ter pela frente um brilhante futuro. Mas desde que, naquele dia, resolveu demitir o general Günter Kiessling, 58 anos, alegando que ele era homossexual e colocava em risco de chantagem a segurança nacional, a carreira política de Wörner começou a desmoronar e poderá terminar com sua

demissão e uma crise para o governo do chanceler Helmut Kohl.

Em primeiro lugar, o general Kiessling, o mais graduado militar alemão e um dos dois vice-comandantes da OTAN, negou veementemente as acusações de homossexualismo e entrou na Justiça com um processo em que se colocava como vítima de difamações. A situação de Wörner se complicou quando ele não conseguiu oferecer provas mais convincentes de suas acusações. Oferecia apenas vagos depoimentos de quatro testemunhas, nem todas elas idôneas, que teriam visto o general frequentando bares homossexuais nas cercanias de Bonn, a capital da Alemanha.

Na semana passada Wörner é que acabou sendo atingido em cheio por uma evi-

dência disparada das páginas do semanário *Stern* e que fazem desmoronar os testemunhos invocados na acusação: a foto de um frequentador de bares homossexuais que teria sido confundido nas sumárias investigações policiais com o general Kiessling. Trata-se do guarda-noturno Jürgen Baum, 46 anos. Para piorar as coisas, o ministro envolveu-se em duvidosas manobras no afã de inculpar o general. Wörner concedeu audiência ao homossexual suíço Alexander Ziegler, editor da revista gay *Eu e Você*, que afirmava ter "provas definitivas" da culpa do general Kiessling. Além de ter vasto prontuário policial por falso testemunho e corrupção de menores, Ziegler ainda teve sua passagem de Zuri-

que a Bonn paga com dinheiro público.

Como se não bastasse esse escândalo, a revista *Stern* revelou também na semana passada que haviam sido encontradas numa vala, numa estrada perto de Berlim, listas completas de computador com todo o plano de reequipamento das Forças Armadas alemãs até 1986. Segundo o Ministério da Defesa, o material não é considerado secreto. Mas, diante de tantas falhas, as Forças Armadas alemãs, postas sob rígido controle civil desde o fim da II Guerra Mundial, resolveram pronunciar-se. Embora tenham acatado a decisão de Wörner, 35 dos mais graduados oficiais alemães pediram que o general Kiessling seja reabilitado com todas as honras, caso fique provada sua inocência.

O atrapalhado serviço secreto militar

Para um assunto de tanta importância como a demissão do general Günter Kiessling, o mais graduado militar alemão, o ministro da Defesa da Alemanha, Manfred Wörner, se apoiou — solidamente, como imaginava — num relatório do MAD, ou *Militärischer Abschirmdienst*, o serviço de contra-espionagem militar da Alemanha Ocidental. Entregue ao ministro com a rubrica de "evidências incontrovertidas", o relatório continha, fundamentalmente, depoimentos de quatro testemunhas que teriam visto o general em bares de homossexuais na cidade de Colônia, vizinha à capital alemã, Bonn.

Foi surpreendente, portanto, a revelação feita pelo MAD de que nenhum dos seus 2 000 funcionários e agentes de tempo integral, do quartel-general em Colônia, havia participado das investigações. Displacientemente, o serviço havia encomendado à polícia comum a investigação sobre a vida privada do mais importante militar alemão.

"O MAD deveria atrapalhar a vida dos inimigos da República", lamentou na semana passada Peter Boenisch, porta-voz do chanceler Helmut Kohl, "e não a República e seus ministros." De fato, a lista de confusões provocadas pelo MAD é enorme. Em 1978, ele causou a demissão do ministro da Defesa, Georg Leber, tanto pelo que fez como pelo que não fez. Sem o conhecimento do ministro Leber, o MAD "grampeou" ilegalmente o telefone de várias pessoas que não

tinham nada a ver com o caso. Em compensação, o MAD fracassou quase no mesmo período em desvendar três importantes casos de espionagem que depois vieram a público.

O MAD revelou, no entanto, muito mais diligência do que a necessária ao investigar pacatos cidadãos da Alemanha Ocidental. No fim do ano passado, o encarregado no governo federal da proteção do sigilo dos dados pessoais armazenados em computadores, Hans Peter Bull, descobriu que o MAD vinha colecionando ilegalmente fichas com informações inidôneas sobre muitas pessoas. Em consequência dessa investigação oficial, o MAD teria sido obrigado a destruir 500 000 fichas e apagar, em seus computadores, as entradas com nomes de pelo menos 10 000 pessoas inocentes.

Com essa iniciativa os militares pretendem deter as insinuações que vêm sendo lançadas sobre as Forças Armadas do país, muitas delas alimentadas por demissões feitas na surdina e em meio a processos rumorosos. Desde 1957, na Alemanha, nada menos de treze generais foram demitidos por motivos nem sempre claros. Em 1970, por exemplo, o general Heinz Karst foi forçado a pedir exoneração, apenas porque havia proposto a obrigatoriedade, para aspirantes a oficiais, de cursos de dança. Menos sorte teve o general Helmuth von Grolman: em 1961 foi condenado a três meses de cadeia por homossexualismo, o que só deixou de ser crime nos regulamentos das Forças Armadas alemãs em 1979. ●

ISRAEL

Chagas abertas

A sombra do nazismo na visita de Kohl

Ao desembarcar em Jerusalém na última terça-feira, quase onze anos depois da histórica e pioneira visita do ex-chanceler Willy Brandt, o chanceler da Alemanha Ocidental, Helmut Kohl, preparava-se para enfrentar duas dificuldades previsíveis: a intransigente oposição de Israel à venda de armas alemãs para a Arábia Saudita, e, mais do que isso, o espectro do holocausto nazista que ainda paira na memória da maioria dos israelenses e interfere nas relações entre Alemanha e Israel.

Nos seis dias que passou em Israel, o chanceler Kohl ouviu veementes apelos para que a Alemanha não fortaleça o poderio militar da Arábia Saudita, país que, como a maioria das nações árabes, vive em formal estado de guerra com Israel. Ao explicar a objeção do governo israelense, o primeiro-ministro Yitzhak Shamir não deixou de fazer uma alusão ao holocausto: "É inconcebível", advertiu ele, "que armas alemãs se voltem novamente contra os judeus".

PENSÕES VITALÍCIAS — Pouco antes dessa declaração, um incidente servira para mostrar ao chanceler Kohl que as chagas deixadas pelo III Reich ainda estão longe de cicatrizar. Um ruidoso grupo de 100 israelenses, vestidos com uniformes iguais aos usados pelos prisioneiros nos campos de concentração, tentou impedir que o líder alemão visitasse o centro Yad Vashem, um solene monumento erguido pelos israelenses em memória dos mais de 6 milhões de judeus mortos durante a II Guerra Mundial.

De fato, sob o aspecto emocional, as tentativas feitas pelo governo alemão para reparar os erros do passado não têm obtido muito sucesso, e de quase nada valeram as indenizações pagas a mais de 5 milhões de vítimas e a suas famílias. Desde a aprovação da chamada Lei Federal de Reparações de Guerra, em 1953, a Alemanha Ocidental gastou até hoje mais de 70 bilhões de marcos (26,6 trilhões de cruzeiros) em indenizações, pagos sobretudo a pessoas que sofreram pessoalmente danos físicos ou psíquicos, e a esposas e filhos que perderam o marido ou o pai. Desse total, 40% foi distribuído entre judeus residentes em Israel. Outros 40% destinaram-se às vítimas de outros



Tel Aviv: os sobreviventes não esqueceram

países e os 20% restantes àquelas que residem na Alemanha.

O único passo burocrático a ser seguido para o pedido de indenização, paga em forma de pensão vitalícia, é o preenchimento de um requerimento, semelhante ao usado para pedir uma aposentadoria comum, e entregue em repartições na Alemanha ou consulados alemães no exterior. Ainda hoje, o governo de Bonn gasta anualmente cerca de 1,8 bilhão de marcos em indenizações de guerra, embora esses pagamentos estejam declinando de ano a ano. Acredita-se que as autoridades alemãs gastarão ainda aproximadamente 15 bilhões de marcos até completar seu programa de indenizações. É que nas próximas décadas terão morrido todas as vítimas da perseguição nazista, atingidas direta ou indiretamente pelo holocausto. ●

VATICANO

Proteção romana

A Igreja é acusada de ter ajudado nazistas

Antes que os campos de extermínio nazistas entrassem em plena operação, nos anos de 1943 e 1944, pelo menos 200 000 judeus foram mortos num sistema precursor, que utilizava câmaras de gás móveis montadas em caminhões. Num relatório datado de 5 de julho de 1942, o chefe dessas unidades, o coronel da SS Walter Rauff, que há 25 anos vive no Chile, orgulhava-se: "97 000 já foram processados". Rauff seria apenas mais um peixe graúdo do nazismo vivendo quietamente sua velhice, não fosse a descoberta de como conseguiu escapar da Alemanha no fim da guerra. Segundo revela um documento de 1947 do Departamento de Estado dos Estados Unidos, não mais coberto por segredo e divulgado na semana passada, o ex-coronel Rauff e milhares de outros criminosos nazistas de menor calibre conseguiram fugir da Europa graças à ajuda da Santa Sé, que fornecia alojamento, documentos e trabalho para os fugitivos. Antes de deixar a Europa, Rauff passou 18 meses num convento em Roma dando aulas de francês e matemática.

De acordo com o documento, o interesse do Vaticano na época era "infiltrar tanto em países europeus quanto latino-americanos pessoas de quaisquer credos políticos, desde que sejam anticomunistas e a favor da Igreja Católica". A Santa Sé recusava-se a comentar o assunto na semana passada, mas um prelado afirmou em Roma que "entre as dezenas de milhares de pessoas que a Igreja ajudou no fim da guerra estavam também 20 000 judeus". Quanto ao coronel Rauff, parece estar com sua segurança garantida. Em 1962, baseado no princípio da prescrição dos crimes, o Chile recusou um primeiro pedido de extradição contra ele. ●



Rauff, no Chile

Ruy Barreto, Theofilo Azeredo Santos e o sigilo bancário.

Enquanto o Sr. Ruy Barreto enfrenta dificuldades para explicar-se, surge o Sr. Theofilo Azeredo Santos, Presidente do Sindicato dos Bancos, zeloso e exigente, sobre o sigilo bancário. Em lugar de defender o Banerj, instituição associada à entidade que preside, vem defender o cliente surpreendido numa operação irregular e lesiva ao patrimônio do Banco. Quer resolver tudo com o manto do silêncio, ou simplesmente retirando o famoso "sofá da sala". Quando o Sr. Alcides Fonseca exibiu e publicou fotocópias de documentos bancários retirados dos arquivos do Banerj, o ilustre Presidente do Sindicato dos Bancos chamou-se a um silêncio tumular. Não disse uma palavra. A operação de Fernando Goulart, seus documentos e cheques, foram expostos à execração pública, tudo com a intenção malévola de atingir o Governador Leonel Brizola. Ninguém reclamou. Ao contrário, ao Sr. Fonseca foram abertos amplos espaços e importante audiência. Agora, quando se divulga as operações do Sr. Ruy Barreto no Banerj, todos acham ruim. Dois pesos e duas medidas. Esperemos para ver. O Sr. Alcides Fonseca ainda vai custar muito mais caro aos seus novos e pressurosos amigos.

A reclamatória do Sr. Theofilo ao Banco Central é intempestiva, facciosa e improcedente. Além disso, contém um pré-julgamento inaceitável. Em lugar de defender, como lhe competia, os interesses legítimos do Banerj, preferiu colocar-se incondicionalmente ao lado do amigo, considerando de plano as operações do Sr. Ruy Barreto como isentas e perfeitas, contrariando fatos e realidades. Não, Senhor Theofilo, para a defesa do patrimônio público, como o é o do Banco do Estado, não é suficiente apenas invocar a lei que protege o sigilo bancário. Antes de tudo porque esta lei, como todas as leis, tem como essência princípios éticos e morais. A lei não pode existir para acobertar situações danosas e irregulares. O espírito do legislador não foi e não poderia ser o de encobrir irregularidades e, sim, proteger as operações saudáveis, limpas e corretas.

Ainda que se pudesse dar razão ao Sr. Theofilo, cumpre dizer, com todas as letras, que o Governador Leonel Brizola de nenhuma forma violou o sigilo bancário. Dou o meu testemunho sobre a lisura, a correção e a prudência do seu procedimento. Só tratou publicamente das operações do Sr. Ruy Barreto no Banerj, depois que o caso já se encontrava nas páginas dos jornais. Ontem ainda, o jornalista Hélio Fernandes afirmava em sua coluna: "Se houve quebra de sigilo bancário, o responsável foi este repórter, que fez a denúncia. Diante da denúncia, só cabia ao Sr. Leonel Brizola apurá-la e tomar as providências cabíveis". E quem levou a respectiva documentação ao Governador fui eu próprio, deputado Augusto Ariston, fotocópias que já circulavam de mão em mão. O Governador Leonel Brizola o que fez, foi cumprir com o seu dever de responsável maior pelo Banco do Estado. Se o Governador não defende o patrimônio do Banerj, quem o fará? O Sr. Ruy Barreto? O Sr. Theofilo, que demonstrou estar mais interessado no silêncio do que em apurar e esclarecer um episódio sem dúvida lesivo ao Banco, que é filiado à entidade que ele preside?

O Governador do Estado agiu como devia e, por isso, está merecendo os aplausos da opinião pública. E mais, era o dever irrecusável de um governante

perante a própria lei. O Sr. Theofilo sabe, como professor de Direito, que o Banerj é uma Sociedade de Economia Mista, guardando, portanto, diferenças em relação a uma simples sociedade comercial. Seu maior acionista é o Estado. Em seus cofres guarda-se o patrimônio público. Deve o Governador, por conseguinte, permanentes explicações à população, ainda mais quando se vêm levantando algumas maldosas suspeitas sobre decisões do Estabelecimento Oficial de Crédito. Além disso, o Banerj é uma Sociedade Anônima de Capital Aberto, recaindo sobre os seus responsáveis as obrigações da Lei nº 6404, de 15.12.76, posterior, portanto, à lei do sigilo bancário que é, coincidentemente, de dezembro de 1964.

O Governador tem o dever, imposto pelo Art. 157 da Lei nº 6404, de divulgar, pela imprensa, qualquer fato relevante ocorrido nos negócios do Banerj que possam influir, de modo ponderável, na decisão dos investidores que aplicam seus recursos nos diversos negócios e papéis do Banco. Esta é a lei e é a verdade. Tudo o mais são tergiversações.

Bem andou o Governador Leonel Brizola, portanto, ao determinar o indispensável saneamento das operações do Sr. Ruy Barreto, como o fez, exemplarmente, em relação ao seu próprio sobrinho. Complicadas explicações não irão convencer ninguém. Os fatos são simples e falam por si mesmos. O Sr. Presidente da Associação Comercial, como empresário, pediu Cr\$ 400 milhões ao Banerj para "aquisição de matéria-prima, produzida no Estado, a ser aplicada no preparo da merenda escolar". Obteve o empréstimo mediante um "aprovo" sem fundamentação, contrariando o parecer dos órgãos técnicos do Banco e o que é mais grave, pagou em 28 de dezembro p.p., com este dinheiro, uma dívida em dólares, vencida desde julho de 1983, sem correção monetária e a câmbio vil (dólar da época do vencimento: Cr\$ 584,72), embora estivesse expresso no contrato daquela operação que o risco cambial cabia ao devedor.

Convenhamos que isso não é possível!

Quanto ao Governador, posso dizer que é um homem simples, austero e honrado, sobretudo um ser humano que não guarda rancor de ninguém. Em tudo isto não há nenhuma inspiração política ou partidária, muito menos intenção de agredir, difamar ou de promover represálias. A determinação de S. Excia., mandando afastar um dos diretores responsáveis por essa operação lesiva ao Banerj, merece aplauso público. Seria conveniente identificar os que deixaram de defender os reais interesses da Instituição.

Ao Sr. Ruy Barreto, o que cabe fazer, neste momento, é regularizar a sua situação no Banco. Primeiro, já que obteve o empréstimo, aplicá-lo exclusivamente na compra de matéria-prima para a merenda, como justificou em seu pedido de financiamento. Segundo, restituir o que é devido ao Banerj, porque um empresário assessorado como ele, dirigente de uma das mais prestigiosas instituições deste País, não pode alegar desconhecimento daquilo que é legal, ético e regular.

DEPUTADO AUGUSTO ARISTON

(Augusto Ariston é deputado estadual do PDT e Conselheiro Federal da Ordem dos Advogados do Brasil)



Caputo, João Paulo II e del Valle no Vaticano: nasce o tratado de paz

BEAGLE

Último passo

Argentina e Chile assinam um acordo de paz

Capaz de correr o risco diplomático de visitar Londres e Buenos Aires durante a guerra das Malvinas, e de reunir 1 milhão de pessoas numa missa ao ar livre em Varsóvia, capital de um país oficialmente ateu e comunista, o papa João Paulo II acaba de colher mais um ousado trunfo do seu pontificado: ele patrocinou em Roma, na semana passada, um abraço público entre o ministro do Exterior da Argentina, Dante Caputo, e o do Chile, Jaime del Valle. O gesto caloroso, entre os representantes de dois governos que estiveram em constante estado de beligerância nos últimos anos, só foi possível graças à vitoriosa mediação da diplomacia vaticana na disputa da soberania sobre algumas ilhas do Canal de Beagle, no extremo sul do continente. O litígio, aberto em 1847, chegara a levar os dois países à beira de uma guerra em dezembro de 1978. O choque só foi evitado, à última hora, graças à intervenção papal.

A assinatura da "Declaração de Paz e Amizade" pelos dois chanceleres não significa que a questão já esteja inteiramente resolvida, mas "põe em marcha a etapa conclusiva da interferência papal", como lembrou o cardeal Agostino Casaroli, secretário de Estado do Vaticano, que presidiu a solenidade. Resta ainda, a ser negociado antes do acordo final, um pacote de minúcias técnicas. O ponto nevrálgico desse caso é a disputa da soberania das Ilhas Picton, Lennox e Nueva, situadas no

Atlântico Sul e separadas da Terra do Fogo pelo Canal de Beagle. Como jamais houve precisão sobre onde passa a linha que divide os dois países naquele extremo, cada governo estipulou por sua própria conta e risco a área que lhe convinha possuir. Nas duas vezes em que árbitros internacionais foram por eles convocados a solucionar o problema, em 1977 e em 1980, o Chile levou vantagem — e a Argentina recusou os vereditos.

ACORDO À VISTA — Mas a trágica aventura nas Malvinas e a posterior eleição de Raúl Alfonsín à Presidência da República modificaram por comple-



to o panorama. Para Alfonsín, o acordo sobre Beagle será uma sólida demonstração de capacidade de seu governo em negociar seriamente esse tipo de questão — requisito fundamental para iniciar a reabertura de entendimentos com a Inglaterra, visando a algum tipo de solução para o caso das Ilhas Malvinas. "Esperamos para breve um acordo definitivo, que se baseie nos termos estabelecidos pela proposta papal", disse o chanceler chileno, na semana passada, ao sair da audiência com João Paulo II — cuja sugestão inclui a criação de um trecho de mar de 200 milhas, que o pontífice chamou de "mar da paz", a ser explorado pelos dois países.

NUCLEAR

Contra a bomba

Voz do papa é usada em anúncio de rádio

É um simples anúncio de rádio, mas o seu efeito é ao mesmo tempo arrepiante e inesperado. Começa com uma voz de criança fazendo uma contagem regressiva, mas logo se sobrepõem as vozes de dois homens fazendo a mesma contagem, um em inglês, o outro em russo. Depois do "zero", ouve-se o estrondo de uma explosão atômica, e então surge a voz do papa João Paulo II, pregando em inglês: "A corrida armamentista coloca hoje toda a humanidade em risco. É nosso desejo solene que os filhos de todas as nações impeçam catástrofes dessa natureza".

A idéia de usar a voz do próprio João Paulo II num anúncio contra o uso de armas nucleares partiu da Conferência Episcopal Americana e foi previamente aprovada pela Santa Sé. As frases ditas pelo pontífice foram pinçadas de seu discurso às Nações Unidas em 1979, por ocasião de sua visita aos Estados Unidos, e até agora o anúncio já foi distribuído a 200 dioceses de vários Estados americanos, que se estão encarregando de veiculá-lo nas estações de rádio locais.

Criado pelo renomado consultor político nova-iorquino Tony Schwartz, o comercial é muito parecido com outro anúncio que fez em 1964 para a campanha presidencial de Lyndon Johnson. Na época, o comercial foi retirado do ar às pressas, depois que a Justiça Eleitoral atendeu a protestos do candidato republicano, o senador Barry Goldwater. Agora, com os Estados Unidos ainda sob o abalo do filme *O Dia Seguinte*, a fórmula do anúncio, pela eficácia e impacto, só recebe elogios.



Moscou, 1977: Treholt a serviço de Oslo

ESPIONAGEM

Em flagrante

Norueguês revelava segredos da OTAN à URSS

A ascensão vertiginosa do cidadão Arne Treholt, 41 anos, alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores da Noruega, foi bruscamente ceifada no último dia 20, no aeroporto de Fornebu, em Oslo, onde embarcaria para Viena. Detido, Treholt foi acusado de espionagem em favor da União Soviética e transformou-se no principal personagem do mais grave caso do gênero na Noruega, desde a fundação da OTAN em 1949. "No mínimo seremos obrigados a mudar os planos secretos para a navegação mercante na Europa em tempos de guerra", queixou-se o general Sverre Hamre, ex-presidente da junta de chefes militares do país junto à OTAN. Treholt poderia ter passado essas informações e muitas outras aos soviéticos.

Preso e rigorosamente isolado, o funcionário norueguês confessou sua colaboração, há mais de dez anos, com a KGB, da qual chegou a receber a patente de "comandante" pela qualidade e importância de seus serviços. Afinal, ao ser preso no aeroporto, Treholt trazia em sua bagagem de



Nova York, 81: na maratona

FOTOS: IPP/SIPA PRESS

mão nada menos que o relatório das conversações confidenciais mantidas em Oslo, a 19 de janeiro passado, entre o secretário de Estado americano, George Shultz, e o chefe da diplomacia norueguesa, Sverre Stray. Como prova adicional, pouco antes de sua captura o conselheiro da embaixada soviética em Oslo, Leonid Makarov, deixou a Noruega às pressas — e na semana passada também fugiu boa parte dos oitenta soviéticos residentes no país e que não tinham imunidade diplomática.

CORTESIA PERIGOSA — Treholt começou a chamar a atenção já em 1976, quando frequentava Moscou para participar das discussões da Noruega com a URSS sobre a delimitação de águas territoriais e zonas de pesca no Mar de Barents, partilhado por ambos os países no extremo norte da Europa. Ao final do encontro, em 1979, a URSS obteve grandes vantagens — e Treholt, filiado ao esquerdista Partido Trabalhista Norueguês, hoje na oposição, passou a ser seguido pela contra-espionagem norueguesa, inclusive em Nova York, onde trabalhou na ONU para seu país até 1982. A primeira evidência concreta de suas atividades só viria em

maio de 1983, quando foi fotografado em companhia do general Gennady Titov, da KGB, em Helsinque — capital da vizinha Finlândia —, e estava a caminho de revê-lo quando foi preso. Sabendo de suas atividades, há pelo menos dois anos os serviços de contra-espionagem da Noruega procuravam abastecê-lo com dados falsos. Mas Treholt também foi membro da Comissão de Defesa da Noruega — órgão articulado com a OTAN —, o que o credenciou a visitar instalações militares inglesas, alemãs e francesas. Pior: ele teria participado de sessões de informação de máximo segredo no quartel-general da OTAN em Bruxelas, onde o próprio general Bernard Rogers, comandante-em-chefe da Aliança Atlântica, conversou informalmente com ele sobre as relações Leste-Oeste.



O presidente de pedra

A queda de alguns andaimes de madeira revelou, no mês passado, que a misteriosa obra numa montanha da região de Agoo, a 200 quilômetros da capital das Filipinas, Manila, era nada menos que um monumental busto em pedra do presidente Ferdinand Marcos, 66 anos, há dezenove no poder. Rejuvenescida, a gigantesca efígie contempla, de um lado, a Rodovia Ferdinand Marcos e, de outro, o campo de golfe Ferdinand Marcos. Encomendada pelo próprio Marcos em 1979, a obra está paralisada há um ano pela crise econômica sem precedentes que se abate sobre o país.

500

PRÊMIOS



Dentro dos lápis pretos

O Dedé, o Mussum e o Zacarias estão torcendo para você encontrar o seu prêmio nos lápis pretos Johann Faber/Faber Castell.

**Johann Faber
Faber Castell**

Estes são os prêmios:



**Pocket stereo
AM/FM com fones:**
anel vermelho.



Mini jogo eletrônico:
anel azul.



Estojo escolar:
anel verde.



**Estojo de lápis de
36 cores:** anel amarelo.

Como ganhar:

Como diz o Mussum: é "fácil". Compre os lápis pretos Johann Faber/Faber Castell e, na hora de apontar, fique de olho: se o lápis estiver premiado, você não precisará apontar até o fim procurando o prêmio, porque logo no começo aparecerá um anel colorido, indicando que o lápis contém um vale-brinde. Aí é só abrir o lápis, retirar o vale-brinde de dentro do tubo branco e mandar metade para: Caixa Postal 19 - São Paulo-SP, CEP 01000. A outra metade você guarda e espera o prêmio em casa.

REGULAMENTO

1. Participam da promoção "vale-brinde" dos lápis de grafite pretos da Johann Faber todos os compradores desses produtos durante o período da promoção, em todo o território nacional.
2. O período da promoção será o compreendido entre 1.º de fevereiro de 1984 e 30 de abril de 1984.
3. O vale-brinde é um microfilme colocado dentro do lápis, enrolado no grafite, onde constam o prêmio, o número do vale-brinde e o número de autorização do Ministério da Fazenda.
4. A presença do vale-brinde será constatada quando, ao apontar o lápis, surgir entre a madeira e o grafite um anel plástico colorido, nas cores vermelho, azul, verde ou amarelo. Ao se continuar a apontar, surgirá o vale-brinde microfilmado.
5. Os prêmios serão os seguintes:
• 150 rádios portáteis "Pocket stereo" AM/FM com fones.
• 240 mini jogos com relógio e calculadora Diamac.
• 1.200 estojos escolares Faber Castell em courovin modelo 2224.
• 3.420 estojos de lápis de cor com 36 cores marca Faber Castell modelo 3109-36.
Quantidade total: 5.010 prêmios.

6. As cores citadas no item 4 correspondem aos prêmios gravados nos vales-brindes, conforme tabela abaixo:
Anel plástico vermelho = rádio portátil "Pocket stereo" AM/FM com fones.
Anel plástico azul = mini jogo com relógio e calculadora Diamac.
Anel plástico verde = estojo escolar em courovin.
Anel plástico amarelo = estojo de lápis de cor com 36 cores.
7. Os vales-brindes serão numerados com um código alfanumérico composto por quatro letras e quatro números seguidos do número da série, conforme exemplo a seguir:
n.º ABCD-0001 - série única
n.º AFGI-0002 - série única.
8. Será emitida somente uma série de 5.010 números.
9. Ao achar o vale-brinde, o ganhador deverá devolver uma parte definida do vale-brinde, enviando-a com seu C.I.C., nome e endereço para a Caixa Postal n.º 19 - CEP 01000 - São Paulo. Ao receber a carta, e confirmar a autenticidade do número, a Lapis Johann Faber S/A. encaminhará, por correio e como encomenda, livre de qualquer despesa ou ônus, o prêmio correspondente, diretamente ao domicílio do contemplado, juntamente com o reembolso dos custos referentes à postagem das cartas enviadas.
10. Os ganhadores de São Paulo, ou os que assim o desejarem, poderão comparecer à Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 7.º andar, São Paulo, Capital, onde retirarão o prêmio a que tiverem direito.
11. Os vales-brindes não apresentados até 180 dias da data do término da promoção, ou seja, até 30 de outubro de 1984, perderão seu valor e o direito ao prêmio.
12. Os prêmios estarão em exibição na Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 7.º andar, São Paulo, Capital.
13. Os ganhadores concordam em permitir a utilização de seu nome, fotografia ou filmagem para a divulgação da promoção, sem qualquer ônus para a Lapis Johann Faber S/A.
14. As dúvidas eventualmente não previstas neste regulamento serão julgadas por uma comissão formada por um elemento da Lapis Johann Faber S/A., um elemento da Standard, Ogilvy & Mather Publicidade Ltda. e um elemento da Ogilvy & Mather Promoção, Merchandising e Design Ltda., sendo a decisão desta comissão soberana e irrecorrível.

ao domicílio do contemplado, juntamente com o reembolso dos custos referentes à postagem das cartas enviadas.
10. Os ganhadores de São Paulo, ou os que assim o desejarem, poderão comparecer à Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 7.º andar, São Paulo, Capital, onde retirarão o prêmio a que tiverem direito.
11. Os vales-brindes não apresentados até 180 dias da data do término da promoção, ou seja, até 30 de outubro de 1984, perderão seu valor e o direito ao prêmio.
12. Os prêmios estarão em exibição na Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 7.º andar, São Paulo, Capital.
13. Os ganhadores concordam em permitir a utilização de seu nome, fotografia ou filmagem para a divulgação da promoção, sem qualquer ônus para a Lapis Johann Faber S/A.
14. As dúvidas eventualmente não previstas neste regulamento serão julgadas por uma comissão formada por um elemento da Lapis Johann Faber S/A., um elemento da Standard, Ogilvy & Mather Publicidade Ltda. e um elemento da Ogilvy & Mather Promoção, Merchandising e Design Ltda., sendo a decisão desta comissão soberana e irrecorrível.

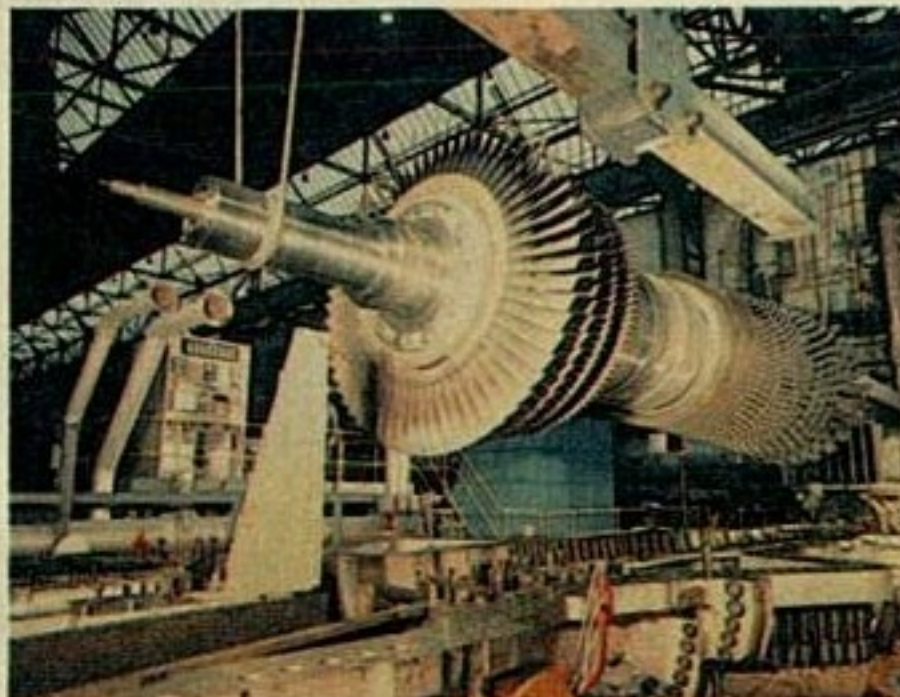
Lapis Johann Faber S/A.

Faber Castell

Fiat em revista.



"Não perca o Minuto Fiat que eu, Reali Jr., estou apresentando todos os sábados no intervalo do Jornal Nacional."



Hoje vamos levantar vôo com a Fiat.

Vamos provar que a tecnologia Fiat voa mais alto.

Apenas dois anos depois de Santos Dumont ter voado com o seu 14-Bis, começava a ser montado em Turim o primeiro motor Fiat para aviação. Era o ano de 1908 e a Fiat estava apenas decolando para suas aventuras no espaço.

1930: Fiat atravessa o Atlântico.

O primeiro motor Fiat para aviões era um SA-8 refrigerado a ar, com 8 cilindros e 50 HP.

Vários modelos Fiat foram desenvolvidos durante a primeira guerra mundial. Mas a grande consagração veio em 1930.

Naquele ano, o general Ítalo Balbo atravessou o Atlântico Sul com 12 hidroaviões equipados com motores Fiat de 12 cilindros e 610 cavalos.

Uma proeza histórica: de Roma ao Rio, num vôo de 10.350 km.

Fiat e o Caça Tornado.

A tradição da Fiat no setor aeronáutico não parou de evoluir até a fundação, em 1969, da companhia Aeritalia, que concentrou todos os projetos aeronáuticos da Fiat.

Hoje a Fiat Aviação projeta e desenvolve turbinas e

outros componentes para os mais avançados equipamentos civis e militares.

Exemplo disso é a sua participação, ao lado da Inglaterra e Alemanha, na produção de um caça que veio revolucionar a aviação militar: o Tornado.

AM-X: a Fiat trabalhando com a EMBRAER.

Já no primeiro semestre deste ano, estará voando o avião que é o resultado da mais importante cooperação aeronáutica entre o Brasil e a Itália. Trata-se do jato de combate AM-X, um subsônico veloz, capaz de executar missões de ataque a baixa altitude, inteligente e

praticamente invulnerável, desenvolvido pela Embraer, Aeritalia e Aermacchi.

No coração do AM-X pulsa a tecnologia Fiat. Famosa e reconhecida na terra e no ar.

The Fiat logo, consisting of the word "FIAT" in a bold, stylized, italicized sans-serif font, enclosed within a rectangular border.

A tecnologia que está sendo seguida.

Mais conforto para o assinante de veja

O Serviço de Atendimento ao Assinante de VEJA existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de assinatura, etc. Entre em contato com o escritório VEJA mais próximo de você:

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

SÃO PAULO

Das 8:00 às 20:00 (ininterrupto) - Av. Marquês de São Vicente, 1748 - Barra Funda - CEP 01139 - Fone: (011) 826-9222

RIO DE JANEIRO

Das 8:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:30 - Rua da Passagem, 123 - 11º andar - Botafogo - CEP 22290 - Fone: (021) 295-5544

RECIFE

Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00 - Rua Siqueira Campos, 45 - 8º andar - Santo Antonio - CEP 50000 - Fone: (081) 224-6175

SALVADOR

Das 8:00 às 12:30 e das 14:30 às 18:30 - Rua Itabuna, 304 - Rio Vermelho - CEP 40000 - Fone: (071) 235-5037

BELO HORIZONTE

Das 8:00 às 12:30 e das 14:00 às 18:00 - Rua Prof. Antonio Aleixo, 755 - Lourdes - CEP 30000 - Fones: (031) 337-1107 e 335-2213

PORTO ALEGRE

Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00 - Rua General Caldwell, 678/680 - Menino Deus - CEP 90000 - Fone: (0512) 33-9034

CURITIBA

Das 8:30 às 12:00 e das 14:00 às 18:30 - Rua Fernandes de Barros, 491 - 2º andar - Cristo Rei - CEP 80000 - Fone: (041) 263-3013

BRASILIA

Das 8:30 às 12:00 e das 13:30 às 18:00 - Edifício Central SCS Projetada 6 - 13º andar - CEP 70300 - Fone: (061) 226-6963

FLORIANÓPOLIS

Das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00 - Rua Humaitá, 243 - Cj. 01 - Estreito - CEP 88000 - Florianópolis SC - Fone: (0482) 44-7980

MUDANÇA DE ENDEREÇO

Se você mudou de endereço, envie-nos este cupom, comunicando seu novo domicílio, para DIVISÃO DE MARKETING DIRETO, Caixa Postal 11.830, CEP 01000, São Paulo, SP.

COLE AQUI
SUA ETIQUETA DE
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

VE 804

Novo Endereço

Bairro

Estado

Cidade

CEP

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

Olimpíadas

Guarda alta

*Os EUA fecham a defesa
contra o terror*

Cada vez que uma bomba explode em Beirute, no Líbano, um calafrio percorre as espinhas de onze cidadãos que frequentemente se reúnem a 12 000 quilômetros dali, em Los Angeles, nos Estados Unidos. Eles formam a Comissão de Segurança dos Jogos Olímpicos que começam no dia 28 de julho e convivem há mais de um ano com o desafio de manter, durante as duas semanas de competição, a integridade de cerca de 12 000 atletas e 4,5 milhões de espectadores potencialmente ameaçados por ataques terroristas como os que têm abalado o Oriente Médio ou o que marcou com sangue a Olimpíada de Munique, em 1972.

Naquela ocasião, onze atletas israelenses foram seqüestrados e assassinados por terroristas palestinos em plena Vila Olímpica. Da tragédia na Alemanha resultou que os Jogos de Montreal, no Canadá, em 1976, foram cercados por um esquema de segurança de mais de 100 milhões de dólares. Em 1980, em Moscou, os já arraigados controles policiais soviéticos facilitaram a tarefa, mas os recordes de atos terroristas registrados em 1983 — mais de 800 incidentes internacionais — aumentaram o temor de que a história se repita nos Estados Unidos, onde as despesas com segurança são o maior item no orçamento de 498 milhões de dólares dos Jogos e o número de agentes de segurança é superior ao de atletas: serão 18 000 homens de organizações tão diversas quanto o FBI, a CIA, o serviço secreto, a polícia de Los Angeles, a Guarda Costeira e unidades especiais antiterror.

“Especular sobre o tipo de ato terrorista que pode acontecer durante os Jogos parece ter-se transformado no passatempo mais popular de Los Angeles”, diz Brian Jerkins, especialista em terrorismo da respeitada Rand Corporation, organização de pesquisa da Califórnia. Para Jerkins, o terrorismo “vive de modas”. Assim, os anos 70 foram marcados por seqüestros de aviões e tomada de reféns, e nos 80 surgiram os carros-bomba, que matam indiscriminadamente. Para evitar surpresas, o acesso à Vila Olímpica será mais controlado do que a mais reforçada prisão americana: estão sendo instalados circuitos de televisão, cercas com sensores eletrônicos e aparelhos para detecção de bombas, e cada

atleta será identificado por um cartão que, durante seu trânsito, será reconhecido por computadores, através de um código.

Para familiarizar-se com a teia internacional do terror, policiais de Los Angeles fizeram contato com os principais serviços secretos do mundo. Até a Delta Force, a mais bem treinada unidade antiterror do Exército americano, estará a postos. A Casa Branca entregou, desde maio, a missão de fiscalizar esses preparativos ao coronel reformado Charles Beckwith — famoso desde que liderou a malograda tentativa de resgatar reféns americanos no Irã e por manter em sua mesa um cartão com a frase “Mate-os todos. Deixe que Deus



separe uns dos outros”. Menos raivoso, o agente aposentado do FBI Edgar Best, que comanda as operações de segurança para o Comitê de Organização dos Jogos, acha que a própria qualidade da Olimpíada impede que a segurança seja arrochada até o ponto ideal: “Temos de nos lembrar de que não estamos, afinal, preparando uma exibição internacional de medidas antiterrorismo”, disse ele a VEJA na semana passada. “Não podemos cobrir o evento sob uma rede que ofusque o próprio espetáculo.”

SELMA SANTA CRUZ, de Los Angeles

NÃO TENHA PRESSA: O VIDEO-CASSETTE DECK PHILCO VEM AÍ.



A história se repete. Vem aí a Vídeo-Câmera Philco-Hitachi.

Vale a pena esperar.



Controle o seu impulso de comprar a primeira vídeo-câmera em que você bater os olhos. Você já passou por isso, quando esperou pelo Video-Cassette Deck Philco. E ninguém melhor do que você para dizer que valeu a pena esperar. Vai valer a pena aguardar pela Vídeo-Câmera Philco-Hitachi. Ela vem aí para complementar o seu Vídeo-Cassete. Isso quer dizer que você vai ter nada mais nada menos que a melhor e mais avançada vídeo-câmera. Com a tecnologia de vanguarda da Hitachi, um dos gigantes do mundo da eletroeletrônica. Isso mesmo, a mais nova geração de vídeo-câmera. Aqui e lá fora. "Design" mais avançado e características técnicas que não têm replay em nenhuma outra vídeo-câmera. Para comprovar isso tudo, acompanhe esta tomada panorâmica sobre as vantagens que você já esperava da Philco e da Hitachi. E que vai continuar esperando só mais um pouquinho. Comece com um "close" das características exclusivas:

- **Visor eletrônico ("Electronic Viewfinder").** Uma tela de TV na câmera mostrando a cena como ela é gravada, tornando obsoletos os visores óticos comuns.
- **Revisão Instantânea.** As cenas já gravadas são reprisadas no visor eletrônico da própria câmera. Permite avaliação imediata, em qualquer local.
- **Tubo Saticon.** Alta sensibilidade, permite gravar em

- baixos níveis de iluminação onde outras câmeras não conseguem operar.
- **Zoom de 8 vezes.** Automático e manual, com efeitos Grande-Angular, Teleobjetiva e Macro.
- **Microfone Telescópico ("Boom").** Integrado à câmera, além de tomada para outro microfone. Possibilita gravações próximas e distantes, com som direto.
- **"Fade-In/Fade-out":** escurecimento e clareamento suaves.
- **Abra mais o quadro e observe as características adicionais:**
 - **Lente macro.** Permite "Closes" com até 1 centímetro de proximidade do objeto (macro-gravação).
 - **Controle de Íris, automático e manual.** Garantia de luminosidade, cores e detalhes, mesmo em condições desfavoráveis.
 - **Controle de branco ("White-Balance").** Garante imagens autênticas e fiéis.
 - Possibilita truques e efeitos especiais.
 - Opera no sistema Pal-M, acoplada a um vídeo-cassete de mesa ou portátil.
 - **Dimensões:** larg.: 80 mm, alt.: 219 mm (com empunhador), prof.: 372 mm.
 - **Peso:** apenas 1,6 kg.

E ainda tem mais. Grave Bem. Aguarde a sua Vídeo-Câmera Philco-Hitachi.



Lançamento em março.

PHILCO

Mudanças na Previdência Privada.

Veja como
sua empresa
vai se beneficiar
com isto.

A Vera Cruz Seguradora esclarece as principais mudanças introduzidas na Previdência Privada pelo Conselho Nacional de Seguros Privados.

- **Resgate em 36 meses.**

Em casos de desistência, anteriormente, somente após 5 (cinco) anos, os valores aplicados eram resgatáveis. Com as novas mudanças, após 36 meses será possível resgatar a quase totalidade das reservas constituídas, devidamente capitalizadas e corrigidas.

- **Proteção contra o desgaste da inflação.**

A correção de benefícios e contribuições agora pode ser semestral, minorando os efeitos da inflação. Os planos que eram corrigidos anualmente, com a nova periodicidade fi-

cam mais adequados à realidade.

Isto permite ajustar e compatibilizar o Plano de Previdência Privada à política salarial, eliminando-se a defasagem entre os benefícios do plano e os salários.

- **Prazo de carência.**

Para o benefício de Pecúlio, contratado para os seus empregados, o prazo de carência em caso de morte agora poderá ser eliminado e substituído por declaração pessoal de saúde.

- **Redução no custo do plano.**

Nos planos-empresa, poderá haver redução nas contribuições futuras, caso haja excedentes originados por menor ocorrência de morte ou invalidez ou por desistências ante-

cipadas do plano.

- **Imposto de Renda.**

Além das novas vantagens, todas as contribuições da sua empresa continuam a ser dedutíveis como despesas operacionais. Da mesma forma, as contribuições dos empregados continuam sendo abatíveis.

- **Informações adicionais.**

Caso sua empresa esteja interessada no seu futuro e de seus funcionários, ligue gratuitamente de qualquer ponto do Brasil e fale diretamente com o Serviço de Informações de Previdência Privada Vera Cruz.

Telefones:

São Paulo (Capital): 255-8655.

Outras localidades:

(011) 800-8655.

 **Vera Cruz Seguradora**

Associada à SA Moinho Santista



Sempre à frente dos adversários, "Devil's Bag" está invicto nas pistas americanas

FOCUS ON SPORTS

Esporte

O alazão voador

Potro americano assombra o mundo do turfe

Quando chegou ao Hipódromo de Hialeah, em Miami, em janeiro do ano passado, para começar a ser treinado, o potrinho "Devil's Bag" era apenas um entre os quase 300 que um ano antes haviam sido vendidos no selecionadíssimo leilão de Keeneland. Em dezembro, ao ganhar sua quinta corrida consecutiva, ele já batera dois recordes e, pela facilidade com que derrotara os adversários de sua idade, era visto como a maior revelação do turfe mundial. Entrou o ano sindicalizado entre 36 proprietários, cada um detentor de uma cota de 1 milhão de dólares que dá direito a uma cobertura anual do campeão — transformado em reprodutor.

Mas, até que venha a ser retirado das pistas para assumir o papel de reprodutor, Devil's Bag tem um programa de seis corridas pela frente. Entre elas, estão os três páreos milionários que compõem a Tríplice Coroa do turfe americano — o Derby de Kentucky, o Preakness Stake e o Belmont Stake. Mantendo sua invencibilidade, terá desbancado o lendário "Secretariat", tríplice-coroador em 1973. Os fãs de Secretariat — um fracasso na reprodução, apesar de sua fulminante passagem pelas pistas — exigem provas mais concludentes de que o potrinho alazão seja capaz de substituir o seu ídolo, mas as seções de turfe dos jornais americanos já o aclamam como favorito na difícil corrida contra a sombra do campeão.

Papéis e retrospecto, dizem os mais en-

tusiasmados, não lhe faltam: filho de "Halo", pai do campeão "Sun's Halo" e da égua "Ballade", mãe do destacado corredor "Glorious Song", Devil's Bag já superou, aos 2 anos, os recordes de cavalos como o craque "Iron Ruler" e o velocíssimo "Seattle Slew". Confirmando neste ano a campanha passada, ele não só será reconhecido como o melhor cavalo americano de todos os tempos como também terá transformado numa autêntica pechincha a ousada compra do banqueiro James Mills — que pagou por ele 325 000 dólares, ou 340 milhões de cruzeiros. ●

Pedais de ouro

Italiano quebra recorde mundial de ciclismo

Desde 1893, quando o francês Henry Desgrange correu 35,3 quilômetros em uma hora, montado em uma bicicleta, essa competição de velocidade, resistência e técnica tornou-se a mais nobre das provas do ciclismo internacional. Na segunda-feira da semana passada, ao superar o recorde que ele próprio estabeleceu quatro dias antes, o italiano Francesco Moser, 32 anos, revolucionou esse tipo de disputa. No mesmo espaço de tempo, conseguiu percorrer 51,151 quilômetros, 1,72 quilômetro além da marca do recordista mundial anterior — o belga Eddy Merckx —, obtida em 1972 na mesma Cidade do México.

Essa diferença de recordes consecutivos, a maior registrada nos 91 anos de existência da prova, não é o único nem o mais relevante aspecto do histórico feito de Moser. Ele também utilizou uma

inacreditável bicicleta, bem diferente da que usou durante os treinos e inteiramente desenhada para o fim a que se destinava: as rodas, que custaram 7 000 dólares (7,3 milhões de cruzeiros) cada uma, não têm raios — são inteiriças, feitas de fibra de carbono e em forma de lente, para cortar a resistência do vento. A de trás tem o diâmetro 4,3 centímetros maior que o da dianteira, o quadro é torto na parte posterior para facilitar os movimentos do selim com o peso do atleta e o guidom é virado para a frente. Seu peso total é de 7,5 quilos e cada pedalada cobre 8,14 metros de terreno.

O próprio Moser também foi especialmente preparado para a façanha. Reconhecido como grande ciclista desde 1972, mas considerado pouco jovem para a prova da hora, o atleta italiano foi rigorosamente condicionado por médicos, preparadores físicos e nutricionistas. Fizeram bom trabalho, tanto que o belga Merckx, que estabeleceu seu recorde com 27 anos, saiu da pista exausto e jurando que nunca mais tentaria fazer um esforço semelhante. Moser não só retornou à pista quatro dias depois como ainda se recuperou a ponto de melhorar o seu tempo. Os patrocinadores italianos — fabricantes de um produto chamado "Enervit Proteyn", cuja publicidade promete justamente fornecer energia sem engordar o consumidor — ficaram tão contentes que premiaram seu atleta com 150 000 dólares, cerca da metade de sua renda anual com as competições comuns. ●



Moser treinou com bicicleta comum

O que há de melhor para ler

Moda Internacional



Claudia Moda, edição especial com a prévia da moda verão/85.

Os profissionais da moda contam agora com um excelente serviço prestado pela revista CLAUDIA MODA. Ampla cobertura jornalística, com análises, comentários e fotos exclusivas dos salões "prêt-à-porter" de Paris e Milão, onde está sendo preparada e apresentada a moda masculina e feminina para o verão de 85.

QUATRO RODAS une o útil ao agradável.



Economia, um grande segredo, turismo, como ganhar um Escort. E mais: um chaveiro para você.

QUATRO RODAS revela o novo segredo da GM: o Corsa. Conheça também os defeitos mais comuns em cada carro e como eliminá-los. Pra economizar, saiba trocar a marcha na hora certa e escolher uma boa oficina de manutenção e pintura. Para você viajar, a dica é ir às praias do sul, de Florianópolis até o Rio de Janeiro. E você pode ganhar um Escort JPS no grande concurso de QUATRO RODAS. Grátis: um chaveiro especial.



Mal de verão

Surto de conjuntivite ataca no Rio

Além do sol, das praias e de toda a festiva movimentação do verão, o Rio de Janeiro tem algo bem menos desejável a oferecer a seus moradores ou visitantes, nestes dias: um surto de conjuntivite. Na verdade, nem se trata mais de surto. A doença provocada pela inflamação da conjuntiva, película que recobre a parte interna da pálpebra e parte do globo ocular, já assume proporções de uma epidemia. Na semana passada, o ambulatório central do Hospital Miguel Couto atendeu, por exemplo, uma média de 35 casos por dia. Para ter uma idéia da virulência da moléstia neste ano, a incidência nos verões passados atingiu a tímida média de três casos diários.

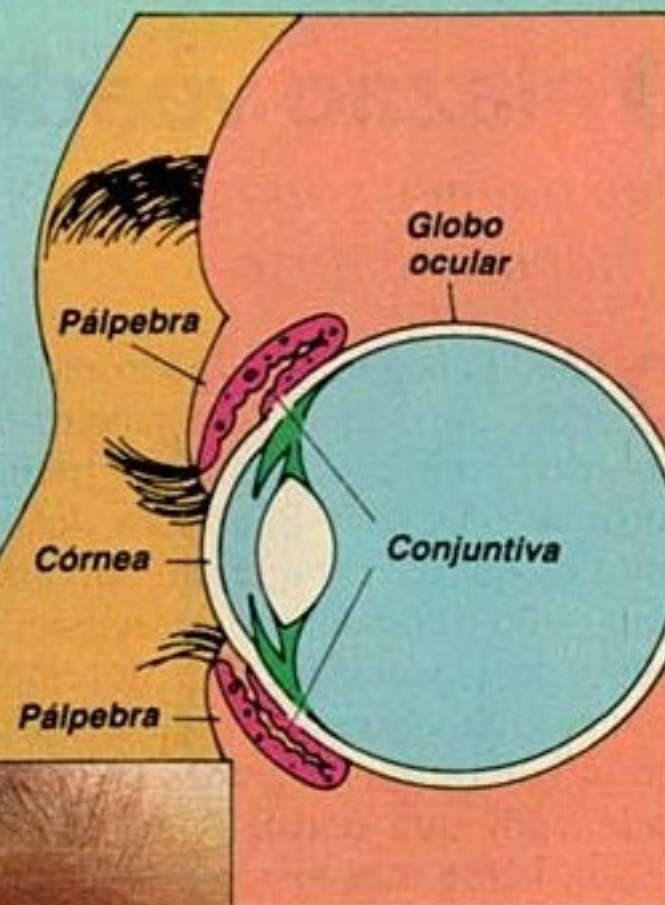
A epidemia não poupou sequer os próprios médicos do Miguel Couto. Seis deles foram licenciados por ter contraído a doença nos últimos dias. Na quarta-feira passada, o vice-diretor do hospital, Paulo Issa de Paula, foi empossado no cargo de diretor do Departamento de Assistência Hospitalar da Secretaria Municipal de Saúde em plena crise aguda da moléstia. Estima-se que o número de pessoas atingidas já tenha ultrapassado a marca dos 100 000. O próprio governador Leonel Brizola foi alcançado e teve de passar uma semana portando um incômodo paliativo: um par de óculos escuros que não tirou dos olhos nem durante as solenidades noturnas a que compareceu. "Não me lembro de um surto igual a esse", diz o oftalmologista Pedro Moacir de Aguiar, da Clínica Central de Olhos.

A conjuntivite pode ter três causas distintas. A primeira, e mais simples, é a ocasionada por agressões mecânicas ao olho. Poeira, ar enfumaçado e ciscos que atingem o globo ocular podem desencadear a doença. Também as bactérias, como as que causam a blenorragia ou mesmo a tuberculose, explicam algumas ocorrên-

cias. No caso da epidemia carioca, a causa mais aceita pelos médicos é a incidência de vírus. "A epidemia está sendo causada por um vírus que pode ser transmitido por simples aperto de mão", diz o médico Eduardo Costa, 42 anos, secretário de Saúde de Estado. De acordo com Costa, o vírus pode atacar os olhos de maneira ainda mais insuspeitada, ou seja, por meio de uma toalha infectada pela água do mar ou da piscina. E condições ideais para que a moléstia se espalhe são o calor em torno de 40 graus e a umidade reinante no ar, algo que produz os mesmos efeitos de uma estufa. A proliferação dos microorganismos causadores da doença

A conjuntivite virótica

O vírus se instala na conjuntiva, a película que recobre internamente as pálpebras e parte do globo ocular, dando origem à inflamação. Como resultado, há um aumento no fluxo de sangue e de secreção, o que provoca coceira, ardor e vermelhidão.



WAGNER BERBER

torna-se, assim, irreversível.

Para combater os sintomas clássicos da conjuntivite — vermelhidão do olho, aumento da secreção e ardor —, o

carioca lançou mão dos colírios e correu com tal ímpeto às farmácias que os estoques se esgotaram. Além dos colírios, sumiram das prateleiras os vidros de água boricada, que serve para a limpeza da secreção típica da doença. "A conjuntivite é o grande negócio do verão", alega-se Jorge Guerra, 36 anos, proprietário da Farmácia e Drogaria Ponto Botafogo. "Em vinte anos de profissão nunca havia vendido tanto colírio e água boricada como agora", acrescenta. Benigna, a conjuntivite virótica desaparece na maioria dos casos em uma semana e a corrida às farmácias funciona apenas como alívio aos sintomas.

QUATRO RODAS

DE JANEIRO

VÁRIAS REVISTAS NUMA SÓ REVISTA

Uma Revista de Manutenção
Conheça os defeitos mais comuns de cada modelo e saiba como se livrar deles.

Uma Revista de Mistérios
Em mais um grande furo de reportagem, você vai ver as fotos do novo modelo da General Motors: o Corsa.

Uma Revista de Economia
Aproveite as dicas para encontrar uma boa oficina de funilaria e pintura.

E mais: saiba trocar a marcha na hora certa para diminuir o consumo de combustível.



Uma Revista de Testes
O Del Rey enfrenta o Monza SLE num comparativo que revela as vantagens e desvantagens de um sobre o outro.

E GANHE UM ESCORT JOHN PLAYER SPECIAL

Participe do sensacional concurso de QUATRO RODAS GANHE CRIANDO e concorra a esse carro genial e outros prêmios.



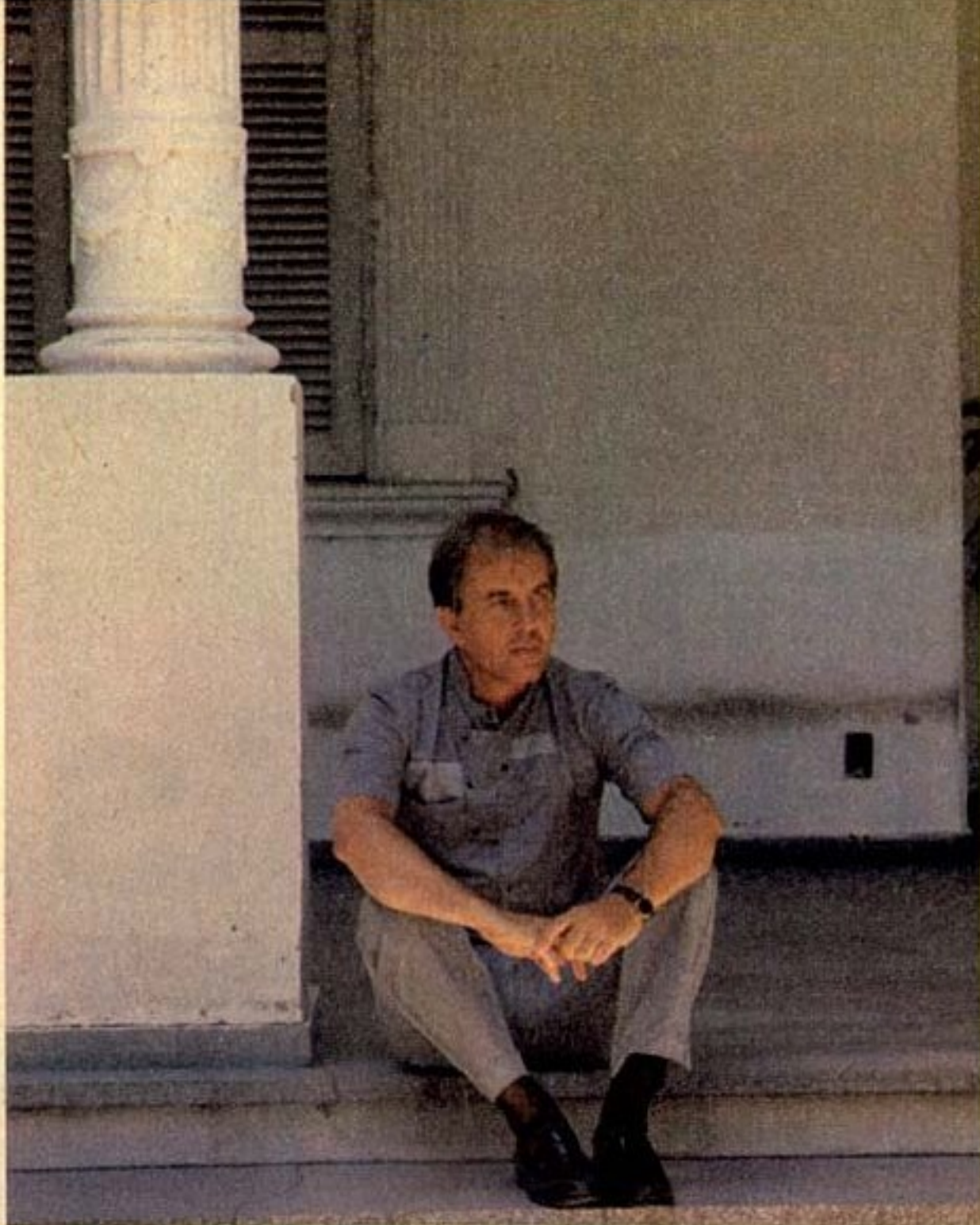
Uma Revista de Turismo
Programa as suas férias com informações seguras. Use o mapa e o roteiro das praias do sul do Brasil, de Florianópolis até o Chuí.

GRÁTIS:

UM CHAVEIRO ESPECIAL PRA VOCÊ.



Nas bancas



Guarisse: votos de castidade e pobreza

Gente

O empresário gaúcho **Arthur Armando Guarisse**, 48 anos, ganhou notoriedade quando se casou, há um ano, com a atriz **Sandra Bréa**, e voltaria ao noticiário seis meses depois, dessa vez para anunciar a separação do casal. Agora, antes de mergulhar num período que espera seja de anonimato total, Guarisse exhibe mais um lance atribulado de sua vida. Depois de salvar da falência sua fábrica de móveis rústicos, a Artesanato Guarisse, ele resolveu doá-la a seus empregados, e, ato contínuo, anunciou a decisão de entrar num convento, no caso o mosteiro da Ordem de São Francisco de Assis. "Vou me dedicar somente a Deus", disse Guarisse. Conhecido em Porto Alegre por sua paixão pelos carros esporte e pelas festas animadas que comandava, o empresário garante que a opção religiosa é definitiva. "Vou seguir à risca os tra-

dicionais votos de pobreza e castidade."



Já que a força de vontade sempre foi marca registrada do clã dos Kennedy — por que haveria de ser diferente com o jovem **Ted Kennedy Jr.**, 22 anos, filho do senador **Edward Kennedy**? Attingido por um câncer ósseo



Kara, ao lado de Ted Kennedy Jr.: força de vontade

há dez anos, quando teve de amputar uma perna, Ted Jr. não esmoreceu. Tanto que não abriu mão, inclusive, das atividades esportivas, e assim pôde participar, ao lado da irmã **Kara**, de 23 anos, da abertura dos III Jogos de Inverno para Deficientes Físicos, em Innsbruck, na Áustria, na semana passada. Ted Jr. só não participou das competições propriamente ditas porque se considera fora de forma. "Este ano os estudos foram muito puxados e não tive tempo para treinar", disse. Ele se limitou a uma demonstração nos esquis. Mas seu desempenho foi tão convincente que ele prometeu competir no ano que vem.

ADOLFO GERCHMANN



Conhecida como a rainha da pornochanchada, a atriz **Aldine Müller**, 30 anos, está decidida a abandonar o trono. Ela acaba de ceder o papel que fazia na peça teatral *O Grande Motel*, em São Paulo, para a atriz **Matilde Mastran-**



ADOLFO GERCHMANN

Aldine: papel sério

gi, e em seguida voou para Porto Alegre, onde pela primeira vez fará um filme fora do gênero que a consagrou — a adaptação do romance *A Noite*, de Erico Verissimo. É verdade que no filme, dirigido por Gilberto Loureiro, Aldine fará o papel de uma prostituta, a "Ruiva", mas a atriz garante que em nenhum momento os espectadores se lembrarão dos personagens que tem feito até agora. "O papel é seriíssimo e muito difícil", diz Aldine.

"Esse filme vai ser um marco na minha carreira."



Apaixonado por óperas desde criança, o advogado paulista **Raphael Cilento**, 51 anos, fundou o primeiro videoclube de óperas do país: o Vídeo Verdi Ópera Club. Com cinco sessões mensais, o clube atende por enquanto a não mais que catorze sócios e seus convidados, que assistem a encenações de espetáculos como a *Carmen*, de Bizet, ou a *Aída*, de Verdi, e em seguida promovem debates e conferências. "No

GAMMA



CARLOS FENERICH

Cilento: um videoclube especializado em óperas

início fazia as sessões em minha própria casa", conta Cilento. "Mas ela acabou ficando pequena demais para tantos interessados." Agora o Vídeo Verdi — que usa para as sessões o arquivo particular de Cilento, com mais de 100 títulos — aluga o salão de convenções do Príncipe Hotel, em São Paulo, onde estão instalados um equipamento de videocassete e caixas de som, e os sócios podem dispor de revistas e jornais sobre óperas. "A ópera é um espetáculo tanto visual quanto sonoro, e o videocassete permite assistir a ele por inteiro", diz o advogado.

★

Filha mais nova de **Charles Chaplin**, **Annette Emily Chaplin**, de 24 anos, resistiu enquanto pôde aos apelos de amigos e parentes para que fizesse carreira no cinema, como suas irmãs **Geraldine** e **Josephine**. Finalmente, Annette se dobrou e acaba de estreiar nas telas fazendo um papel secundário no filme *States of Wonder*, do diretor argentino **Martin Donovan**, ex-assistente do falecido cineasta italiano **Luchino Visconti**. Annette estava decidida a fazer teatro até que Donovan convenceu-a a participar de

seu filme, que conta a história de um país fictício em luta contra o terrorismo. Parecidíssima fisicamente com o pai, Annette herdou também, segundo quem a conhece de perto, seus dons artísticos. "Ela é ótima diante das câmaras", diz Donovan.

★

A casa Chanel, de Paris, está acusando o estilista americano **Adolfo**, um dos costureiros preferidos da primeira dama dos Estados Unidos, **Nancy Reagan**, de ter simplesmente copiado suas roupas. Comparando fotos de



GAMMA

Annette: outra Chaplin no cinema

criações do costureiro com as da última coleção de outono da Chanel, o presidente da casa de moda francesa, **Michel Pietrini**, acusou: "Ele copiou até mesmo os acessórios que as manequins usaram nos desfiles". De acordo com uma das revistas de moda de maior circulação nos Estados Unidos, a *Women's Wear Daily*, o estilista americano desenhou bolsos e golas idênticos aos dos vestidos da coleção francesa. Adolfo, que trabalha em Nova York, preferiu não comentar o assunto.

★

Em seu primeiro filme depois de ter ganhado o Oscar de melhor atriz por sua participação em *A Escolha de Sofia*, a americana **Meryl Streep**, 34 anos, mostra em *Silkwood*, atualmente em cartaz em Nova York, que é mais uma vez séria candidata a



Nixon: condômino indesejado

uma indicação da Academia de Hollywood. Pela primeira vez, em dezesseis anos de carreira, Meryl faz um personagem que realmente existiu. O filme conta a história de Karen Silkwood, uma técnica de laboratório de uma usina nuclear morta em condições misteriosas em 1974. Karen ia ao encontro de um repórter do *The New York Times*, a quem daria provas de que os empregados da usina estavam sendo sobreexpostos a materiais radiativos, quando seu carro foi inexplicavelmente abalroado na estrada. "Interpretar uma pessoa de carne e osso é um desafio enorme", diz Meryl.

"Mas é nos desafios que está a atração do cinema."

★

O ex-presidente **Richard Nixon**, 71 anos, ainda sente os efeitos do escândalo Watergate que há dez anos o forçou a deixar o cargo e fez dele o primeiro presidente da história dos Estados Unidos a renunciar. Na semana passada, os moradores de um prédio de luxo na Park Avenue, um dos mais nobres lugares de Nova York,

entraram na Justiça para tentar impedir o ex-presidente de comprar um apartamento no edifício. No documento, os moradores alegam que a presença de Nixon no prédio, dada sua má reputação, seria motivo suficiente para forçar uma desvalorização dos imóveis. Além disso, eles consideram desagradável a companhia do ex-presidente. "Detesto a idéia de ter que subir com ele no elevador", disse Jacob Kaplan, um dos moradores. Nixon, por sua vez, espera que a Justiça de Nova York rejeite a petição, e contra-argumenta que sua presença seria benéfica aos condôminos. Ele afirma que os policiais do serviço secreto que o acompanham — e a todos os ex-presidentes americanos — protegeriam também o edifício contra eventuais assaltantes.



Rua Capuri, no Rio: brincadeiras sem sustos



Rua Alcides Silveira Faro, em São Paulo: portão de ferro...

Cidades

As fortalezas urbanas

A população se protege com guaritas e aparelhos eletrônicos

Localizada no cobiçado bairro do Morumbi, em São Paulo, a Rua Alcides Silveira Faro não tem saída — e a entrada não é para qualquer um. Há quatro meses os moradores das dezesseis mansões que se espalham pela rua, unidos pelo temor a assaltos, concordaram em fechar o acesso com um pesado portão de 2,5 metros de altura. Quem quiser visitar algum morador da rua — entre os quais figuram algumas das maiores estrelas do empresariado nacional, como Cláudio Bardella e Matias Machline, dono do grupo Sharp — terá primeiro de se anunciar por interfone a um guarda instalado numa guarita, informando aonde pretende ir. O guarda telefo-

nará para a casa e, recebendo autorização, entregará um crachá para o visitante poder passar pelos outros guardas que encontrará no caminho.



Genildo, segurança do bicheiro Noal: bunker no Morumbi

Esse portão de ferro é a terceira geração das trincheiras que, sempre por razões de segurança, vêm sendo instaladas nas principais cidades brasileiras. Há cinco anos, surgiram as correntes de ferro que hoje, só no Morumbi, fecham ao tráfego mais de quarenta ruas. Depois vieram as cancelas manobradas por vigilantes em guaritas. Uma delas foi instalada há um ano e meio na Rua Capuri, no bairro de São Conrado, no Rio de Janeiro, por decisão dos moradores das sessenta casas. Hoje as crianças brincam soltas na calçada e não é difícil ver um carrinho de bebê estacionado bem no meio da rua, que os moradores consideram quase absolutamente segura. "Só não po-



FOTOS CARLOS FENERICH

...e só entra quem tem crachá no peito

demos impedir de vez a passagem porque a rua é pública", informa Glória Maria Chermont, 44 anos, há dez na rua.

MERCADO EM EXPANSÃO — De fato, qualquer manual de Direito ensina que fechar um logradouro público é ilegal. Da mesma forma, é ilegal a instalação de cercas eletrificadas e até mesmo o antigo expediente de fincar cacos de vidro no alto dos muros — se um ladrão se ferir ali, poderá processar o proprietário. O advogado terá, naturalmente, alguma dificuldade para explicar o que seu cliente fazia em cima de um muro alheio, mas estará baseado no princípio jurídico de que a vida humana é um bem maior do que o patrimônio. Na verdade, à margem de certas normas legais, a explosão de violência nos grandes centros urbanos está forjando um novo texto para a lei da sobrevivência, segundo o qual todo recurso de defesa é válido.

Inseguro diante da precariedade do sistema policial que deveria protegê-lo, o brasileiro vai descobrindo que o mais prático é cuidar de si mesmo. Uma cidade como Salvador, por exemplo, hoje exibe um contingente de 15 600 guardas de segurança particulares, superior ao total de 15 000 homens das polícias civil e militar ali baseados. Nas maiores metrópoles, pautas de reuniões de condôminos de edifícios trazem em primeiro lugar a questão da segu-

rança, e guaritas vão-se espalhando na esteira da arquitetura do medo. As pesquisas parecem justificar tanta apreensão. O Instituto Gallup constatou que, no Rio e em São Paulo, quatro entre dez adultos já foram vítimas de assalto. Os números oficiais informam que há uma média mensal de 130 a 140 assaltos a residências no Rio, cifra que dobra em São Paulo.

Talvez sejam números conservadores. Michel Constantine, diretor da ISS — Sistemas Internacionais de Segurança —, sustenta que a ocorrência é trinta vezes superior aos cálculos oficiais. Nas suas contas, só em São Paulo teriam ocorrido no ano passado 100 000 roubos e furtos de toda espécie a residências, o que explicaria a extraordinária expansão da ISS e a entrada no mercado de outras firmas dispostas a atender uma assustada e crescente clientela que consome os mais extravagantes sistemas de alarma e defesa criados pela tecnologia eletrônica (veja o quadro à página 49).

REVÓLVER NA PISCINA — Nos 3 500 metros quadrados de uma das esquinas da Avenida Morumbi hasteia-se o modelo mais exagerado dessas novas fortalezas urbanas. Ali, enquanto administra a circulação de um volume de dinheiro vivo calculado em 50 milhões de cruzeiros diários, o banqueiro do jogo do bicho Ivo Noal, 48 anos, comanda uma reforma que transformará sua casa num *bunker*, digno dos mais cinematográficos inimigos de James Bond. Por trafegar num campo de atividade sempre minado, Noal talvez procure precaver-se contra possíveis rivais, mas no momento o que o preocupa são os bandidos comuns. Vítima de duas tentativas de assalto em dezembro último, uma das quais rendeu um tiroteio de 26 minutos entre seus guarda-costas e os assaltantes, ele mandou levantar os muros para até 13 metros de altura, em certos trechos desnivelados da rua. Em cada muro há uma porta eletrônica, disfarçada em alvenaria, para dar mobilidade aos seguranças. Em cada canto há uma guarita com sistema de alarma e monitores de tevê. Na casa toda há 15 vídeos e dois telões, circuito que lhe custou 450 milhões de cruzeiros e permite vigiar todos os cômodos do imóvel, banheiros incluídos. Há oito guardas

armados de revólveres e carabinas, comandados por Genildo Teixeira, 26 anos. Túneis subterrâneos com entradas e saídas controladas eletronicamente podem despejar, em seis pontos da casa, quatro ferozes e treinados cães dinamarqueses que normalmente rondam os jardins e o quintal.

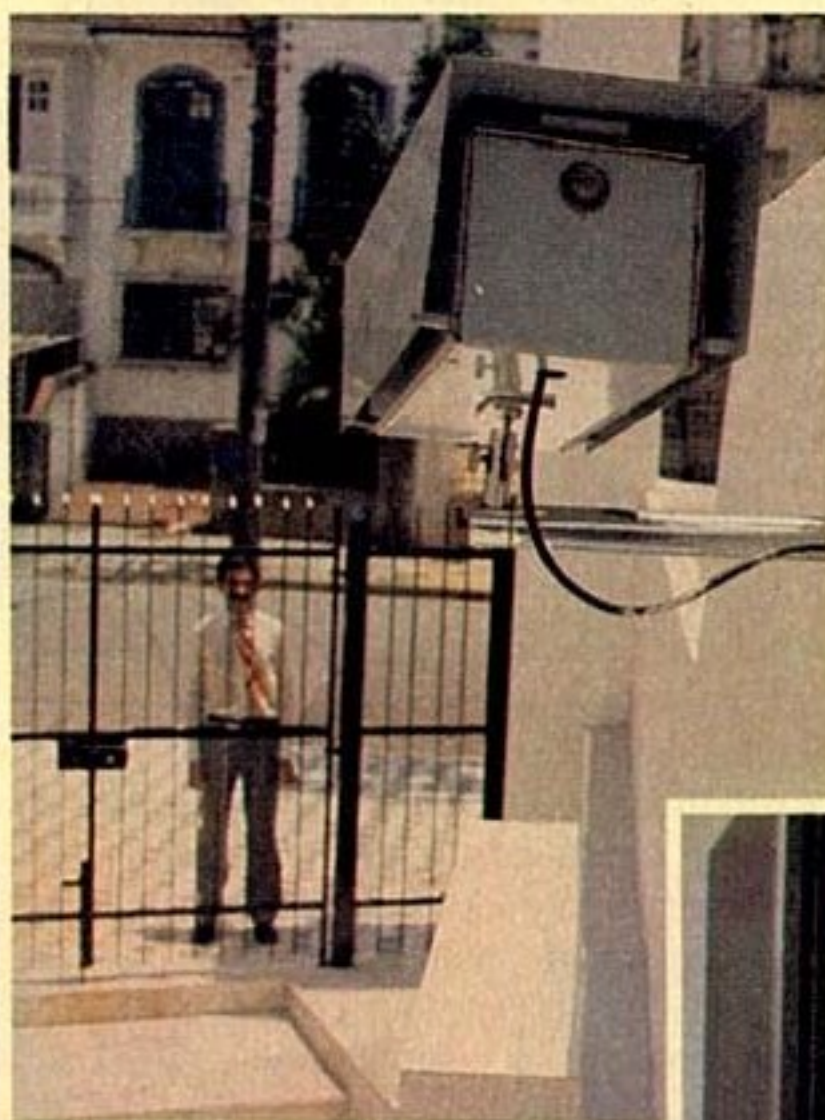
Se não têm as preocupações e cautelas de Noal, mesmo pacatos cidadãos com ocupações bem definidas e menos posses começam a forjar suas fortalezas particulares. O carioca Rodolfo Mello Campos, 40 anos, diretor financeiro de uma empresa de perfuração de petróleo, ainda recorda os tempos em que era estudante e morava numa casa em Copacabana perto de uma favela. Nessa época, ele costumava colocar um esqueleto de verdade — herdado de um professor de anatomia — para espantar possíveis ladrões. Hoje, Campos adotou um requintado sistema eletrônico



Hottoni: um calibre 32 protege os convidados à piscina

de segurança para proteger sua casa de dois andares no Leblon: ao abrir eletronicamente o portão, sem descer do carro, ele aciona ao mesmo tempo um circuito interno de TV que mostra, num telão instalado dentro da casa, o que se passa na calçada em frente. Além de grades, há em todas as janelas, portas e no forro da casa um sistema de alarma que faz soar uma sirene no telhado e acende seis holofotes laterais. "Os ladrões se assustam com barulho e luzes", acredita.

Depois de dois assaltos, o paulista Ismael Hottoni, 33 anos, dono de uma fábrica de móveis, também achou que era hora de se cuidar: no fim do ano passado instalou 24 pontos de alarma em casa, cacos de vidro no muro e combinou com a sua vizinhança no Morumbi um código de socorro. Tal código inclui um certo número de piscadas de farol do automóvel quando se está sendo seguido, um único toque de campainha quando há perigo à vista, ou



O superpainel do Edifício Pinati: o controle das seis câmaras que focalizam o exterior e transmitem as imagens para os apartamentos



FOTOS CARLOS FENERICH

chamar amigos e familiares pelo nome completo, quando se atende a um telefonema no momento em que se está sendo assaltado. Hottoni, que mora ao lado de uma favela e afirma que costuma ser espionado por binóculos, inclui nessa série de cuidados o hábito de levar à piscina, nos fins de semana ensolarados, um revólver calibre 32 que fica sempre a mão. Durante a semana, nestas noites de verão, a grande preocupação de Hottoni tem sido familiarizar-se com as próprias engenhocas que mandou instalar: habituado a realizar sorrateiros assaltos noturnos à geladeira, por duas vezes acionou a sirene de alarma acidentalmente.

DEFESA ELETRÔNICA — Em vez de instalar fortalezas em suas residências, milhares de paulistanos têm preferido debandar para prédios de apartamentos. Esse movimento em massa, nos últimos dois anos, afetou sensivelmente o mercado imobiliário. “Hoje há fila para alugar um apartamento”, afirma Fernando Martins, diretor da Associação das Administradoras de Bens Imóveis e Condomínios. Já uma casa, informa Martins, exige anúncio, corretor e demora muito mais para alugar. “O valor das casas, em geral, caiu pela metade”, conta e exemplifica com o próprio sobrado de que é proprietário: “Dois anos atrás, a casa de 400 metros quadrados em

Moema valia o mesmo que um apartamento de 220 metros quadrados com três suítes, no mesmo bairro. Hoje minha casa vale 60 milhões e o apartamento, 90”.

Nos edifícios de apartamentos, o marketing moderno tem-se concentrado na questão da segurança, um filão que Mário Najm, superintendente da construtora paulista Sobloco, fez acidentalmente há

três anos: vítima de um equívoco, o engenheiro responsável pela construção de um prédio gastou mais do que o orçado nas grades externas de um edifício, que além de tudo ficaram desproporcionais, altas e grossas demais. “Criticado nas reuniões”, conta Najm, “ele foi consagrado mais tarde: o prédio foi nosso maior sucesso em vendas de 1980.” Feita a descoberta, as construtoras trataram de explorá-la: hoje, de 2 a 5% da verba de construção de um prédio é gasta com sua segurança.

Antônio Marcelino Correa, 53 anos, porteiro do Edifício Pinati, no bairro pau-

listano do Pacaembu, comanda de sua espaçosa guarita um dos mais complexos sistemas eletrônicos de segurança em prédios residenciais da cidade. Como um diretor de TV, Correa, que ganha um salário não muito superior à faixa de 150 000 cruzeiros mensais em que se situam os porteiros dos melhores edifícios de apartamentos, tem a responsabilidade de comandar um painel que recebe a imagem de seis câmaras de TV: quatro nas garagens e uma em cada entrada do prédio. Do apartamento, o morador pode ver pelo vídeo, por exemplo, a chegada de sua mulher com o carro na garagem ou, ainda na calçada, o visitante que pretende subir.

DOCES E REFRESCOS — Outros prédios, menos guardados, podem sujeitar-se a sobressaltos como os vividos no último dia 22, um domingo, pelos moradores de um edifício na Alameda Franca, no bairro de Cerqueira César, próximo à Rua Augusta. Às seis horas da tarde, três ladrões entraram pela garagem do prédio, dominaram o porteiro e foram assaltando, durante duas horas, quem entrasse no elevador. “O que tinha de acontecer aconteceu. Não adianta proteção eletrônica, pois o ladrão que quer entrar entra mesmo”, conforma-se o fazendeiro e industrial Sebastião Antônio de Carvalho, 50 anos, um dos 12 moradores assaltados e conduzidos posteriormente à li-



Cerqueira e sua única arma: fina astúcia

MANOEL NOVAES

xeira do edifício, onde ficaram até a ação terminar. Carvalho concede que o vigia deveria andar armado, "porque assim ficaria mais audacioso". Com ele concorda Edgar Cerqueira, 44 anos, porteiro do prédio vizinho ao assaltado, que para combater possíveis assaltantes só tem como arma um modesto pedaço de pau, usado na paz para enrolar fumo de corda. Com tão modesto arsenal, resta a Cerqueira enfrentar pessoas suspeitas com a arma da astúcia. Frequentemente, conta ele, surgem estranhos "com muita conversa mole", inventando nome de moradores. "Aí eu pergunto: 'Será que você não está enganado? Nesse lugar que você falou quem mora é um delegado de polícia, que já matou mais de cinco, é esse?' O malandro sempre desconversa e sai fora."

O improviso e a astúcia são elementos em franca extinção na proteção às residências. À medida que cresce a insegurança e se aperfeiçoa a tecnologia, a tendência mais evidente é a substituição do homem pela eletrônica. Contudo, a falta de recursos mais modernos, aliada à constatação de que as verbas públicas para a segurança não se multiplicarão do dia para a noite, gerou uma solução intermediária que tem dado resultados satisfatórios no Rio de Janeiro. No dia 21 de dezembro, a comunidade do Alto Leblon, mobilizada pelo ator Carlos Eduardo Dolabella, 46 anos, depois de dois assaltos



O ator Dolabella: na vida real, dois assaltos e a solução para o Alto Leblon

ocorridos no seu prédio na Rua Sambaíba, inaugurou a 51.ª cabine da Polícia Militar construída com dinheiro arrecadado entre moradores do bairro. O ator reconhece que oferecer segurança é obrigação do poder público, mas não vê inconveniente nesse tipo de ajuda. "A gente está vendo que a polícia não tem dinheiro para garantir maior segurança", diz.

Com 9 milhões de cruzeiros, foi possível comprar uma cabina de fibra de vidro, um fusca para a ronda e quatro aparelhos de rádio, que são usados pelos policiais. A inovação reduziu a ocorrências esparsas a antiga média de oito assaltos mensais a re-

sidências e, de quebra, incorporou à comunidade os soldados da PM. Eles conhecem os moradores e são consultados até por pessoas que procuram empregadas. Na semana passada, graças a uma ação rápida operada por rádio, os guardas impediram um assalto à casa do cônsul da Nigéria, na Rua Codajás. Os moradores, aliviados, fazem questão de se mostrar gratos, e os soldados são tratados como há muito não se via no país. Todos os dias, donas-de-casa levam-lhes café, água gelada, refrescos de frutas e, sempre que alguma criança comemora o aniversário na vizinhança, uma bandejinha de doces.

As butiques do medo e suas ofertas de ocasião

Instalado na região mais nobre dos Jardins paulistanos, o show-room da ISS — Sistemas Internacionais de Segurança — serve a uma clientela bastante definida: seu público-alvo é o cidadão que já tenha sido assaltado pelo menos uma vez. "Estamos crescendo, porque afinal trabalhamos com artigos de primeira necessidade", diz Michel Constantine, diretor da ISS, uma empresa multinacional que há cinco meses estende uma heterogênea lista de artigos ao público.

A loja oferece desde inacreditáveis bolsas femininas e maletas de executivos que podem ser algemadas ao pulso — "neutralize os trombadinhas!", diz o catálogo de vendas — até sofisticadas como portas blindadas, vidro à

prova de bala, olho mágico com visor de 180 graus. Para os especialmente cautelosos, há circuitos internos de TV com câmara oculta, câmaras com visores infravermelhos, alarmes eletrônicos, portas com sensor fotelétrico, sistemas de controle remoto geralmente acoplados a um gerador próprio de energia, para o caso de faltar luz ou os fios da casa serem cortados.

Tais produtos começam a ser vendi-



Constantine, da ISS: negócios em franca expansão

dos também por tradicionais lojas de som e vídeo. O Josias Studio, por exemplo, com matriz no Rio de Janeiro e filial em São Paulo, especializou-se em acoplar sistemas de alarme às mesas de som, conforme as encomendas da clientela. "Já instalei mais de 100", conta Josias de Moraes Cordeiro Júnior, que dirige a filial paulista. O equipamento mais completo, segundo ele, foi instalado na casa de um industrial, no bairro Alto de Pinheiros. Um engenhoso painel permite que o industrial, deitado na cama, sintonize o televisor no canal 12 e vasculhe, através da direção de seis câmaras, o jardim, as quadras de tênis, a guarita dos guardas e o quarto do filho pequeno. Sentindo-se em perigo, ainda deitado, ele pode fazer soar uma sirena ou os latidos de um feroz cão de guarda. Os latidos também são eletrônicos — a esposa do industrial tem medo de cachorros.

Olha a frente.



Massey: 22 anos de liderança.

Ser líder não é só vender mais. É estar sempre à frente em tecnologia, em preços e, principalmente, oferecer melhor assistência a quem confiou em seus produtos. É só a Massey Ferguson tem uma Rede Nacional de mais de 300 distribuidores. Por tudo isso, em 83 ela esteve à frente em vendas. Como vem fazendo desde 1961. E nesse ano superioridade Massey foi reconhecida também lá fora: ela foi líder de exportações.

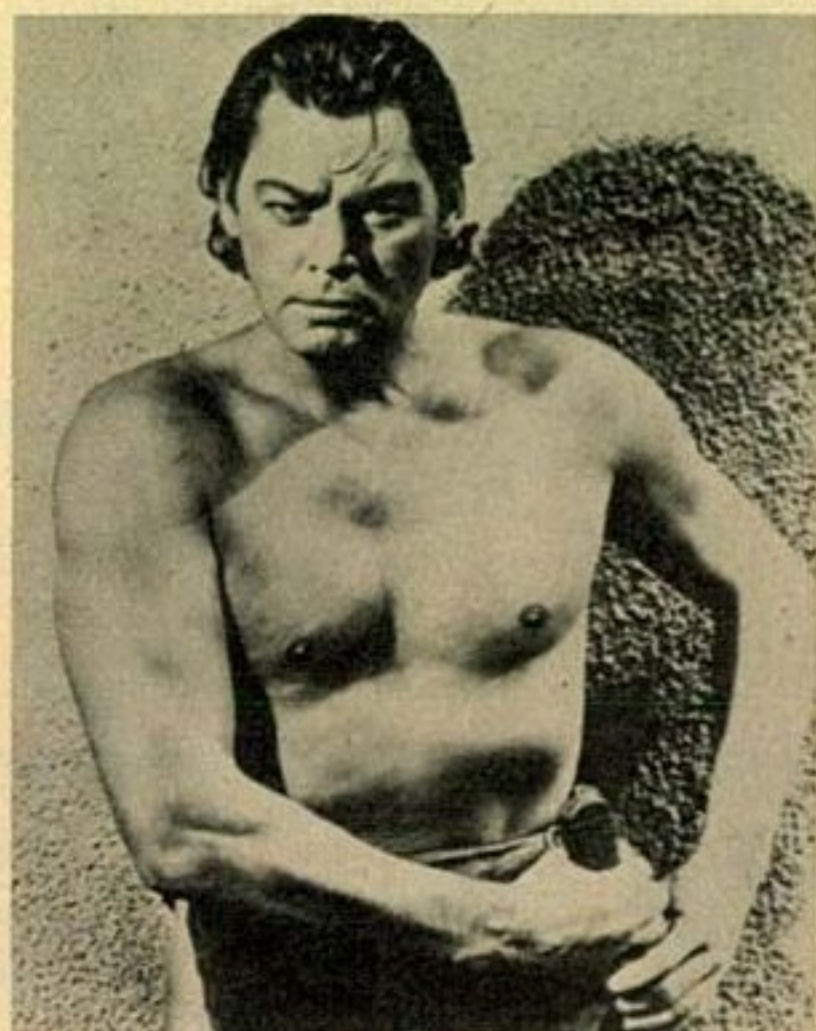
Em 84 a Massey continuará avançando e você com ela. É a melhor garantia de estar sempre à frente.

	Jan/Dez-83		Jul/Dez-83		Out/Dez-83	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Massey Ferguson	8.132	36,5	5.317	37,1	2.968	39,7
Fab. A	6.240	28,0	4.099	28,6	2.030	27,1
Fab. B	3.947	17,7	2.419	16,9	1.235	16,5
Fab. C	2.182	9,8	1.362	9,5	748	10,0
Outros	1.771	8,0	1.131	7,9	504	6,7
TOTAL	22.272	100,0	14.328	100,0	7.485	100,0



A força que está com você.

MORRERAM: **Johnny Weissmuller**, 79 anos, atleta excepcional que somou medalhas de ouro nas Olimpíadas de 1924 e 1928, bateu 67 recordes mundiais de natação — sua especialidade eram os 100 metros livres — e, como ator, foi o Tarzan mais famoso do cinema. Desde *Tarzan, o Filho das Selvas*, rodado em 1932, Weissmuller fez outros oito filmes no papel, e, se em nenhum chegou a dizer mais de 200 palavras, seu grito de rei das selvas ficou célebre nas telas. Devastado por uma



Johnny, jovem, o Tarzan nos anos 40...

Zum, e célebre violonista. Dia 26, de enfarte, em Niterói.

■ **Maria Lúcia Bastos Brick**, 32 anos, pivô de dez crimes envolvendo a família Avelino, de Vassouras, no Rio de Janeiro (veja à página 26).

■ **Sepp Walcher**, 29 anos, esquiador austríaco que foi campeão mundial em 1979 na prova de descida. Dia 22, ao se desgovernar e bater violentamente a cabeça num dos postes que delimitam a pista em que treinava, em Schladming, na Áustria.



...e devastado pela idade, em 81

■ **Carlos Bastos Marinos Torres**, 92 anos, o mais antigo cientista da Fundação Osvaldo Cruz, tendo trabalhado diretamente com Carlos Chagas no estudo da doença de Chagas. Dia 26, de embolia pulmonar, no Rio de Janeiro.

■ **Jackie Wilson**, 49 anos, cantor de "rhythm and blues", popular por sua dança acrobática e estilo tenso de cantar, no início dos anos 60, nos Estados Unidos. Dia 24, de causa não revelada, em Mount Holly, Nova Jersey.

■ **Yannis Scaribas**, 91 anos, um dos mais populares escritores gregos, autor de dezenas de novelas, contos, obras de teatro e história. Dia 20, em Atenas.

série de derrames cerebrais, o grande atleta definhou até sua morte. Dia 21, em Acapulco, no México.

■ **Pierluigi Bellini delle Stelle**, 63 anos, líder da Resistência italiana. Ele comandava a brigada que em 27 de abril de 1945 prendeu Benito Mussolini, que se disfarçava de soldado alemão. Contra a vontade de Stelle, Mussolini e sua companheira Claretta Petacci foram retirados da prisão, em Dongo, norte da Itália, e sumariamente fuzilados por outro comandante da Resistência, da facção comunista, Walter Audisio, o coronel Valério. Dia 25, em Milão.

■ **Anthony Antone**, 66 anos, condenado à morte em 1976, pela Justiça americana, como mandante do assassinato de um policial. É a 12.ª pessoa executada nos Estados Unidos desde a volta da pena capital, em 1976. Dia 26, na cadeira elétrica da prisão de Starke, na Flórida.

■ **Clodoaldo de Brito, o Codó**, 70 anos, compositor de mais de 500 músicas, entre elas o famoso *Zum, Zum*,

RAIS

É COM O BAMERINDUS.

MELHOR PARA SUA EMPRESA. MELHOR PARA SEUS EMPREGADOS.

Não esqueça os prazos:

2/1 a 15/2 -
empresas com até 50 empregados,
ou sem empregados.

2/1 a 31/3 -
empresas com mais
de 50 empregados.

2/1 a 31/3 -
empresas que utilizam fita
magnética.

No Bamerindus você recebe gratuitamente o formulário RAIS e todas as informações para o correto preenchimento. Converse com o gerente. No Bamerindus é mais fácil. Mais rápido e eficiente.



Bamerindus

O banco de serviços da nossa cidade.

As Mil Milhas provaram continua se



Fiat na frente: Bicampeã na categoria A (até 1.600 cc).

A Fiat partiu na frente com o carro a álcool no Brasil. E esse é um dos motivos de hoje ter a mais avançada tecnologia do álcool, provada todos os dias nas ruas e estradas do país e do exterior. E comprovada nas pistas, na mais longa e difícil prova brasileira: as Mil Milhas.

Já no ano passado um 147 venceu, dando à Fiat o título de Campeã das Mil Milhas na

categoria A Turismo. Este ano, a Fiat confirmou este resultado com a vitória de um Spazio, e sagrou-se Bicampeã das Mil Milhas, na categoria A Turismo 1.600 cc de cilindrada.

Mas a Fiat não pára nunca, e graças à sua avançada tecnologia o Fiat Oggi deixou os outros para trás e foi o Campeão da categoria Hot Car. Ganhar estas corridas foi o

resultado de estar sempre produzindo a mais moderna tecnologia, que está presente em todos os carros Fiat.

Por isso sempre que você quiser seguir tranquilo, siga num Fiat.

FIAT

A tecnologia que está sendo seguida.

que a tecnologia Fiat ndo seguida.



Fiat na frente: Campeã na categoria B Hot Car.

Categoria A - Turismo - Até 1.600 cc

Colocação	Nº carro	Marca	Equipe	Pilotos
1º	26	Fiat Spazio	Milano/ Arisco	José David/ Silvio Zambello
2º	64	Fiat Oggi	Sultan/ Alpi	Atila Sipos/ Egon Herzfeldt
3º	77	Ford Escort	—	—
4º	62	Ford Escort	—	—
5º	34	Fiat Spazio	Galileo Le Coq Hardy	René Lotfi/ Walter Travagline
6º	83	Fiat Spazio	Vicauto/ Victori	Jorge de Freitas/ Walter Neves/ Paulo Vasconcelos

Categoria B - Hot Car

Colocação	Nº carro	Marca	Equipe	Pilotos
1º	71	Fiat Oggi	Sada/ Localiza	Toninho da Matta/ Cláudio Giroto/ Giuseppe Marinelli
2º	6	VW-Voyage	—	—
3º	91	VW-Passat	—	—
4º	61	VW-1600	—	—
5º	25	Fiat Spazio	Milano/ Arisco	Luiz Otávio Paternostro/ Francisco Lameirão

Saúde reforçada

O Bradesco compra parte da Golden Cross, salta para o primeiro lugar do mercado de seguros de saúde e se arma para investir pesado

Na primeira semana do mês passado, o advogado mineiro Milton Afonso, 62 anos, fundador e presidente da Golden Cross, a empresa líder da medicina privada no país com mais de 1 milhão de associados, foi convidado para uma reunião no quartel-general da seguradora Bradesco, no Rio de Janeiro. Lá, o presidente da Bradesco Seguros, Antonio Carlos de Almeida Braga, 57 anos — o segundo maior acionista do grupo Bradesco, o primeiro conglomerado financeiro do país —, foi direto ao assunto. “Milton”, disse ele, “ou você se alia à gente ou então vai ter de nos enfrentar.” Braga pôs na mesa as suas armas — tratava-se de uma milionária campanha de lançamento do Saúde Bradesco, um plano de seguro para reembolso de despesas com internação hospitalar semelhante ao Plano Interna-

cional, o filé-mignon das vendas da Golden Cross. Convencido pela força do argumento, Afonso cedeu e abriu, assim, em grande estilo, a porta de entrada do Bradesco no campo do seguro-saúde, onde até então progredia solitário o banco Itaú, com seu plano Hospitaú, e bem atrás a seguradora do Banco Comind.

A rendição, anunciada em primeira mão pelo colunista Ibrahim Sued, foi enfim formalizada por Afonso e Braguinha — como é mais conhecido — às 9 horas da manhã da última quinta-feira, sob o testemunho do jogador de vôlei Bernard Rajzman, da seleção brasileira e do time da Bradesco Seguros, que deverá ser um dos principais personagens da campanha publicitária da ofensiva do conglomerado. “Eu não tinha saída”, confessou, mais tarde a VEJA, Milton Afonso. “Se eu não me rendesse, seria esmagado pela presença da po-



Braga, do Bradesco, e Afonso, da Golden Cross: o abraço depois da assinatura do negócio

derosa força do Bradesco num setor que já havia sido invadido recentemente pelo Banco Itaú.” Pelos termos do negócio, a Golden Cross transfere à seguradora Bradesco os contratos dos 260 000 associados do seu agora extinto Plano Internacional. Receberá, como pagamento, as duas primeiras prestações dos carnês referentes às contas migradas para o Bradesco. Ao todo, o negócio lhe deverá render cerca de 20 bilhões de cruzeiros a preços de hoje. “Os dois primeiros meses que estamos transferindo à Golden Cross são a taxa de intermediação normal que uma seguradora paga ao corretor toda vez que ele vende um seguro”, explica Mário Gonzaga Petrelli, 49 anos, vice-presidente executivo da Bradesco Seguros.

“PARADA DURA” — Ao final dos pagamentos de cada carnê, o associado re-

ceberá uma carta do Bradesco propondo a adesão ao seu seguro-saúde, dentro das mesmas condições estabelecidas pela Golden Cross. Todos serão também dispensados de cumprir mais uma vez os prazos de carência — período durante o qual o segurado não tem direito a nenhum benefício —, que só serão exigidos pelo Bradesco para os novos clientes. Os preços do Saúde Bradesco serão, no início, os mesmos atualmente cobrados pela Golden Cross, os quais são quase duas vezes maiores que os do Itaú, embora os planos de cobertura de uma e outra apresentem mínimas diferenças (veja o quadro das páginas 56 e 57). Além disso, enquanto a Golden Cross reajusta as prestações de seu carnê a cada semestre, as seguradoras Itaú e Comind só corrigem seus preços anualmente.

Um plano do seguro hospitalar Itaú

com cobertura para custear contas equivalentes a até dez vezes a tabela de honorários médicos do INAMPS, extensivo à esposa e a um filho e abrangendo também uma cobertura adicional de parto, custa, em doze meses, cerca de 426 000 cruzeiros. O plano da Golden Cross com as mesmas condições custa 874 000. No Comind, o preço anual desse plano é de 485 000. Assim, com o mercado cada vez mais concorrido e ameaçando deflagrar uma guerra de preços, a Golden Cross começou a se preocupar com seu futuro. Decidiu que era hora de restringir seus negócios, apesar de ser a pioneira no setor de assistência médico-hospitalar em grande escala e líder do mercado desde sua fundação, em 1971. "É uma parada dura enfrentar o poderio desses bancos", admite Afonso. "Eu preferi passar meu filho

pios e do escandaloso colapso do maior de todos eles: a Caixa de Pecúlio dos Militares, Capemi.

Agora, como uma onda, os grandes bancos se movem para o setor de serviços médicos, no qual atuam hoje mais de 320 empresas em todo o país, algumas de porte razoável e a maioria só operando no campo da medicina de grupo — os planos coletivos contratados pelas empresas para seus funcionários. Ao contrário dessas empresas, que oferecem assistência médica preventiva, o seguro-saúde vende às famílias uma garantia contra catástrofes, ou seja, banca as despesas que aparecem quando uma pessoa precisa entrar num hospital. Nesses casos, a entrada de um cidadão numa unidade de tratamento intensivo significa para seus familiares que seu estado é grave e, além disso, que seu patri-

do-o também de deixar um depósito em dinheiro ou cheque para ser internado. Após receber alta, suas contas serão pagas diretamente pelo Bradesco ao hospital. Se, porém, o segurado recorrer a um hospital não-credenciado, ele próprio pagará suas despesas, sendo depois reembolsado pelo seguro até o limite de seu plano.

Outro projeto do Bradesco, a ser detonado ainda este ano, é um seguro de "renda cessante" acoplado ao seguro-saúde. Ele será dirigido aos profissionais liberais que, quando são internados, deixam de receber seus honorários. Um engenheiro, por exemplo, contratando esse duplo seguro, terá não só suas despesas médicas pagas pelo Bradesco — até o limite coberto pelo plano que escolheu — como também receberá o que deixou de ganhar no seu em-

VEM AÍ UM SEGURO SAÚDE COM A SAÚDE DO BRADESCO. AGUARDE SAÚDE BRADESCO.



BRADESCO

Anúncios iniciais da maciça campanha do Saúde Bradesco...

VALE A PENA TER SAÚDE PARA ESPERAR. VEM AÍ SAÚDE BRADESCO.



Aguarde um pouco e logo você terá um seguro saúde realmente perfeito e acabado, válido em todo o país. Bradesco Saúde é bom para o médico, bom para o hospital e ótimo para você. É o único seguro de saúde que vem com esta garantia: a saúde do Bradesco.

BRADESCO

A SEGURANÇA DO BRADESCO FAZ BEM A SAÚDE. AGUARDE SAÚDE BRADESCO.



BRADESCO

...que já entra no mercado ocupando o primeiro lugar

adiante a deixá-lo morrer." A Golden Cross, agora, pretende reforçar seus dois outros planos que não entraram no negócio: o Dame, que presta serviços médicos a funcionários de empresas, e o PAI, um plano de assistência individual que atende seus segurados em hospitais próprios ou credenciados pela Golden Cross.

O presidente da Golden Cross reconheceu que o momento exigia cautela, ao pressentir que começa a se esboçar na área de cobertura de despesas médico-hospitalares o mesmo fenômeno verificado vinte anos atrás com as seguradoras. De lá para cá, elas foram sendo absorvidas pelos bancos, que se apresaram em tornar regra o que até então era exceção — bons serviços, segurança e vendas massificadas. O segundo grande passo dos bancos foi dado no ano passado em direção à área de previdência privada, mais uma vez puxados pelo Bradesco e Itaú, na esteira de dificuldades operacionais de alguns monte-

mônio corre o sério risco de escorrer pelo ralo. O seguro-saúde, como o seguro contra acidentes de carro, cobre o imprevisível. A manutenção da máquina fica por conta do proprietário.

MAIOR NOVIDADE — As idéias do Bradesco para impulsionar as vendas de seu seguro-saúde são avantajadas. Os gastos publicitários vão consumir 1,5 bilhão de cruzeiros nos próximos três meses. A maior novidade será a instalação nos hospitais das grandes cidades de terminais de computador interligados ao sistema de processamento de dados do Bradesco, em Osasco, município vizinho de São Paulo. Cada segurado receberá um cartão magnético que substituirá a guia de internação, já abolida pelo Itaú — mas não pela Golden Cross — por dificultar a internação sobretudo em casos de urgência. O segurado apresentará o cartão ao hospital, que o identificará no terminal de computador ligado ao Bradesco, desobrigan-

prego, desde que tenha feito um seguro no valor equivalente a sua renda. A curto prazo, porém, não haverá mudanças sensíveis. "Por que mudar se a Golden Cross teve seus planos copiados, quase sempre para pior, por todo mundo que surgiu depois dela?", indaga Petrelli. Sua preocupação imediata é evitar a evasão dos sócios da Golden Cross, mas sem perder de vista o potencial deste mercado. "Temos em conta que há 1 milhão de consumidores em potencial do seguro-saúde", sustenta.

HÉRNIA DE DISCO — As contas de Petrelli são bem mais modestas que as do diretor técnico da Itaú Seguradora, Antonio Paulo Noronha, segundo o qual o mercado potencial do seguro-saúde abarca 10 milhões de pessoas. "A entrada do Bradesco neste campo em princípio nos assusta, mas vemos muitas vantagens", diz ele. "A primeira é que, como se trata de um serviço praticamente desconhecido do grande públi-

Seguro Hospitalar Itaú.

O único que contém Hospitaú.



MARISA CARRIÃO

ço de vendas. Só em agosto do ano passado, já com roupagem nova, ele foi apresentado ao mercado, inicialmente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro e no resto do país.

O molho do seguro-saúde vendido pela Itaú é o cheque Hospitaú, que substitui as guias de internação, evita a exigência de depósitos por parte dos hospitais e transfere para a seguradora o acerto de contas. Depois de preenchido pelo segurado, respeitado o limite de cobertura de seu plano, o "cheque" é descontado pelo hospital diretamente na Itaú Seguradora. Sua circulação — como o futuro cartão magnético do Bradesco — está restrita à rede de hospitais credenciados. Mas o segurado também pode internar-se em qualquer outro hospital e, mais tarde, pedir o reembolso das despesas.

Noronha acredita que a queda do poder aquisitivo da população é um poderoso indutor para aumentar as vendas de planos de seguro-saúde. Milton Afonso, da Golden Cross, concorda. "Foi na época da Grande Depressão que mais se vendeu seguro-saúde nos Estados Unidos", conta. O apelo mais concreto, todavia, é

a escalada dos preços dos tratamentos cirúrgicos. Segundo o Itaú, uma operação de hérnia de disco não sai hoje por menos de 850 000 cruzeiros, só de honorários médicos. Deste total, a cobertura do INAMPS é de apenas 41 600 cruzeiros. O plano limitado a dez vezes a tabela do INAMPS, contudo, garante ao segurado o pagamento de 733 200 cruzeiros. O segurado, portanto, só desembolsa, efetivamente, o que excedeu o valor do seguro. Sua grande vantagem é precisamente assegurar um bom atendimento hospitalar e evitar um sério abalo no orçamento da família.

NOVAS VANTAGENS — Praticamente iguais quanto ao que oferecem ou deixam de fazer, mas extremamente desiguais em termos de custos para o segurado, os planos de seguro-saúde deverão apresentar novas vantagens à medida que aumentar a concorrência no se-

O preço da

O que vem junto com cada

Para se entender o novo mundo do seguro-saúde, é necessário conhecer a unidade de valor com que ele trabalha — a US, ou seja, a Unidade de Serviço, criada pelo INAMPS. Assim como o mundo financeiro trabalha com as ORTN e não cruzeiros, e o Sistema Financeiro da Habitação, com a UPC, o seguro-saúde usa a US para medir o tamanho de uma complicação médica. Uma operação de apendicite, por

Despesas cobertas +

Comind

Hospitaú

BRADESCO

Todos pagam ou reembolsam as despesas de internação em hospital, inclusive os honorários médicos, e de tratamento de acidentes em ambulatório

Principais despesas não cobertas +

Consultas médicas, tratamento dentário, doenças nervosas ou mentais e alguns tipos de cirurgia, como plástica — exceto as restauradoras —, aborto ou vasectomia

Consultas médicas, tratamento dentário, doenças nervosas ou mentais, estafas e alguns tipos de cirurgia, como plástica, aborto e vasectomia

Consultas médicas, tratamento dentário, doenças nervosas ou mentais, check-up e lesões provocadas por embriaguês e uso de entorpecentes

Principais características +

Livre escolha de médicos e hospitais; oferece também uma rede de hospitais credenciados, nos quais o segurado não desembolsa nenhuma importância e a conta é paga diretamente pelo Comind. Tem uma lista de clínicas e médicos que dão descontos

Livre escolha de médicos e hospitais; oferece rede de hospitais credenciados. Não é necessária a guia de internação. O cheque Hospitaú é usado nos pagamentos hospitalares

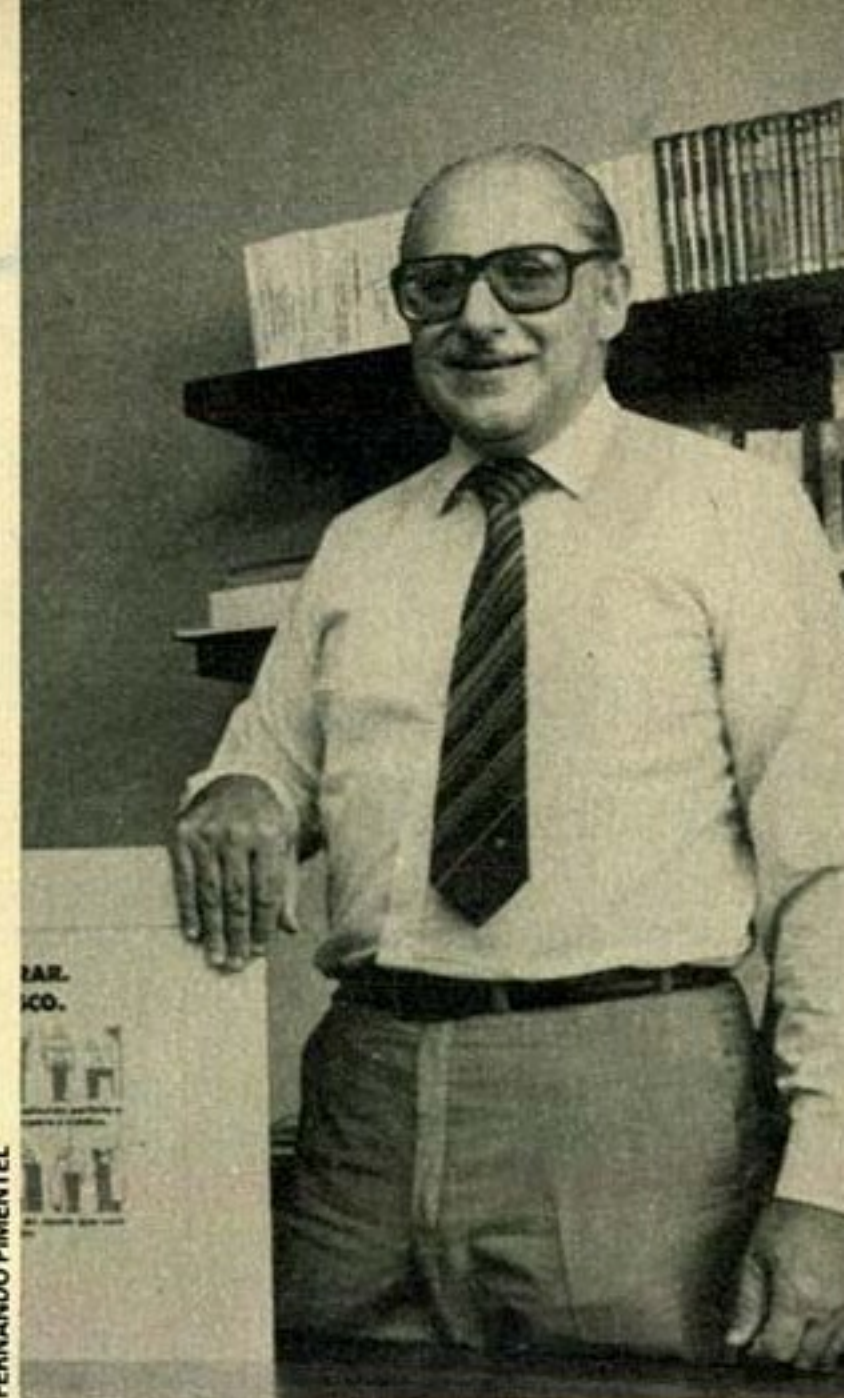
Livre escolha de médicos e hospitais. Oferece rede de hospitais credenciados e uma lista de clínicas e médicos que dão descontos

tor. Já é possível, por exemplo, o segurado transferir-se de uma empresa para outra, sem perder a carência acumulada. Estão se preparando para desembarcar nesta área, atrás do Itaú e do Bradesco, as seguradoras Real, Bamerindus, Vila Rica, Vera Cruz e Sul América, a segunda maior do país. Associada ao Bradesco até o ano passado, ela entrará no negócio em companhia de seu novo parceiro, o Unibanco. Gerard Francis Larragoiti, vice-presidente e membro da família controladora da Sul América, pouco fala sobre o assunto. "A única coisa que posso dizer é que o nosso plano sai este ano e vai apresentar inovações vantajosas", diz ele.

A seguradora Real já marcou no calendário a data de lançamento de seu seguro-saúde: início de março. "Antes, vamos aos Estados Unidos estudar os planos ainda não existentes no país", revela Flávio Lebkuchen, diretor da

Real. "Será um produto inteiramente diferente do que está no mercado." Lebkuchen acena com a possibilidade de o Real vir a cobrir até consultas médicas, limitadas a um certo número por semestre — um atrativo que nenhuma seguradora oferece e que marca a sua grande diferença em relação às empresas de assistência médica. "Sem dúvida, o seguro-saúde acabará evoluindo para dar cobertura também às consultas médicas, como já permitem há tempo os planos de medicina de grupo", adianta Noronha, da Itaú Seguradora.

Atrás desse veio, as seguradoras têm planos para colocar, em forma de pacote, todo tipo possível de coberturas contra riscos. "Nada mexe mais com os sentimentos de uma pessoa que esta questão de saúde", afirma Petrelli, do Bradesco. "Se conseguirmos dar um bom atendimento neste campo, já teremos meio caminho andado para vender outros tipos de seguro." Cada vez mais, nessa linha, o corretor de seguros, antes visto como um desagradável visitante, será recebido como um conselheiro da família indicado a apontar o caminho da tranquilidade. O leque é variado e, possivelmente, o cidadão que



FERNANDO PIMENTEL

Petrelli, do Bradesco: "Todos ficarão"

só queira o seguro-saúde venha a ser convencido — por meio de uma assessoria de confiança — a levar também um seguro de vida, um seguro educação para seus filhos, um outro contra roubos e uma apólice contra incêndios.

tranquilidade

plano de seguro-saúde

exemplo, custa 172 US\$ e a implantação de uma ponte de safena vale 1 434 US\$. A US do INAMPS não é corrigida há um ano e hoje vale 80 cruzeiros. As seguradoras privadas corrigem a US a cada 180 dias. Hoje, a US do Itaú vale 141 cruzeiros, do Comind, 126 e do Saúde Bradesco, 145. A diferença entre as USs do sistema privado deve-se ao fato de cada uma das empresas corrigir o seu valor num mês diferente.

Limite de garantia

Para o pagamento de honorários médicos o segurado escolhe o limite numa tabela onde a Unidade de Serviço do INAMPS é usada como base. Se a despesa exceder o limite do plano escolhido, o segurado paga. Para as despesas hospitalares o seguro paga até 50 000 unidades de serviço por participante, por ano. Hoje esse limite seria de Cr\$ 10,45 milhões. Se no prazo do seguro o cliente não gastar nada, não faz crédito para o ano seguinte

Os limites de garantia do Hospitaú e do Bradesco são iguais: para o pagamento dos honorários médicos o segurado escolhe o limite numa tabela onde a Unidade de Serviço do INAMPS é usada como base. Se a despesa exceder o limite do plano escolhido, o segurado paga. Para as despesas hospitalares, cada participante tem cobertura de até 90 dias de internação por ano, sem limite de despesas. Se no prazo do seguro o cliente não gastar nada, não faz crédito para o ano seguinte

Período de carência

Nenhuma carência para acidentes; 6 meses para internamento de urgência; 10 meses para cirurgia sem urgência; 18 meses para cirurgia cardíaca, implante, transplante e parto

24 horas para acidentes; 6 meses para internamento de urgência; 10 meses para parto e cirurgias programadas; 18 meses para cirurgia cardíaca, implantes e transplantes

10 dias para acidentes; 6 meses para internamento de urgência; 10 meses para cirurgias programadas; 18 meses para cirurgias urológica, cardíaca, implantes, transplantes e parto

Preço*

O plano que cobre as despesas de até 10 vezes a tabela do INAMPS — o mais usado —, incluindo o segurado, esposa, um filho com menos de 18 anos e cobertura adicional de parto, custa, em um ano, Cr\$ 485 088

O plano que cobre as despesas de até 10 vezes a tabela do INAMPS, considerando o segurado, esposa, um filho e cobertura adicional de parto, custa, em um ano, Cr\$ 426 613. O reajuste do carnê é feito anualmente

O plano que cobre as despesas de até 10 vezes a tabela do INAMPS, considerando o segurado, esposa, filho menor e cobertura adicional de parto, custa, em um ano, Cr\$ 874 730. O reajuste do carnê é feito anualmente

*Item de preços: Itaú Seguradora

Cirurgia terminada

*Brasil consegue finalmente
levantar os 6,5 bilhões de dólares
para se manter à tona em 1984*

Ao encerrar na quinta-feira passada, em Nova York, as arrastadas negociações para a montagem do último empréstimo-jumbo de 6,5 bilhões de dólares para o Brasil, o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, era como um cirurgião que completava a costura de uma ponte-safena num coração à beira do colapso. O paciente — no caso

sil, também transpirava contentamento. “Quando recebemos a incumbência de levantar todo esse dinheiro, muitos achavam que seria uma missão impossível”, lembrou Rhodes. “Até algumas semanas atrás, diziam que não passaríamos dos 5 bilhões de dólares. Pois estamos com 6,5 bilhões e os telegramas de adesão continuam chegando.” Enquanto

compatíveis com o tamanho da enrascada financeira, também sem precedentes, na qual o Brasil se meteu nos últimos anos. Além do jumbo de 6,5 bilhões de dólares, a operação abrange — entre adiantamentos de dívidas antigas e financiamentos adicionais de bancos estrangeiros às exportações brasileiras — recursos num total de 28 bilhões de dólares.

Alcançado esse recorde, Galvêas, Pastore e o ministro do Planejamento, Delfim Netto, também presente à cerimônia no Hotel Pierre, repartiam a esperança de reservar um pouco mais de atenção a seus gabinetes no Brasil — e sobretudo o presidente do Banco Central merece ser poupado por algum tempo de corridas a aeroportos. Nomeado para o posto a 5 de setembro do ano passado, já no dia 11 Pastore viajava a Nova York para sua estreia no circuito internacional, e desde então não parou mais.

Na sexta-feira passada, ao completar 145 dias no cargo, Pastore passara 55 deles fora do Brasil, em nove viagens internacionais. Em pouco menos de cinco meses, somou 230 horas de voo e percorreu quase 200 000 quilômetros, o equivalente a dar cinco vezes a volta à Terra. Em meados de 1983, por sinal, quando o presidente do Banco Central ainda era o economista Carlos Geraldo Langoni, a verba reservada ao item “viagens da presidência” para o ano todo se esgotou. Remanejaram-se recursos e estourou-se o limite da verba para que o Brasil não explodisse.

NÚMEROS ASTRÔNOMICOS — Nessa ciranda aérea, Pastore transformou-se em personagem importante do mais recente capítulo do drama desencadeado no “setembro negro” de 1982, quando ficou enfim evidente

que o Brasil havia quebrado e não mais conseguia saldar os compromissos de sua dívida externa. Desde então, para crescente espanto dos brasileiros comuns, também começaram a riscar os céus do país números astronômicos, em geral controversos e freqüentemente incompreensíveis. A confusão chegou a tal ponto que raros contribuintes hoje sabem de quanto o Brasil precisa, afinal, para que a economia nacional respire com certo alívio e as autoridades da área econômica possam conviver um pouco mais com suas famílias. Segundo Galvêas, não será preciso pedir dólares extras em 1984. O economista americano Norman Bayler, assessor do presiden-



Galvêas assina com Rhodes, no Hotel Pierre, o maior empréstimo da História

o próprio Brasil — teve a sobrevida assegurada, mas terá de andar na linha, sob pena de voltar à mesa de operação em piores condições. O cardiologista encarregado de vigiá-lo é o Fundo Monetário Internacional, que poderá desistir do tratamento se o complicado paciente não se mantiver fiel às prescrições.

Na manhã de sexta-feira, ao assinar os papéis que liberavam o Brasil dessa UTI instalada nos Estados Unidos, o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, produziu declarações superlativas. “Foi a maior operação financeira da História em eurodólares”, avaliou. William Rhodes, vice-presidente do Citibank e coordenador do comitê de credores do Bra-

trocavam abraços num salão localizado no subsolo do Hotel Pierre, na 5.ª Avenida, brasileiros e americanos planejavam descansar da correria que precedeu o acerto da semana passada.

CIFRAS GRANDIOSAS — A operação fora decididamente complicada. Afinal, como observou o próprio Ernane Galvêas na cerimônia de assinatura dos contratos, o Brasil é “o maior devedor assim” — e quaisquer tentativas de livrá-lo dessa desagradável liderança exigem trabalho duro e negociações complexas. Até agora, nenhum outro país do mundo havia protagonizado a movimentação de cifras tão formidáveis num único pacote,

te Ronald Reagan, garante que outro SOS será emitido pelo Brasil dentro de quatro a seis meses.

É possível que tal previsão não se materialize tão cedo, mas o fato é que o jumbo acertado em Nova York não pousará intacto nos cofres do país. Do total conseguido na semana passada, nada menos que a metade, ou 3,3 bilhões de dólares, será propriamente consumida pelo pagamento de compromissos atrasados que não foi possível rolar — e o que sobrar servirá para manter os cofres do Banco Central à tona. Exatamente por isso, o trio econômico brasileiro poderá livrar-se por algum tempo de correrias pelo exterior, mas não lhe faltará trabalho no Brasil, agora às voltas com a necessidade de justificar as promessas feitas a credores desconfiados e ao FMI.

Essas promessas incluem metas ousa-



Pastore: 230 horas de voo e 55 dias no exterior

das e, como sempre, exigem boa dose de sorte. O Brasil se comprometeu, por exemplo, a alcançar um superávit de 9 bilhões de dólares em 1984, reduzir os gastos públicos e diminuir uma taxa de inflação que permanece teimosamente no patamar dos 200% ao ano. Além

disso, para manter o sangue circulando por seu organismo safenado, precisa acreditar na manutenção dos juros internacionais na casa dos 11% e no efetivo cumprimento, pelos bancos, dos acertos feitos com o grande devedor, alguns deles verbais. Se todos esses fatores se conjugarem favoravelmente, os credores serão poupados de novos pedidos de socorro expedidos de Brasília. “Vocês precisam nos dar pelo menos o benefício da dúvida”, repetia Pastore em Nova York.

Galvêas, previsivelmente, patrocina-va tempestades de otimismo. “Desta vez vai dar certo porque o jumbo é maior, porque as condições climáticas estão a nosso favor e não contra, porque não teremos de arcar com gastos feitos por Estados e municípios em anos eleitorais, porque não teremos uma maxidesvalorização do cruzeiro e, finalmente, porque chegou a hora de termos um pouco mais de sorte.” Para que possa viajar por 1984 sem tantos sobressaltos, o país também espera que seu ministro da Fazenda tenha um pouco mais de sorte nas previsões que faz. Em 1983, errou quase todas. ●

“Toni” Gebauer dá outro salto no Morgan

Enquanto na semana passada a estrela do vice-presidente do Citibank, William Rhodes, 47 anos, brilhou mais intensamente, a de seu vizinho, o venezuelano Antonio Gebauer, 42 anos, vice-presidente para a América Latina do Morgan Bank, mudou de constelação. Gebauer, que coordenou a operação de resgate das finanças brasileiras do final de 1982 até junho do ano passado, deixou as suas funções no banco e recolheu-se à vida universitária. Seu novo endereço é o campus da Universidade de Harvard, onde fará um curso com seis meses de duração de altos estudos em administração, que custará em torno de 60 000 dólares ao Morgan. Para seu banco, a retirada temporária de Gebauer do cenário das finanças não deve ser interpretada como uma queda. Pelo contrário. O representante do Morgan no Brasil, William Oullin, declarou que essa remoção se inscreve no quadro de uma ampla reforma administrativa na cúpula do banco. Tão logo termine o curso em Harvard, Gebauer deverá permanecer por três meses em Was-

hington, a fim de estreitar seu relacionamento com o Executivo americano, e no dia 1.º de outubro assumirá uma nova e importante função criada especialmente para dois vice-presidentes: ele e Neil Chrisman, 45 anos. Os dois serão *superbankers* — superbanqueiros, segundo Oullin.

Esse novo cargo — que é um degrau a mais na carreira de Gebauer — dará a ele a supervisão de todas as operações



Gebauer, no Morgan: pausa em Harvard

especiais em todos os países do continente americano — incluindo os Estados Unidos e o Canadá. “O ‘Toni’ era o único vice-presidente do Morgan a ficar tantos anos numa área específica, e é natural que ele precise de uma reciclagem para assumir postos mais importantes”, comentou Oullin sobre os doze anos em que Gebauer ocupou a vice-presidência para a América Latina.

Essa mudança na vida de Gebauer ocorre justamente quando suas relações com seus colegas banqueiros nova-iorquinos andavam estremecidas. Isso porque, durante a operação de salvamento dos bancos brasileiros no exterior — que se arriscavam a ir ao fundo todos os dias no mercado interbancário —, Gebauer se mostrou especialmente duro na cobrança do apoio financeiro ao Brasil, a fim de resguardar o sistema financeiro de um trauma de proporções desconhecidas caso algum banco brasileiro fosse declarado inadimplente. Suas críticas à forma pela qual Rhodes conduzia o processo de renegociação da dívida externa mexicana — achava-o moroso — também não contribuíram para desanuviar o ambiente. E o fato é que seu plano para o Brasil falhou antes que atingisse a velocidade cruzeiro.

Perto do alvo

Petrobrás descobre mais óleo em Campos

Depois de colher, desde o início do ano, sucessivos indícios de que jorraria petróleo do poço pioneiro 1-RJS-283, a Petrobrás enfim pôde anunciar, na última segunda-feira, a descoberta de uma nova jazida na promissora Bacia de Campos. Instalada em dezembro passado a 70 quilômetros do farol de São Tomé, no litoral fluminense, a apenas 8 quilômetros do campo de Garoupa, a sonda da plataforma atingiu o lençol de petróleo a uma profundidade de 2 700 metros. Já no primeiro teste realizado pela Petrobrás, mostrou boa potencialidade: produziu 1 320 barris de petróleo. O óleo encontrado, segundo os técnicos da estatal, é de boa qualidade internacional, podendo produzir especialmente óleo diesel e gasolina.

Nos gabinetes do monumental prédio da Petrobrás, no centro do Rio de Janeiro, comemorava-se também a maior produção jamais alcançada antes pela empresa. No domingo, dia 22, a Petrobrás bateu o seu recorde de produção de óleo, quando foram extraídos 452 796 barris



— a Bacia de Campos manteve a sua posição de liderança com 241 277 barris, ou 53% da produção nacional. “Chegaremos aos 500 000 barris diários antes que o previsto”, alegrou-se em Minas Gerais o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki.

Se do lado da produção as notícias não poderiam ser melhores, nos pregões das Bolsas de Valores o anúncio dos resultados financeiros da Petrobrás configurou uma ducha de água fria nas expectativas dos investidores. O aumento do faturamento bruto — 145% — ficou abaixo da inflação, mas não deixa de ser significativo: durante 1983, saltou de 3,5 trilhões para 8,6 trilhões de cruzeiros. Deduzidos os encargos de vendas, o faturamento líquido cresceu 175,8%, fechando o ano com 7,8 trilhões de cruzeiros. Com um lucro líquido de 313,8 bilhões de cruzeiros, a empresa distribuiu por ação 4,16 cruzeiros, muito abaixo do esperado pelo mercado, o que provocou a maior queda da Bolsa nos últimos quatro meses. Na quarta-feira, as ações da Petrobrás caíram 23%. É que os investidores, ao constatar o crescimento do lucro líquido do ano passado — 168% — contra uma inflação de 212%, resolveram colocar à venda milhares de papéis. ●



Argentinos festejam Raúl Alfonsín em Capão da Canoa, Rio Grande do Sul

TURISMO

Lucros do sol

A volta dos argentinos às praias do sul

Na gangorra das cotações do cruzeiro e do peso argentino, periodicamente posta em movimento pelas políticas econômicas oficiais, chegou novamente a vez de os argentinos usufruírem o enfraquecimento da moeda brasileira. Com dólares na bagagem, cerca de 300 000 argentinos finalmente voltaram para curtir o verão brasileiro. Em Santa Catarina, lugar preferido da nova leva de turistas, a maior parte dos hotéis estará lotada até o final de fevereiro e já é difícil encontrar uma casa de praia para alugar. No litoral gaúcho, a situação é a mesma e os turistas brasileiros queixam-se da inflação nos aluguéis, uma vez que, para comprar, os argentinos não se entusiasmam como no passado. Os aluguéis estão realmente salgados: uma casa, com dois quartos, no litoral catarinense, custa 1,2 milhão de cruzeiros por mês, em média.

O presidente da Embratur, Miguel Colasuonno, de 45 anos, afirma que o número de turistas argentinos cresceu 50% neste ano e arrisca um paralelo entre a Argentina do presidente eleito Raúl Alfonsín e o crescimento de turistas. “Democracia vende, provoca mais descontração. Eu apostei nisso antes das eleições argentinas e estava certo”, diz. O motivo concreto, porém, é outro: o peso argentino atualmente está mais forte do que o cruzeiro com relação ao dólar. Um gerente de banco de primeira linha na Argentina, por exemplo, ganha entre 2 500 e 3 000 dólares por mês, enquanto no Brasil pagam-se entre 1 500 e 2 000 dólares.

Cerca de 60% dos argentinos ainda

preferem o sul do país, principalmente Foz do Iguaçu e o litoral catarinense, onde os efeitos econômicos são mais perceptíveis. Desde o final de dezembro, eles tomaram conta de Camboriú e das praias mais belas de Florianópolis, em particular as do norte da ilha.

MAIS COMEDIDOS — Com a proibição de voltarem para seu país com equipamentos eletrônicos e televisores, agora os argentinos compram o que podem em roupas. 5 000 automóveis com placas da Argentina visitaram o único shopping center de Florianópolis em dez dias. Só nas lojas da malharia Hering, o faturamento saltou de 5 para 20 milhões de cruzeiros por dia. Nas outras lojas, o incremento das vendas varia de 200 a 300%.

Em Porto Alegre, o entusiasmo não é menor. Depois de percorrer os 142 quilômetros que separam o litoral da capital gaúcha, o argentino Carlos Trajtemberg, 38 anos, mostrava-se satisfeito com as oito camisas Pierre Cardin que comprou em uma única loja. “As camisas brasileiras são melhores e mais baratas do que na Argentina.”

Também afetados pela crise econômica, os argentinos estão mais comedidos em seus gastos. Em Capão da Canoa, a praia preferida dos argentinos no litoral gaúcho, Honorino José de Souza, de 35 anos, o corretor de maior êxito em vendas de imóveis para os argentinos, constata a diferença dos turistas atuais com os antigos. “Antes, de cada dez compradores em potencial, nove compravam, mas hoje só dois fecham negócio.” Em Florianópolis e Camboriú não há praticamente negócios de venda de imóveis e sim receio dos corretores em vender imóveis aos argentinos. Durante o boom dos anos anteriores, em Camboriú, foram vendidos 300 apartamentos. Hoje, 240 deles estão vazios e na Justiça por falta de pagamento. ●

COMPUTADORES

O contra-ataque

A Apple lança novo modelo para deter a IBM

A disputa que se trava no mercado americano de computadores, que movimentava 40 bilhões de dólares por ano — quase duas vezes o total das exportações brasileiras em 1983 —, conheceu na semana passada uma nova e poderosa arma: o computador pessoal Macintosh, da Apple. Lançado com uma ruidosa campanha publicitária, que deve-

dos computadores pessoais, está perdendo cada vez mais terreno para a IBM, que entrou na disputa desse mercado em 1981. De lá para cá, a participação da Apple no total das vendas caiu de 29% para 23%, enquanto a fatia de sua concorrente cresceu de 3% para 28%. Nada indica que a IBM pretenda deter seu rolo compressor — a direção da empresa anunciou recentemente que vai despendar 40 milhões de dólares nos próximos meses para empurrar o seu novo modelo, o PCjr, que chegou às lojas em janeiro, disputando a mesma faixa do mais popular modelo do fabricante pioneiro — o Apple IIe, que apenas em dezembro vendeu 100 000 unidades.



Jobs, da Apple, e o Mac: aposta no preço menor

rá consumir 15 milhões de dólares até abril, e depois de ter consumido 100 milhões de dólares no desenvolvimento de seu projeto, o Macintosh — um aparelho bem mais barato e de maior capacidade que os concorrentes de sua faixa — configura uma dramática tentativa da Apple destinada a conter o avanço de seu mais forte concorrente no mercado, a poderosa IBM.

A Apple, que nasceu há sete anos numa garagem de subúrbio, na Califórnia, e chegou à liderança no campo

MEMÓRIA MELHOR — Steven Jobs, 28 anos, presidente da Apple, afirma que o Mac provocará uma revolução no mercado de computadores pessoais e acabará apontando o caminho para os concorrentes. O novo modelo pesa apenas 9 quilos, podendo ser transportado numa sacola, e possui a mesma tecnologia do computador Lisa, lançado pela Apple em janeiro de 1983 como o primeiro computador para leigos em computação — dispensava o uso de teclado para ser comandado. Apesar de ter credenciais que lhe valeram a apresentação no mercado como uma revolução tecnológica, as vendas do Lisa não corresponderam à expectativa. Em vez das 50 000 unidades previstas pela Apple em 1983, as vendas não passaram de 20 000, graças principalmente ao seu preço elevado de 10 000 dólares.

Agora, demonstrando habilidade para admitir seus erros e capacidade de aprender com eles, a Apple decidiu lançar o Macintosh por 2 500 dólares, além de anunciar três novas versões do Lisa, bem mais baratas que a primeira. Além do preço menor, o novo modelo da Apple apresenta em relação aos concorrentes da mesma faixa uma capacidade de memória duas vezes maior. Até o final do ano, a Apple espera vender 350 000 unidades do Macintosh, principalmente entre empresários. Trata-se de uma aposta ousada. “O destino da Apple está sendo jogado com o Macintosh; se perder, ficará reduzida a uma simples montadora de computadores; se ganhar, o céu é o limite”, comentou um analista de investimentos em Nova York. ●

COTAÇÕES

Sexta-feira
20/01/84

Sexta-feira
27/01/84

Ações mais
negociadas no
Rio e São Paulo

Preço

P/L

Preço

P/L

Variação na
semana %

Indicador

Acesita - op	3,47	—	3,00	—	-13,5	SP
Alpargatas - pn	—	—	21,13	15,20	—	SP
Anderson Clayton - op	39,50	42,47	35,47	38,13	-10,2	SP
Antarctica - on	75,48	9,11	80,00	9,66	+ 6,0	SP
Auxiliar - pn	1,39	1,75	1,30	1,64	- 6,4	SP
Banespa - pp	10,78	5,58	9,00	4,66	-16,5	SP
Bardella - pp	—	—	15,00	8,06	—	SP
Bco. Brasil - on	43,01	7,10	43,67	7,21	+ 1,5	RJ
Bco. Brasil - pp	52,42	8,66	52,18	8,62	- 0,4	RJ
Belgo - op	30,58	15,84	29,82	15,45	- 2,5	RJ
Bradesco - on	7,70	4,87	6,90	4,38	-10,3	SP
Bradesco - pn	7,48	4,73	6,96	4,40	- 6,9	SP
Bradesco Inv. - pn	10,00	4,13	9,06	3,74	- 9,4	SP
Brahma - pp	—	—	8,64	8,38	—	RJ
Brasmotor - op	—	—	—	—	—	SP
Brasmotor - pp	7,91	3,95	7,20	3,60	- 8,9	SP
Cacique - pp	—	—	—	—	—	SP
Casa Anglo - op	—	—	—	—	—	SP
Cesp - pp	2,16	6,75	2,23	6,96	+ 3,2	SP
Cica - pp	3,30	10,64	3,00	9,67	- 9,1	SP
Cimento Itaú - pp	19,90	7,50	—	—	—	SP
Cofap - pp	14,58	9,98	14,04	9,61	- 3,7	SP
Comind Inv. - pn	75,00	2,59	—	—	—	SP
Confab - pp	9,69	7,17	8,04	5,95	-17,0	SP
Consul - ppb	25,00	7,60	—	—	—	SP
Copene - ppa	20,36	22,87	20,11	22,59	- 1,2	SP
Docas - op	29,70	13,87	30,00	14,01	+ 1,0	SP
Duralex - pp	4,51	10,25	3,82	8,68	-15,2	SP
Estrela - pp	8,30	17,30	7,87	16,39	- 5,2	SP
Guararapes - op	65,00	4,65	—	—	—	SP
Itaúbank - pn	7,19	5,32	6,12	4,53	-14,8	SP
Itaúsa - pn	20,00	4,42	18,37	4,06	- 8,1	SP
L. Americanas - os	25,41	27,92	24,41	26,82	- 3,9	RJ
Mec. Pesada - pp	3,85	7,7	3,48	6,96	- 9,6	SP
Mendes Jr. - ppa	28,86	10,62	27,77	10,43	- 3,7	SP
Mesbla - pp	11,51	5,04	12,00	5,26	+ 4,2	SP
Metal Leve - pp	—	—	—	—	—	SP
Moinho Fluminense - op	—	—	—	—	—	SP
Moinho Santista - op	13,50	24,10	12,53	22,37	- 7,1	SP
Nordeste do Brasil - on	25,66	3,54	—	—	—	SP
Paranapanema - pp	103,46	230,00	100,46	222,22	- 2,9	SP
Petrobrás - pp	38,26	24,68	31,89	20,57	-16,6	RJ
Petrobrás - on	20,02	12,91	17,64	11,38	-11,9	RJ
Pirelli - op	4,52	12,21	4,10	11,08	- 9,3	SP
Real Inv. - pp	24,99	3,92	22,00	3,45	-11,9	SP
Sadia Concórdia - pp	10,50	36,20	9,47	32,65	- 9,8	SP
Souza Cruz - op	63,83	14,74	58,49	13,50	- 8,3	RJ
Telerj - on	2,10	2,06	2,15	2,10	+ 2,4	RJ
Telesp - on	6,10	0,77	6,11	0,77	+ 0,2	SP
Vale - pp	33,57	4,72	31,06	4,37	- 7,4	RJ
Varig - pp	2,41	1,60	2,16	1,44	-10,3	SP
Santa Marina - op	22,77	7,09	—	—	—	SP
White Martins - op	4,60	4,55	4,56	4,51	- 0,8	RJ
Zanini - pp	2,60	1,25	2,36	1,14	- 9,2	SP

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador; P/L — preço em relação ao lucro por ação sobre o capital médio. Fonte: de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo.

Ouro (US\$ por onça-troy ou 31,1 g)

Londres	370,00
Nova York	369,50
São Paulo (grama)*	Cr\$ 16 100,00

Dólar: câmbio oficial (Cr\$)

Compra: 1 060,00	Venda: 1 065,00
------------------	-----------------

Dólar: câmbio livre (Cr\$)

Rio: 1 370,00	São Paulo: 1 330,00
---------------	---------------------

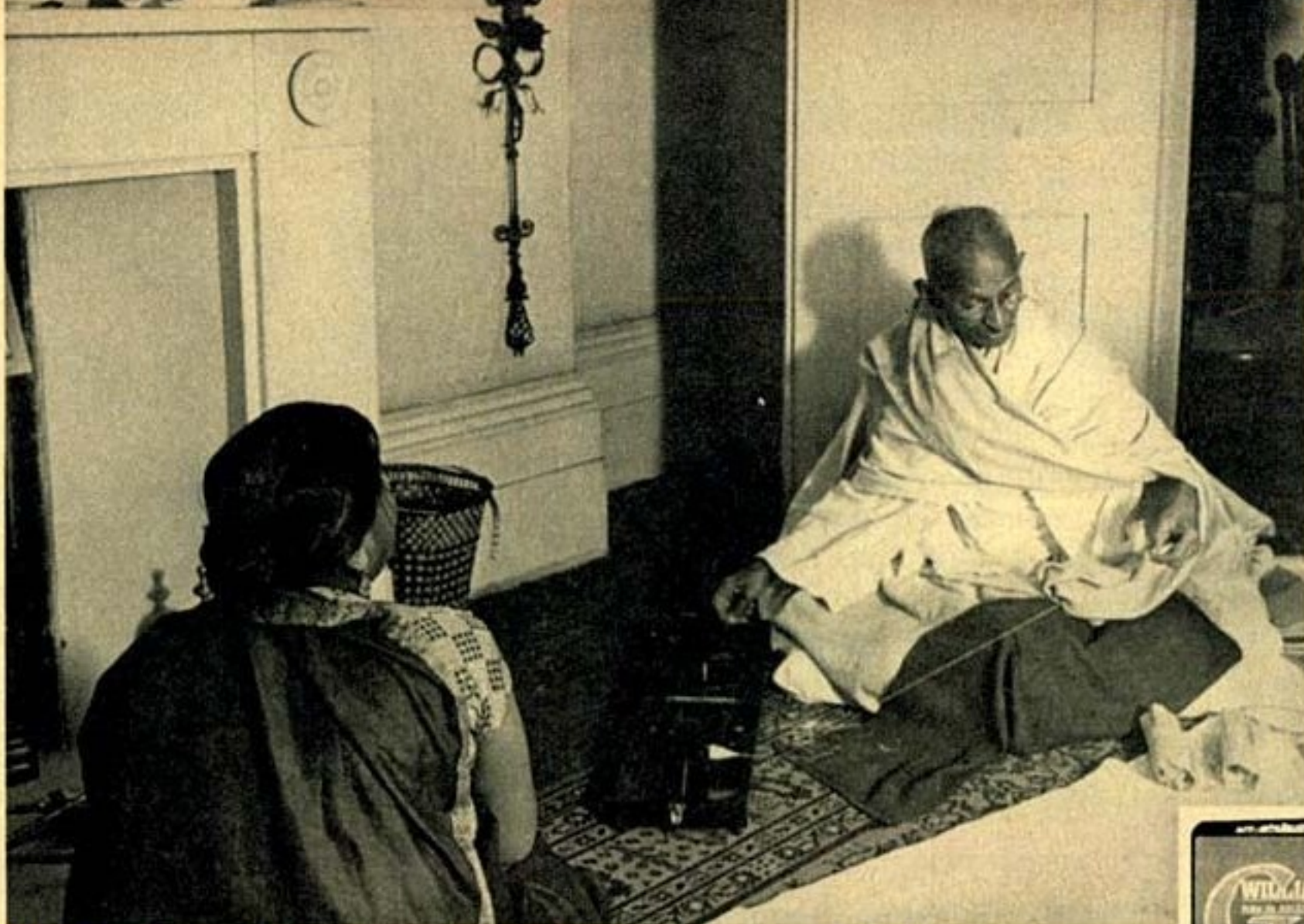
ORTN/ Janeiro	Cr\$ 7 545,98
Fevereiro	Cr\$ 8 285,49

UPC/janeiro a março	Cr\$ 7 545,98
---------------------	---------------

INPC/reajuste de salários no mês:	
Fevereiro	75,3%
(até três salários mínimos)	
INPC/reajuste de aluguéis no mês:	
Janeiro	136,90%
Fevereiro	138,32%

Salário mínimo	Cr\$ 57 120,00
----------------	----------------

*Fonte: Ourinvest



Túnel do tempo

A PORTA ESTREITA, de André Gide; Nova Fronteira; 162 páginas; 3 200 cruzeiros.

No embalo do puritanismo do início do século, quando jovens apaixonados, em vez de se entregar um ao outro, trocam suspiros de amor entre um ponto de bordado e um verso de Racine, transcorre um delicioso romance como um convite ao túnel do tempo. Mas *A Porta Estreita* só se abrirá ao leitor que não se afastou demasiadamente da cultura francesa nos últimos trinta anos, período durante o qual os livros de André Gide, mestre da literatura daquele país, passaram de moda e se evaporaram das livrarias brasileiras. Para vencer essa porta que Gide pinçou em 1909 de um versículo do evangelista Lucas — *Porfiai por entrar pela porta estreita* —, é preciso apreciar o prazer da narração, aliás anunciado já nas primeiras linhas.

Esta é a história de um amor ideal, que só se concretiza por olhares, cartas, furtivos toques de mão e um futuro sonhado mas jamais tornado real nem pela pálida e etérea Alissa nem por seu primo, o conflitado e indeciso Jérôme. A virtude da resistência ao amor só atinge seu objetivo com a morte da heroína. Por contradição, esse é também o momento da sua felicidade, o momento da libertação de um inconsciente atormentado pelas memórias da infância. Tanto quanto outros livros do parisiense Gide, nascido em 1869 e morto 81 anos depois com um prêmio Nobel nas mãos, *A Porta Estreita* é autobiográfico. Alissa, assim como a Emmanuèle dos *Cadernos de André Walter*, é sua mulher e prima Madeleine Rondeaux, e o indefinido Jérôme é o espelho do menino André. Influenciado pela família de pai protestante e mãe católica — a mãe não lhe permitia tocar Chopin por considerá-lo um compositor lascivo —, Gide cresceu atormentado de um lado pela espiritualidade, de outro, pela sensualidade. E enquanto oscilava entre o homossexualismo, o comunismo e o moralismo ambíguo traçava uma admirável obra completa de quinze volumes — em que *A Porta Estreita* figura, certamente, como um clássico.

NORMA COURI



Livros

O nu e a Coroa

GANDHI, UMA LEMBRANÇA INESQUECÍVEL, de William L. Shirer; Record; 210 páginas; 3 690 cruzeiros.

Biografias de Gandhi, o líder indiano que levou seu país a libertar-se do jugo inglês em 1947, há várias. Algumas são enciclopédicas, outras, mais recentes, são oportunistas, surgidas na esteira do sucesso do filme que bateu recordes de bilheteria em todo o mundo no ano passado. Nem um caso nem o outro se aplica a este livro, escrito pelo americano William Shirer — o mesmo de *Ascensão e Queda do 3.º Reich*. Tendo conhecido Gandhi em 1931, quando era um jovem jornalista em missão na Índia, Shirer iria encontrar-se diversas vezes com o Mahatma, acumulando muito o que contar daqueles tempos e de seu heróico protagonista. Ironicamente, porém, não são os frutos desse convívio que dão peso ao livro, composto com a agilidade do repórter que vê a História acontecendo à sua frente. Antes, Shirer chama a atenção por sua sagacidade em capturar o significado profundo dos fatos que descreve. Ele surpreende o colonialismo e o poder arbitrário no momento mesmo em que começam a desmoronar, e, autor afeito aos temas históricos, não esquece de fazer paralelos entre a revolta da Índia e outros acontecimentos semelhantes.

Shirer mostra, por exemplo, como a Inglaterra repetiu na Índia os mesmos erros cometidos em suas colônias america-

nas 200 anos antes, com idênticos resultados: estabelecida uma dominação rígida, implacável, o desarranjo da mais insignificante engrenagem põe em risco todo o sistema colonial. Em Boston, o imposto sobre o chá levou à guerra da independência dos Estados Unidos. Na Índia, a convocação de Gandhi para que o povo fosse colher sal no mar, burlando as normas fiscais da Coroa Britânica, foi o estopim de uma maciça revolta. O "faquir sedicioso e seminu", como foi qualificado pelo primeiro-ministro Winston Churchill, acendeu a imaginação dos hindus para a possibilidade de eles mesmos sanarem as desgraças semeadas em sua terra milenar pelo colonialismo inglês.

Para resistir aos dominadores de sua terra, Gandhi teria colhido energias do sobrenatural, acreditam adeptos do fatalismo oriental. Shirer, depois de longas conversas com o líder, compreendeu o cerne do pensamento estratégico de Gandhi e de outros revolucionários nacionalistas: sua energia para lutar vinha da convicção de que o colonialismo era inviável, sendo sua derrubada uma questão de tempo, organização e dedicação. Repórter atento aos dois lados, Shirer constata que, da parte da administração britânica de Nova Delhi na época, ninguém parecia crer que o tempo estivesse correndo contra eles. Essa foi a principal diferença entre os representantes de uma metrópole arrogante em sua suposta indestrutibilidade e os miseráveis vencedores.

FLÁVIO CARVALHO



Mel na boca

HISTÓRIAS DA BEIRA DO RIO, de Odylo Costa, filho; Record; 189 páginas; 3 290 cruzeiros.

Poeta, jornalista, dramaturgo, romancista e ensaísta, o maranhense Odylo Costa, filho, falecido em 1979 aos 64 anos, conhecia o perigo da dispersão que ameaça o polígrafo. Talvez por isso tenha preferido sempre qualificar-se como repórter. Mas foi mesmo a poesia que deu unidade a sua literatura: é um homem de coração mole e prosa doce o que aparece nestas *Histórias da Beira do Rio*, um dos quatro títulos inéditos deixados por Odylo ao morrer, e sua única reunião de contos. São sete narrativas sobre gente das margens piauiense e maranhense do Rio Parnaíba, territórios onde o autor viveu até sua juventude. A miúda vida interiorana tem seus dramas e é nas histórias curtas — o terço final do livro — que Odylo brilha.

MIRIAN PAGLIA COSTA



Os mais vendidos

Ficção

- 1-O Nome da Rosa, Umberto Eco (1-6)
- 2-O Gato Sou Eu, Fernando Sabino (2-10)
- 3-A Grande Arte, Rubem Fonseca (4-5)
- 4-1984, George Orwell (6-5)
- 5-A Velhinha de Taubaté, L.F. Verissimo (3-13)
- 6-Um Mundo Transparente, Morris West (5-15)
- 7-O Voo da Águia, Ken Follet (7-12)
- 8-Poesia, Ezra Pound (8-3)
- 9-Dias na Birmânia, George Orwell
- 10-A Aliança, James Michener

Não Ficção

- 1-Feliz Ano Velho, Marcelo Rubens Paiva (1-54)
- 2-Teotônio, o Guerreiro da Paz, Márcio M. Alves (3-4)
- 3-O Círio Perfeito, Pedro Nava (2-6)
- 4-Fellini por Fellini, Christian Strich e Anna Keel (7-3)
- 5-Diário de um Cucaracha, Henfil (6-24)
- 6-A Chave do Tesouro, J. Carlos Assis (5-26)
- 7-Com Licença, Eu Vou à Luta, Eliane Maciel (32*)
- 8-Cheiro de Goiaba, Gabriel García Márquez (10-2)
- 9-Capitalismo para Principiantes, C. E. Novaes/V. Rodrigues (8-6)
- 10-Não à Recessão, Celso Furtado (19*)

Fontes: Livrarias Argumento, Melhoramentos, Cultura, Brasiliense, Capitu (SP); Dazibao, Argumento, Entrelivros Centro, Eldorado (RJ); Eldorado (MG); Literarte (BA); Sulina, Globo (RS); Livro 7 (PE); Ao Livro Técnico (CE); Ghignone (PR); Sodiler (DF). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.
*semanas não consecutivas

VEJA, 1.º DE FEVEREIRO, 1984

AGORA FICOU MAIS FÁCIL MANTER O INIMIGO SOB CONTROLE.



**À VISTA:
22.900.**

CHEGOU DYNASTICK CONTROLLER

A partir de agora seu Videogame vai ficar ainda mais emocionante. Chegou Dynastick Controller.

O Dynastick Controller é o único controle para videogames com exclusiva forma anatômica que ajusta-se às mãos como uma luva.

Vem com ventosas removíveis que aderem a qualquer superfície e duplo botão de tiro. Com ele você dispara mais rápido, com maior precisão e mantém o inimigo sob controle absoluto.

Venha buscar o seu Dynastick Controller na Mesbla por um precinho do outro mundo.

E sinta toda a emoção de ser o melhor defensor das galáxias.

DYNACOM

Mesbla
O Melhor Para Você.

Utilize seu Cartão de Crédito Mesbla
Ou compre pelo Crédi Mesbla
em até 24 pagamentos sem entrada.

Saiba quais são as idéias que mudaram o mundo dos negócios



**AS IDÉIAS QUE
REVOLUCIONARAM
A ADMINISTRAÇÃO**

Em um único volume de luxo, os artigos clássicos ganhadores do Prêmio McKinsey.

Ligue para:
(011) 545-8412

Correios confirmam seu concurso para Administrador Postal. (Salário: Cr\$ 450 mil)

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos acaba de confirmar a realização de seu concurso anual para Administração Postal. Trata-se de uma excelente oportunidade para jovens de ambos os sexos, na faixa de 18 a 25 anos, que tenham concluído ou estejam concluindo o 2.º grau.

Quem for classificado no concurso, receberá uma bolsa, com tudo pago (e mais ajuda de custo), para fazer o curso superior em Brasília. Ao final do curso, com duração de 2 anos e meio, além do diploma superior, cada um sai com emprego garantido nos Correios. O salário inicial é excelente: Cr\$ 450 mil (cerca de 10 salários-mínimo).

COMO FAZER

A Degrau Cultural preparou uma coleção especial de apostilas para você fazer, com sucesso, este concurso. Você receberá 6 volumes, numa linguagem simples e objetiva, com a matéria das provas: 1. Português; 2. Matemática; 3. História do Brasil; 4. Geografia do Brasil; 5. OSPB; 6. Teste Psicológico.

GRÁTIS

Você receberá ainda: um roteiro com todas as informações sobre o concurso e uma coleção com PROVAS E GABARITOS DE CONCURSOS ANTERIORES! É só preencher o cupon abaixo e enviá-lo hoje mesmo.

EDITORA DEGRAU CULTURAL LTDA • Praça Mahatma Gandhi, 2
2.º andar • Cinelândia • Caixa Postal 11.094 • Rio de Janeiro
CEP 20.031 • Tel. (021)220-5715

A Editora Degrau Cultural Ltda

Sim, desejo receber a coleção de apostilas para o concurso de Administrador Postal, junto com as informações completas e as provas de concursos anteriores

☐ Cr\$ 5.800,00 à vista. Estou remetendo cheque anexo
☐ Cr\$ 6.300,00 pelo reembolso. Pagarei ao receber as apostilas

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Estado _____

Televisão

De olho no som

Um jeito novo de ouvir música: pelo vídeo

“V”ocê já viu a nova música do Michael Jackson?” Citada pela revista americana *Time*, esta incomum aplicação do verbo ver revela as dimensões de uma novidade que já está tomando conta dos Estados Unidos e da Europa: a videomúsica. Trata-se daqueles pequenos curtas-metragens que, apresentando uma teatralização dos grandes sucessos da música pop, abocanharam êxito cada vez maior em suas apresentações na TV, ou correndo de mão em mão, entre os possuidores de aparelhos de videocassete. No Brasil o fenômeno ainda é incipiente, mas já tem seu público. Tanto que, desde a semana passada, a Rede Manchete está transmitindo, de segunda-feira a

ternacional do momento. Enfim, as redes Bandeirantes e Record não ficam atrás: a primeira mantém o programa *Super Special*, levado ao ar de segunda a sexta, ao meio-dia, e a segunda tem *Realce*, levado por sua emissora carioca, aos sábados, às 18 horas.

VIDEOPROMOÇÃO — Esse novo veio de ouro aflorou, nos Estados Unidos, com a MTV, ou Musical TV, uma televisão por cabo que, desde agosto de 1981, veicula videomusicais 24 horas por dia, com enorme sucesso. Logo a onda das canções visuais obrigou as outras emissoras americanas a incrementar suas programações com tapes das paradas de sucessos, e astros, como o romântico Lionel Richie, ou os mais agitados The Police, começaram a dedicar tanta atenção à produção dos filmetes como às gravações das músicas. “Um vídeo custa normalmente de 30 a 50 000 dólares para



Astros da videomúsica: The Police...



...e o romântico Lionel Richie

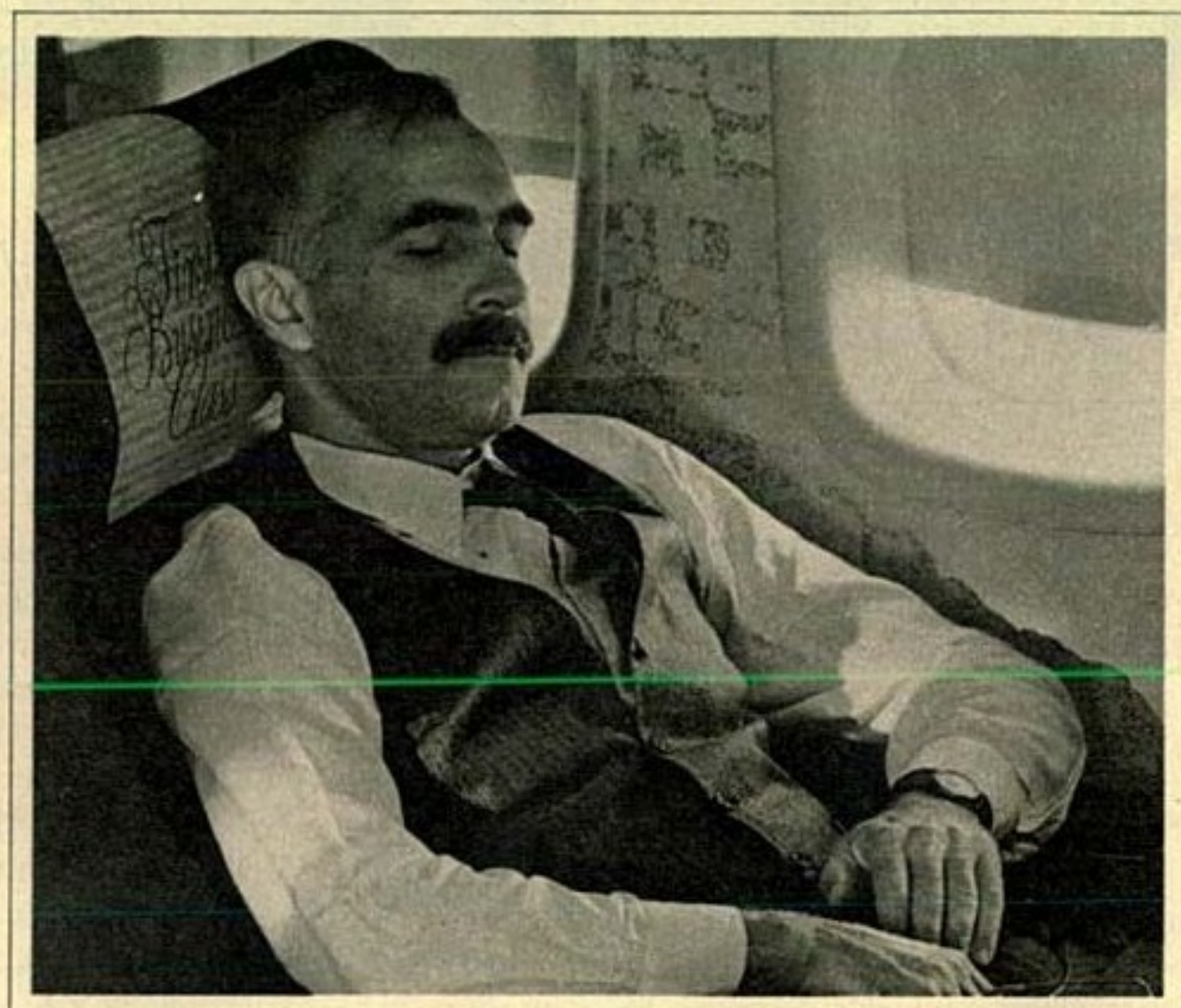
sábado, a partir das 19 horas, 30 minutos de musicais gravados em vídeo, pondo no ar grandes e pequenas estrelas do rock internacional — o programa FM-TV, destinado, basicamente, aos jovens na faixa dos 15 aos 25 anos.

A iniciativa da Manchete, pela primeira vez, leva a videomúsica, de maneira sistemática, ao horário nobre, mas na verdade não é nova. Pioneira no setor é a Televisão Cultura, de São Paulo, com seu *Som Pop* — programa que, levado aos sábados às 19 horas, transformou-se num fenômeno na emissora educativa, elevando seus índices de Ibope, geralmente baixos, para até respeitáveis nove pontos. Também a Rede Globo tem sua presença no setor, embora não possua um programa especificamente destinado à videomúsica. Na emissora líder de audiência, os musicais são levados ao ar no *Fantástico*, em que, a cada domingo, um entre quatro números musicais pertence aos astros da juventude: Michael Jackson, Paul McCartney, ou outro hit in-

ser produzido”, explica Roberto Musauer, produtor do *Realce*. “mas é visto em 15 milhões de lares americanos, o que representa um retorno enorme em vendas de discos.”

Mariângela Carraro, do departamento internacional da EMI-Odeon, diz que a exibição de um tape no *Fantástico* leva os consumidores às lojas de discos já na segunda-feira. Ou seja: com a videomúsica, ou *videoclip*, como o gênero é conhecido nos Estados Unidos, encontrou-se uma nova e eficiente forma de “caititua-gem” — palavra que, na gíria do rádio, designa a promoção de um disco junto aos disc-jockeys para que ele seja tocado. Produzida em geral pelas gravadoras, a videomúsica é oferecida de graça às emissoras de TV, e assim cumpre um papel que é vantajoso tanto para as emissoras como para as gravadoras. Mas, na verdade, o *videoclip* não é só promoção: trata-se de um espetáculo total e de um novo veículo para a música.

Com a First Business Class, você pode até dormir em serviço.



*First
Business
Class*

PARA VOCÊ

QUE DECIDE

O atendimento da First Business Class da SAS foi recentemente classificado, em pesquisa realizada pela Revista Fortune, como "o mais completo em comparação com dezenas das mais famosas linhas aéreas de todo o mundo".

A First Business Class da SAS foi planejada para oferecer aos executivos um conforto racional em suas viagens de negócios e de lazer à Europa. Amplas poltronas, a nível de primeira classe, e fones de ouvidos harmonizam-se com sofisticado e exclusivo serviço de telefone e telex em vôos internacionais, de modo a equilibrar a constante necessidade de ação de quem decide, com um suave atendimento em seus momentos de repouso.

Voar a negócios pela First Business Class pode parecer com tudo, menos com uma viagem de negócios.

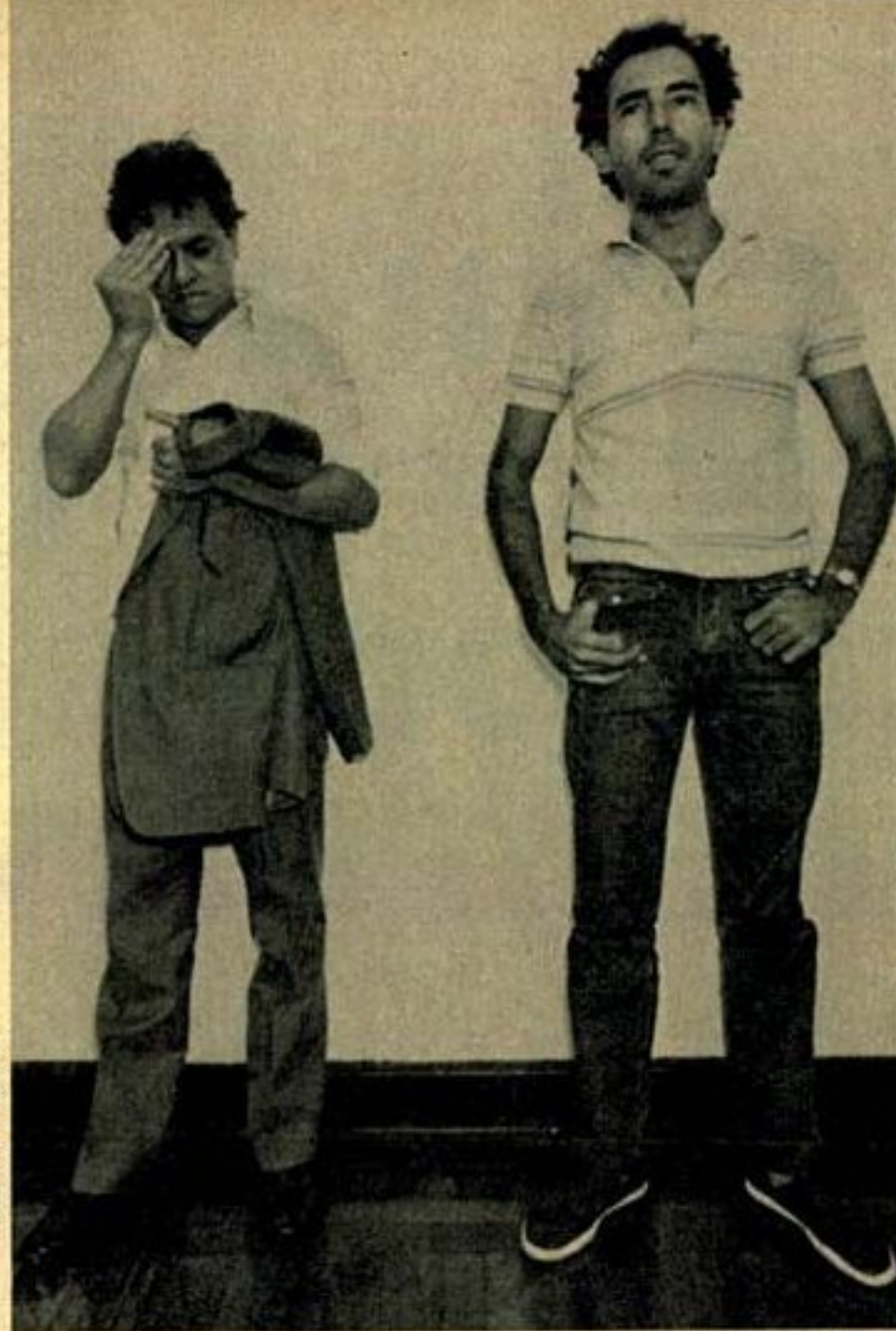
SAS

The Businessman's Airline



AGÊNCIA O GLOBO

A taça nas mãos de Carlos Alberto



RICARDO BELIEL

Alves (à esq.) com Rivera: livre trânsito na CBF

Crime

Perda definitiva

Polícia prende ladrões que derreteram a Jules Rimet

Era a última coisa que faltava acontecer. A Taça Jules Rimet, símbolo maior da maestria do futebol brasileiro, que levou milhares de pessoas às ruas de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Brasília quando Carlos Alberto a exibiu em 1970, não só foi roubada, dias atrás — foi também derretida, transformada em lingotes de ouro e desapareceu para sempre. Quando ela foi erguida na Cidade do México, em junho daquele ano, o torcedor fanático Giacomo Cetta não resistiu à emoção e sucumbiu a um ataque cardíaco no Rio de Janeiro. Na semana passada, por extraordinária coincidência, foi o irmão de Giacomo, o agente de seguros Antonio Cetta, 59 anos, quem levou a polícia a descobrir os autores do roubo da Jules Rimet, em dezembro passado, denunciando os ladrões. “Eu não poderia trair a memória de meu irmão”, justificou Antonio Cetta.

Desde que a taça desapareceu da sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no centro do Rio de Janeiro, a polícia deteve e interrogou diversos ex-funcionários da entidade, e os soltou tão logo apresentaram álibis convincentes. Em nenhum momento as investigações recaíram sobre Sérgio Pereira Alves, 40 anos,

ex-assessor administrativo da CBF na gestão do almirante Heleno Nunes, entre 1975 e 1980. Ao deixar o cargo, Alves continuou a frequentar os gabinetes da confederação, na condição de representante do Clube Atlético Mineiro junto à entidade. Depois de muito observar como a Jules Rimet era guardada, Alves planejou e executou o roubo, auxiliado pelo detetive Francisco Rivera e outros dois comparsas. Em novembro passado, Alves convidou Antonio Cetta a participar do roubo, mas o convite foi recusado.

No dia seguinte ao crime, a taça foi derretida e seus 1,8 quilo de ouro foram vendidos ao receptor de jóias Antonio Pugliese, dono de uma joalheria no Rio. Pugliese pagou pela Jules Rimet, e por outros três troféus furtados juntos, a soma de 26 milhões de cruzeiros. Com a denúncia de Cetta, afinal roído de remorsos, o bando foi desbaratado, mas já era tarde demais para se reaver o maior símbolo de orgulho que o Brasil já possuiu. Foram recuperados 5 milhões de cruzeiros, que ainda estavam depositados na conta de Sérgio Alves. Rivera e Alves foram detidos na sexta-feira passada, no Rio, e confessaram o roubo da taça e sua venda para Pugliese, que nega qualquer envolvimento no crime. “Eu ganho 3 milhões de cruzeiros por mês, e não me meteria nesse negócio de débeis mentais”, diz. Ainda estão foragidos os outros dois integrantes da quadrilha.

Denúncia fatal

Acusado de espionagem é morto em São Paulo

O assassinato de Liao Tchung Ming, 61 anos, na noite da última terça-feira, em São Paulo, provocou reações antagônicas na colônia chinesa da cidade. Os adeptos do atual regime de Formosa — para o qual Ming trabalhava oficiosamente desde que o Brasil rompeu relações com aquele país, em 1974 — receberam a notícia de sua morte com pesar. A outra parte da colônia comemorou ruidosamente, promovendo festas no bairro da Liberdade, onde está concentrada a maior parte dos imigrantes asiáticos no Brasil. Ming, que também dirigia o Centro Social Chinês de São Paulo, era acusado por seus adversários de ser espião do governo de Formosa no Brasil e de ter denunciado os responsáveis pela explosão de bombas em dois jornais de Taipé, há um mês. A denúncia levou a organização guerrilheira Independência de Formosa, responsável pelos atentados, a planejar seu assassinato.

“Acredito que o crime tenha mesmo motivações políticas”, afirma o delegado Armando Gathas, responsável pelo inquérito policial. Também no bairro da Liberdade, acredita-se que a morte de Ming, com um tiro de re-

OLIVIO LAMAS/AGÊNCIA O GLOBO



Liao Tchung Ming

vólver calibre 6.35 na nuca, esteja mesmo ligada à explosão dos jornais de Taipé. Das seis pessoas que teriam participado desse atentado, quatro residem em São Paulo, e outro integrante do grupo, preso atualmente em Formosa, seria George Wang, proprietário de uma agência de turismo em São Paulo.

A morte de Ming não é a primeira a ocorrer em São Paulo por motivos políticos. Chineses da Liberdade garantem que outros assassinatos já foram praticados, mas que o de Ming teve maior repercussão em função de suas estreitas relações com o governo de Formosa. O delegado da Divisão de Homicídios da Polícia paulista, Juarez Pereira dos Santos, não descarta essa possibilidade e vai investigar a possível relação entre o assassinato de Ming e o de um outro chinês, Liao King Jung, em setembro do ano passado, quando foi usada uma arma do mesmo calibre.

INSTRUÇÕES: Para fazer sua compra pelo Sistema Direto SOMACOLOR e economizar tempo, dinheiro e combustível, preencha o **Cupom de Boa Compra**, abaixo, recorte, coloque dentro de um envelope comum selado e envie para CAIXA POSTAL 21444 CEP 01000, São Paulo - capital. **Não é preciso mandar dinheiro agora!** Você pode pagar na hora em que receber a mercadoria em sua residência, através da transportadora. Se preferir pagar já, envie cheque nominal à Somacolor, que nós lhe daremos um desconto de 10% sobre o valor da compra.

MAGRELA

Acabe com a barriga! Modele o corpo. Elimine o excesso de gordura

Os maiores atletas do mundo utilizam pranchas abdominais em seus exercícios. Use apenas 10 minutos por dia, durante 30 a 45 dias e elimine o excesso de gordura na cintura e no abdômen. Dobrável, tipo pasta 007. Acompanha instruções com 10 ilustrações de exercícios estratégicos.

Preço nas lojas de São Paulo: ~~Cr\$ 22.000,00~~

Preço desta oferta:
Cód. 38 com Kit Elastic Cr\$ 36.100,00
Cód. 39 sem Kit Elastic Cr\$ 30.720,00
Cód. 40 só o Kit Elastic Cr\$ 10.200,00



BARABANI®

SERVIGELA

Cerveja com gosto de Chopp em 5 segundos

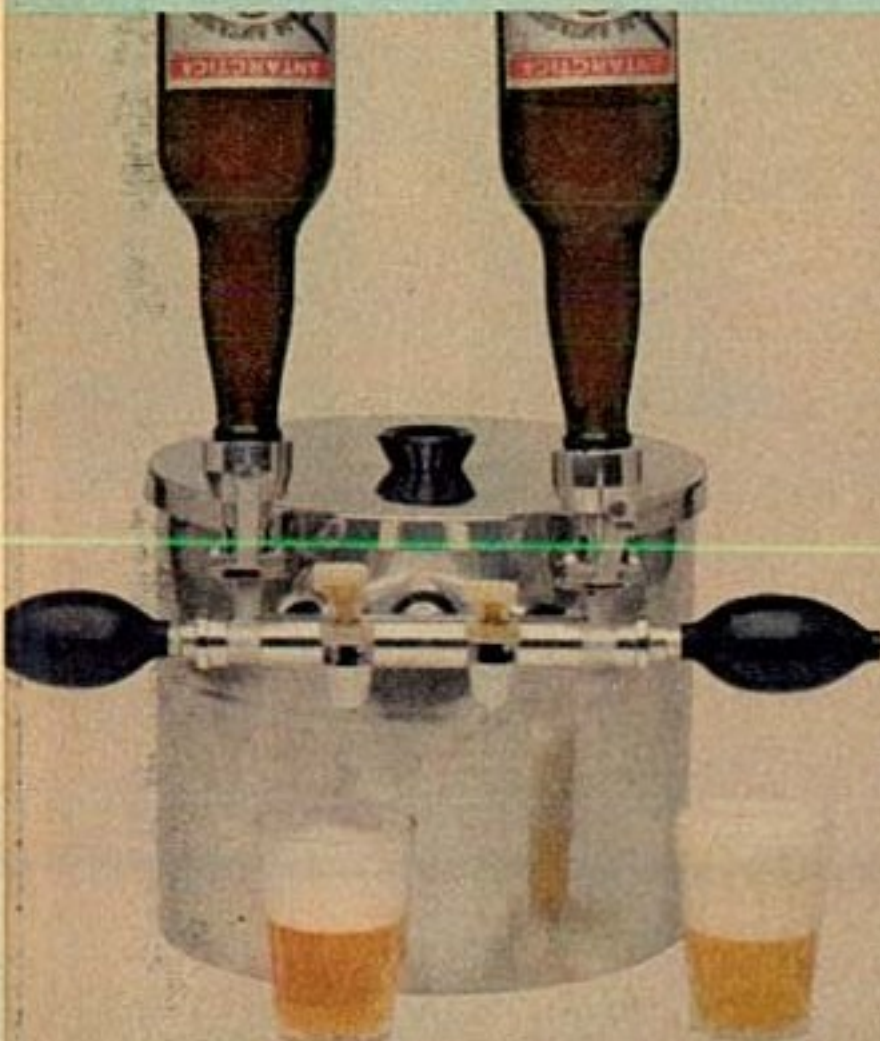
Servigela transforma sua cerveja em estado natural num autêntico chopp super gelado em apenas 5 segundos.

O sabor característico do chope, deve-se, principalmente, ao processo de transformação ultra rápida do líquido em estado natural para o estado super gelado. Produzida em alumínio especial, conserva o gelo por mais tempo, possibilitando seu uso em praias, casas de campo, camping e festas em geral.

Preço das lojas
~~Cr\$ 39.800,00~~
Preço desta oferta
Cr\$ 44.800,00
Cód. 45

SERVIGELA
Del Bon

Metalúrgica Del Bon Ltda. - Sertãozinho - SP



OFERTAS ESPECIAIS
PARA VOCÊ PEDIR PELO CORREIO E RECEBER NA SUA CASA



SOMACOLOR DIVISÃO DE MARKETING DIRETO
Sistema Shopping-House Tel. 533-4155

BARRA FIXA

Conserve a boa forma e a elegância com esta barra em aço cromado, muito prática. É presa a qualquer batente de porta por um revolucionário e exclusivo sistema de pressão, que suporta até 200 Kg. Ideal para exercícios de braços, costas e abdômen.

Preço nas lojas de São Paulo ~~Cr\$ 22.000,00~~

Preço desta oferta
Cód. 41

19.300,00



PESOS PARA GINÁSTICA

Para exercícios de musculação

Cód. 42 - Peso 2 Kg Cr\$ 5.600,00 (o Par)
Cód. 43 - Peso 3 Kg Cr\$ 7.980,00 (o Par)
Cód. 44 - Peso 4 Kg Cr\$ 9.520,00 (o Par)



Modelo Porsche
Cód. 46 - Jogo com 4
Cr\$ 39.800,00

SUPER CALOTAS GLICÉRIO

A grande novidade do momento

Produzidas com material ultra resistente, anti-corrosivo, anti-ferrugem, com exclusivo sistema de fixação, que permite seu uso sem risco de perda. Bonitas, sofisticadas, com design alemão, custa apenas 10% do preço de uma roda especial sem descaracterizar seu caráter das rodas originais. Servem para os carros modelo Fiat, Voyage, Gol, Passat, Monza, Chevette, Escort e todos os carros de aro 13.



Modelo Monza
Cód. 47 - Jogo com 4
Cr\$ 37.800,00

CUPOM DE BOA COMPRA

SIM ☐ Quero receber EM MINHA CASA os seguintes produtos

Código	Produto	Preço Unitário	Quant.	Total:
038	Magrela c/Kit Elastic	Cr\$ 36.100,00		
039	Magrela s/Kit Elastic	Cr\$ 30.720,00		
040	Só Kit Elastic	Cr\$ 10.200,00		
041	Barra Fixa	Cr\$ 19.300,00		
042	Peso 2 kg (o par)	Cr\$ 5.600,00		
043	Peso 3 kg (o par)	Cr\$ 7.980,00		
044	Peso 4 kg (o par)	Cr\$ 9.520,00		
045	Servigela	Cr\$ 44.800,00		
046	Calotas Mod. Porsche	Cr\$ 39.800,00		
047	Calotas Mod. Monza	Cr\$ 37.800,00		
048	Casinha Da-Dura	Cr\$ 31.500,00		

Prefiro pagar assim:

☐ Ao receber a mercadoria

☐ Com desconto de 10%, enviando cheque anexo.

Total do pedido

Frete único

Total da compra

+ 3.900,00

Nome _____

End.: _____

Cidade _____

Est. _____

CEP: _____

Tel.: _____

Data: ____/____/____

Envie este cupom preenchido para a caixa postal 21444 - CEP 01000 S. Paulo Al. Jauaperi, 1371, Moema - S. Paulo

A Casinha do Faz-de-conta existe. É Da-Dura!

Os seus filhos jamais se esquecerão deste presente! A Casinha Da-Dura tem portas e janelas que se abrem de verdade e uma linda chaminé. Desenvolve a criatividade da criança, pois ela mesma participa da decoração. Mede 1,10m de altura, 1,55m de compri-

mento e 0,85m na lateral. Fácil de montar e transportar. Pode ser montada no quintal ou no quarto das crianças.

Preço desta oferta
Cr\$ 31.500,00
Cód. 48





Dirija o Monza. Essa exp

A partir de agora, você já não é mais o mesmo. Você acaba de entrar no mundo do Monza. Um espaço onde o prazer de dirigir é mais vibrante, imediato. Porque no Monza as emoções não param de acontecer. É o toque leve no acelerador que faz os motores 1.6 ou 1.8 responderem com garra. A mão no câmbio macio que troca



Experiência vai mudar você.

as marchas de uma maneira precisa. A direção firme, o conforto, o estilo próprio. Detalhe por detalhe, a tecnologia do Monza conquista você. E faz do prazer a sensação maior. Monza. Esse carro mudou a sua vida. Definitivamente. Por dentro e por fora.



A nova relação entre o homem e a máquina.



Ritchie: meio milhão de LPs vendidos ao combinar letras de romantismo arrebatado à linguagem eletrônica...

Música

A vitória da ousadia

*O rock nacional lança um sopro de vida
na música popular, ganha público e consagra Ritchie
como o novo grande ídolo das paradas*

Quem, há um ano, se lançasse ao desafio de traçar o perfil do próximo grande astro da música brasileira teria, no mínimo, que se munir de uma bola de cristal. Só por magia se poderia prever que o novo astro, em vez de colher repertório entre compositores consagrados, como Ney Matogrosso, ou combinar ritmos brasileiros, como Caetano Veloso, dedica-se ao rock de vanguarda. No palco, sua atuação em nada lembra a teatralidade de Elba Ramalho ou a alegria de Rita Lee: ele tem a estampa de um misterioso andróide saído de um filme de ficção científica. Como cantor, em vez de exibir a voz impecável de Roberto Carlos, ele interpreta em sussurros e, por incrível que pareça, sente dificuldade em pronunciar corretamente o português. Enfim, eis algo capaz de fazer até uma bola de cristal explodir: o novo ídolo da música brasileira não é brasi-

leiro, e sim súdito de Sua Majestade Britânica, natural que é de Kent, na Inglaterra, onde nasceu há 31 anos.

Richard David Court, este é o nome da atual fera das paradas de sucessos. Ou, para citar o apelido pelo qual se tornou uma meteórica celebridade nacional: Ritchie. Trata-se de uma espécie de menestrel da era eletrônica, alguém que combina o romantismo arrebatado e tradicional que eternamente fez parte da bagagem dos grandes nomes da música popular com os modernismos dos sintetizadores e dos sons extravagantes que fazem a marca dos anos 80. Sem dúvida, está-se em presença de um ídolo original. Seu romantismo não tem nada de motéis ou lençóis macios: os casos de amor que canta têm cenários insólitos como, por exemplo, um elevador enguiçado. Para ele, a trilha sonora de um grande romance pode ser o mais endiabrado dos

rocks. Com esses elementos, Ritchie detonou sua escalada no início de 1983, ao erguer um coro nacional com *Menina Veneno*, uma balada com um clima de filme de Hitchcock: *Meia-noite no meu quarto/Ela vai surgir/Ouçó passos na escada/Vejo a porta abrir*.

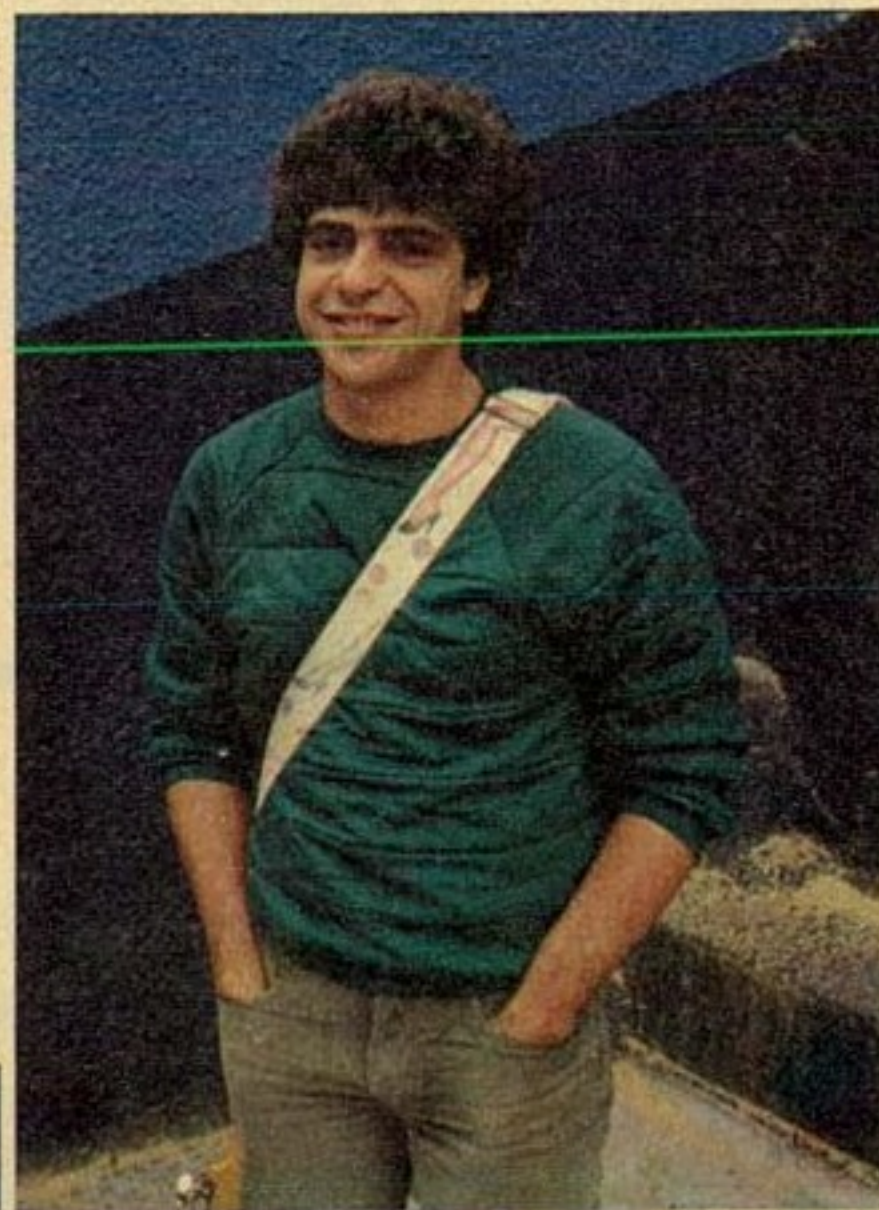
CELEIRO DE IDÉIAS — Até aí, ainda se poderia desconfiar do sucesso de Ritchie, e decretar que não passava de um modismo de verão. Afinal, cantores que acertam com uma música não são raros — maior é o desafio de acertar com a segunda, e garantir sua permanência nas paradas. Pois Ritchie soube não só bisar o sucesso de *Menina Veneno* como ir além. Seu primeiro LP, *Vôo de Coração*, lançado em agosto de 1983, fechou o ano com nada menos de 580 000 cópias vendidas, catapultando-o ao clube dos grandes vendedores do país.



NANI GÓIS

...dos modernos sintetizadores

Uma das faixas do disco, *Pelo Interfone*, repetiria o êxito de *Menina Veneno* nas execuções de rádio. Finalmente, três compactos com faixas retiradas do disco — *Menina Veneno*, *A Vida Tem Dessas Coisas* e *Casanova*, esta última tema da novela *Champagne*, da TV Globo — alcançaram na semana passada a marca de 800 000 cópias vendidas, algo que tem um significado especial no mercado fonográfico: até hoje, Roberto Carlos foi o único artista brasileiro a transformar em sucesso quatro faixas de um único LP. “Algo está mudando na sensibilidade musical brasileira”, admira-se Ritchie, confessando-se ainda “meio assustado” com o sucesso vertiginoso.



ANTÔNIO A. FONTES



AVANI STEIN



CARLOS FENERICH

Não se trata de profecia, mas de simples constatação. E constatação que tem um significado ainda mais profundo do que o simples caso de sucesso pessoal de Ritchie. Na verdade, esse inglês de roupas futuristas e olhar de bom menino não é um caso isolado. Muito pelo contrário, ele é a ponta cintilante de um imenso iceberg que, ao singrar as águas plácidas da música brasileira, detonou um maremoto: o iceberg do rock nacional. Está aí um fenômeno que transcende as fronteiras do caso particular de Ritchie: depois de cruzar os anos 70 como pálida cópia das produções estrangeiras, o rock nacional alçou vôo, ganhou estilo e passou a ser, a rigor, o único celeiro de novas idéias na música popular. A maioria absoluta dos artistas consagrados, como Roberto Carlos e Simone, mantém hoje, em seus LPs, um padrão de repertório e arranjos que os conserva imunes a grandes altos e baixos de qualidade e vendagem. O preço, para isso, é gravar praticamente o mesmo disco todo ano. Com o rock aconte-

ce o contrário: é ali que surgem intérpretes e compositores novos, é dali que nascem as letras mais ousadas, é ali que ainda se sente uma pulsação mais intensa de vida e criatividade.

Artistas como Lulu Santos e Eduardo Dusek, grupos como o paulista Magazine, o carioca Kid Abelha e os Abóbora Selvagens ou o brasiliense Paralamas do Sucesso: eis o que há de mais inovador, hoje, na música popular. Muitos desses artistas e grupos lançaram bons LPs nos últimos meses, outros surgiram com simples compactos, outros ainda nem sequer entraram num estúdio de gravação e ainda cumprem o inevitável circuito dos bares e casas noturnas, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em comum, eles têm a ousadia e a predisposição à aventura que os grandes ídolos enterraram em seu passado. Mais ainda: eles souberam abraçar o rock, hoje dono de uma linguagem indiscutivelmente nacional. Fundindo o ritmo e os sons estrangeiros com características já longamente assentadas na música do Brasil, como a irreverência e a crítica de costumes da marchinha carnavalesca, ou o romantismo dos velhos sambas-canções, o rock assentou raízes no país. Não deu outra: ocupando o vácuo deixado pela mesmice dos velhos ídolos, os artistas do rock dividem hoje o rádio e as lojas de discos com os nomes consagrados.

CLUBE DO DEBOCHE — Nos últimos meses, eles se multiplicaram com tamanha velocidade que já é possível identificar um movimento com diversas facções — a facção dos menestréis eletrônicos, como Ritchie, por exemplo, a dos “debochados”, como o grupo paulista Ultraje a Rigor, ou a dos que se dedicam à crítica social, como o Magazine. É interessante acompanhar o seu percurso e notar sua fertilidade. No gru-

Os astros ascendentes: o carioca Lulu Santos (ao alto) e os grupos Paralamas do Sucesso, de Brasília, e Magazine, de São Paulo



ANTÔNIO A. FONTES

Barão Vermelho: lições de Dolores Duran

po dos menestréis eletrônicos, por exemplo, além de Ritchie, já pululam outros astros de primeira linha. É o caso de Lulu Santos, o introdutor da arrogância bem-humorada no rock nacional. Ex-colega de Ritchie no conjunto Vímana, que formaram nos anos 70, Lulu é, antes de tudo, um guitarrista de recursos extraordinários, que alterna o estilo dolente do guitarrista mexicano Carlos Santana com o estilo furioso e visceral de Keith Richard, dos Rolling Stones. Com essa original combinação, Lulu interpreta baladas e rocks de romantismo derramado que têm emplacado nas paradas, como *Um Certo Alguém* e *Como uma Onda*.

Entre os menestréis eletrônicos estão também os integrantes do grupo Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, autores de *Pintura Íntima*, um dos melhores compactos lançados em 1983, e o grupo Barão Vermelho, que, em seus dois LPs lançados até hoje, transporta para o rock o romantismo dilacerado de Dolores Duran e Lupicínio Rodrigues em canções como *Carente Profissional* ou *Carne de Pescoço*. Em comum, o Kid Abelha e o Barão

Vermelho têm grandes cantores à frente: Paula, do Kid Abelha, é uma intérprete de voz suave e envolvente, enquanto Cazuza, do Barão, é dono de um estilo peculiaríssimo de cantar falando e de uma voz rouca como a dos mestres do blues americano.

Ainda mais numerosos e irrequietos são os integrantes do clube do deboche, que exploram o filão aberto por Rita Lee e o levam às últimas consequências. É o caso do grupo Ultraje a Rigor em seu primeiro compacto, *Inútil*, que chegou às lojas na semana passada: *A gente não sabemos escolher presidente/A gente não sabemos tomar conta da gente/A gente somos inútil*. O mais talentoso membro desse clube, porém, é o cantor e compositor Eduardo Dusek, um emérito contador de histórias impagáveis. Além de compor bons rocks, muitos deles calcados no estilo dos anos 50, Dusek reinventa também o estilo cafona dos intérpretes popularescos em canções como *Brega Chique*, que conta a história da empregada doméstica que enriquece e contrata como sua empregada a antiga patroa.

CORRIDA DO OURO — A outra facção vitoriosa do rock nacional é o clube da pancada, que se dedica a descabeladas críticas sociais. Além do Magazine, intérprete da canção *Sou Boy*, que pinta um retrato feroz do cotidiano dos office-boys e se transformou num dos grandes sucessos do ano passado, essa facção conta com os Paralamas do Sucesso, que combina com grande habilidade o estilo nervoso do rock inglês atual a letras que satirizam o dia-a-dia da juventude. Como em *Vital e Sua Moto*, grande sucesso do grupo, que conta

a história do rapaz cujo "sonho de metal" era destruído pelo pai.

Histórias de amor e críticas sociais ou políticas, é claro, não constituem novidade na música brasileira, assim como o rock desenvolvido pelos artistas de todos os "clubes" não chega a revolucionar o gênero. A grande conquista desses artistas foi encontrar uma alternativa para os boleros e sambas, que hoje sofrem de padronização aguda. Decididamente, mais divertido que ouvir Roberto Carlos cantar sua milésima paixão malsucedida é ouvir o grupo Magazine cantar: *A minha vida não é mole não/Não é champanhe, é álcool zulu*. O resultado não podia ser outro: o rock nacional deixou de ser um culto para iniciados e incorporou-se ao hábito de todas as faixas de público.

As emissoras de rádio do Rio e de São Paulo, que há dois anos praticamente não executavam o rock brasileiro, hoje dedicam a ele 30% de sua programação diária, a mesma proporção dedicada à música brasileira tradicional. Nas gravadoras vive-se um clima de corrida do ouro: a ordem é apostar no rock. "A verdade é que os artistas de rock estão mais criativos do que os grandes ídolos", admite Claudio Condé, diretor da CBS, gravadora de Ritchie, para justificar uma significativa mudança de orientação na companhia: nos últimos dois anos, a CBS lançou dez novos artistas ligados ao rock, e apenas dois intérpretes de música brasileira tradicional. O mesmo ocorre na gravadora WEA, responsável pelos discos de Lulu Santos. Há dois anos, a WEA apresentava um equilíbrio entre artistas de rock e tradicionais. Hoje a gravadora tem em seu elenco exatamente catorze atrações na área do rock contra sete nas demais áreas.

Se o Brasil detém, por tradição, o título de país do samba, pode-se dizer, sem qualquer exagero, que ele é hoje também o país do rock. Ao cumprir esse papel de renovação na música brasileira, o rock acabou por invadir também os palcos nobres do país. No Canecão, espécie de templo dos grandes ídolos, Eduardo Dusek, aquele que recomenda à platéia que "troque seu cachorro por uma criança pobre", realizou em 1983 um dos shows mais concorridos da casa. Já no Palace, em São Paulo, versão mais luxuosa do Canecão, o menestrel eletrônico Guilherme Arantes bateu em outubro passado o recorde de lotação da casa, por onde já haviam passado Ro-



Ultraje a Rigor: estréia com sátiras políticas

berto Carlos e Maria Bethânia. "Programei o Guilherme quase por acaso, para preencher algumas datas vagas na agenda, mas agora programarei regularmente os artistas de rock", entusiasma-se o empresário Fernando Alterio, um dos proprietários do Palace.

PULO DO GATO — Em sua escalada de popularidade, o rock nacional invadiu até mesmo palcos tradicionalmente avessos a ele, como o do *Cassino do Chacrinha*, da TV Globo. Quem sintonizasse o programa há dois anos assistiria a uma combinação de boleros tradicionais e grandes ídolos da música brasileira. Hoje, o programa é uma espécie de vitrina por onde desfilam as atrações e os artistas iniciantes do rock. Frequentemente, o programa é dedicado exclusivamente aos conjuntos de rock, como aconteceu no último dia 14, quando Chacrinha recebeu os conjuntos de maior sucesso em 1983. "Há um movimento muito forte surgindo na música brasileira, uma espécie de



Eduardo Dusek: o mais brilhante membro do "clube do deboche"

nova Jovem Guarda, que ainda vai dar muito o que falar e ouvir", constata o Velho Guerreiro da TV.

À frente dessa legião de novos ídolos e novos sons, Ritchie reina como o primeiro super-herói do rock nacional a surgir depois da pioneira Rita Lee. Trata-se de uma posição conquistada não apenas com boas canções, mas com uma conjunção de trunfos que o torna, decididamente, um artista especial. Para começar, Ritchie domina com facilidade

de uma linguagem que raros artistas conseguem decifrar sem cair no lugar-comum: a do rock romântico. Suas canções contam histórias de amor mas são ao mesmo tempo agitadas e dançantes. O romantismo de Ritchie é arrebatado como o de Roberto Carlos, mas suas canções, em vez de recordar ao ouvinte amores malsucedidos, estimulando à alegria de uma nova paixão. "Meu romantismo é o mesmo que habita a alma de todo brasileiro, o mesmo que cantava Ângela Maria", afirma Ritchie, "mas fujo da pieguice e do lugar-comum."

De fato, basta assistir a um show de Ritchie, ou mesmo vê-lo na televisão, para se constatar que ele encarna um tipo peculiar tanto de roqueiro como de cantor romântico. As roupas de couro e o cabelo arrepiado lhe fornecem a imagem de rebeldia adequada a um astro de rock. Ao mesmo tempo, sua voz suave e seus gestos discretos lhe imprimem uma aura de rapaz bem-comportado, a quem qual-

Os mil truques de um menestrel sem luar ou violão

Ao se ouvirem os acordes românticos de canções como *Menina Veneno* ou *Casanova* talvez se imagine seu autor compondo ao som de um dolente violão, olhos perdidos no luar e pensamento fixo na musa inspiradora. No pequeno estúdio que Ritchie mantém em sua casa, onde nascem todos os seus sucessos, porém, não há luar nem violão, mas pura tecnologia — um arsenal de instrumentos e aparelhos eletrônicos de última geração que conferem ao refúgio do menestrel um ar de cabine de nave interplanetária. Ao compor, Ritchie é, na verdade, um representante da corrente experimentalista do rock conhecida como "tecno-pop", formada por músicos que usam e abusam das últimas conquistas da tecnologia sonora.

Trata-se de um estilo que, no plano internacional, é compartilhado por grandes nomes do rock, como por exemplo David Bowie. Ao se instalar em sua ca-

bine de comando, Ritchie tem ao alcance da mão os recursos do Oberheim TX rhythm box, um minicomputador cuja memória guarda todos os sons e ritmos possíveis que uma bateria pode produzir, gravados digitalmente. Pilotando-o, o compositor descobriu, por exemplo, o ritmo híbrido de *Casanova*. Enquanto opera o Oberheim, Ritchie pode, com a outra mão, acionar seu Delta Lab Digital Delay, que permite a seu usuário desde dobrar uma voz dezenas de vezes, formando um coral de uma só voz, até reproduzir aviões a jato em vôos rasantes.

Alterar o timbre de um acorde não é problema para o equalizador Sundholm de trinta bandas — outra das maravilhosas máquinas de produzir som possuídas por Ritchie. E como estrela do equipamento figura o Casiotone MB40, um teclado portátil que, por sua facilidade de manejo, permite a qualquer iniciante no piano a atuação de um concertista. "Toco música de ouvido e tenho dificuldades com o piano comum, por isso lanço mão da eletrônica", explica Ritchie. "Afim, é o coração que pulsa em minha música."



Ritchie no estúdio: estilo "tecno-pop"



Leda Zucarelli, mulher de Ritchie: "Viver com um grande astro é fogo"

quer mãe confiaria a filha para um programa de sábado à noite. Em suma, tem-se uma combinação de James Dean com David Bowie. Com esse perfil, Ritchie inscreve-se numa tradição de menestréis românticos que, desde os anos 60, surgem esporadicamente em todo o mundo, e sempre conquistam grandes platéias. São artistas que combinam rock e romantismo, rebeldia e bom comportamento, e que formam uma galeria na qual se podem incluir desde o francês Johnny Halliday, que arrebatou o mundo, nos anos 60, com canções como *Noir C'est Noir*, até o inglês Tom Jones, celebrizado com a canção *What's New Pussycat*.

ROLO COMPRESSOR — Nos anos 70, Ritchie encontra um parâmetro no cantor e compositor inglês Elton John. E, no cenário atual do rock estrangeiro, pode-se encontrar o mesmo espírito das canções de Ritchie nos discos do cantor David Bowie ou do grupo Spandau Ballet. Ritchie, como todos os artistas do rock nacional, usa e abusa das referências do rock estrangeiro. A própria canção *Menina Veneno* é abertamente calcada em *Year of the Cat*, um grande sucesso de 1975 na voz do inglês Al Stewart. O grande pulo do gato de Ritchie — e nesse ponto ele se mostra insuperável no rock nacional — é combinar os elementos do rock estrangeiro e da música brasileira com particular ousadia e imaginação. Tome-se, por exemplo, a canção *A Vida Tem Dessas Coisas*, um de seus grandes sucessos. Trata-se de uma melodia bem ao estilo cafona dos cantores românticos popularescos, como Wanderley Cardoso ou Antônio Marcos. Sobre ela, porém, Ritchie adiciona arranjos eletrônicos a cargo de sofisticados sintetizadores. O resultado é um delicioso contraste.

Ritchie alcançou o primeiro posto do rock nacional também pelas letras de suas canções, que seguramente estão entre as mais originais da música brasileira atual. E nesse ponto é fundamental destacar no fenômeno Ritchie a participação de seu parceiro em quase todas as canções, o poeta carioca Bernardo Vilhena. Aos 34 anos, Vilhena é remanescente do célebre grupo Nuvem Cigana — formado por poetas cariocas que surgiram nos anos 70 com propostas vanguardistas. Com Ritchie, Vilhena embarcou firme no iceberg do rock, onde contribui com letras de grande imaginação. Trata-se de um mestre das imagens surpreendentes, como prova em *Parabéns pra Você: Hoje é seu aniversário/Vamos festejar ao contrário/Contar de trás pra frente/Seu centenário*, e também dos truques com as palavras, como em *Menina Veneno*:



Bernardo Vilhena: letras de grande imaginação para as melodias de Ritchie

Seu corpo inteiro é um prazer/Do princípio ao fim. "Bernardo e eu somos amigos íntimos há muitos anos e isso nos permite uma troca de idéias sem palavras", depõe Ritchie. Vilhena, aliás, é dos poucos a partilhar a intimidade de Ritchie, um astro a quem o rolo compressor da popularidade ainda não atingiu.

Mesmo com a fama e, naturalmente, a fortuna recém-adquirida, Ritchie continua morando num pequeno apartamento em São Conrado, no Rio de Janeiro, onde permanece avesso às badalações que cercam os grandes astros. Ali, ele divide o espaço com a mulher, a estilista de moda Leda Zucarelli, proprietária da confecção Aspargu's, e com a filha Mary, de 3 anos. "Levamos vida normal", diz Leda, "mas ser mulher de astro é fogo: as constantes tournées tornam Ritchie um verdadeiro meteoro." A simplicidade de Ritchie e de seu romantismo, de certa forma, retrata a totalidade dos artistas do rock nacional. Ao se analisar o trabalho de Ritchie, Lulu Santos ou dos Paralamas do Sucesso, fica evidente que não há pretensões de revolucionar a música brasileira. Nenhum desses artistas é um gênio. São, em geral, artistas iniciantes e, naturalmente, seus discos apresentam altos e baixos. Que ninguém se disponha a ouvir o Barão Vermelho ou o Kid Abelha e neles encontrar uma impecável unidade de repertório e interpretação. Em compensação, os roqueiros oferecem outras garantias: em suas canções, os casos de amor jamais são previsíveis, o bom humor é ingrediente fundamental e a surpresa, uma constante. Atire a primeira pedra quem encontrar remédio melhor para a música brasileira atual.

OKKY DE SOUZA

Vôo solitário

Gal estréia no Canecão um recital intimista

Desde que abandonou os sapatos à beira do palco, cobriu-se de retalhos coloridos e tornou-se a Janis Joplin da Tropicália, em seu show *Fa-tal*, de 1971, Gal Costa habituou o país a shows de contagiante alegria nos meses que antecedem o carnaval. Na época, usava o rock. Depois, na medida em que se tornava a melhor cantora do país, passou para os frevos, gênero que lhe rendeu o maior sucesso da carreira, *Festa do Interior*, de 1982. Agora, porém, Gal Costa sentiu que deveria interromper a rotina de seu itinerário da alegria e no espetáculo *Baby Gal*, que estreou na quarta-feira passada no Canecão, no Rio de Janeiro, com temporada prevista até o início de março, dissipou qualquer traço da esfuizante musa dos verões passados. Deixou solitária, em cena, sem nenhum outro truque, apenas a voz extraordinária que aprendeu a dominar.

Trata-se de um recital no sentido mais tradicional. Não há truques de cena, não há coreografias ensaiadas, não há, como em todos os seus shows anteriores, seqüências musicais destinadas a arrebatá-la a platéia em rituais dançantes. Os frevos — inclusive *Festa do Interior* — fazem parte do repertório, assim como animadas canções nordestinas de Jackson do Pandeiro, que usualmente garantem a animação de qualquer forró. As canções alegres, porém, são estrategicamente entremeadas às melodias lentas e românticas, numa manobra para deixar a platéia atenta apenas à grande intérprete que ocupa o microfone.

A estratégia valoriza a intérprete, não há dúvida, mas acaba por tornar o show estático em diversos momentos. Ao interpretar seus grandes sucessos, como *Açaí* ou *Rumba Louca*, Gal nada adiciona ao que já se conhece. Assim, para que a hora e meia que dura o espetáculo proporcione apenas prazer ao ouvinte, é preciso que se esteja em perfeita sintonia com cada nota emitida pela cantora, com as sutilezas harmônicas de cada melodia e com o significado preci-

so de cada frase das letras. Num teatro, tal disposição é perfeitamente possível. Num cervejaria enfumaçada como o Canecão, porém, o ouvinte corre o risco de perder o rumo do que acontece em cena.

CENÁRIO DISCRETO — Para compor o pano de fundo para essa Gal Costa intimista, quase triste, que o público não conhecia, montou-se um espetáculo essencialmente discreto. Como cenário, há apenas uma simples tela que muda lentamente de



Gal: com muitas novidades no repertório do show

cor e onde, na canção *Rumba Louca*, surgem tênues silhuetas de palmeiras tropicais. A iluminação, eficiente, visa realçar os ângulos dramáticos da cantora e os dois ousados vestidos que usa: um de paetês transparentes e outro de paetês vermelhos. No palco, dez músicos e um coro de cinco componentes acompanham a estrela com arranjos tradicionais. A própria Gal reduziu ao mínimo as corridinhas de ponta a ponta do palco que lhe marcaram o estilo.

Essa opção pela simplicidade prova que o fantasma do show *Fantasia*, de 1981, ainda ronda a cantora. Naquele espetáculo, optou-se por uma produção pretensio-

sa, que incluía um batalhão de coristas e cenários mirabolantes, e tudo se transformou num retumbante desastre. Na montagem de *Baby Gal*, o fantasma do show *Fantasia* foi evocado pela própria Gal Costa para encerrar uma pequena rusga surgida com os proprietários do Canecão. *Baby Gal* tinha estréia marcada para a sexta-feira, dia 20, mas, três dias antes, Gal argumentou que a produção não estava completa e que pelo mesmo motivo a estréia de *Fantasia* fracassara. "Temos um compromisso com a bilheteria, que já está vendida", disse-lhe o proprietário do local. "E eu tenho um compromisso com a minha carreira", devolveu a cantora.

BRILHO VOCAL — Ao optar por um espetáculo simples, em que não precisa disfarçar-se de atriz ou dançarina, Gal Costa centrou a produção exatamente em seu maior trunfo: a voz. E é exatamente ao subjugá-la às mais diferentes nuances rítmicas e harmônicas que a cantora produz as maiores novidades do show. Outras novidades ficam por conta do repertório escolhido para o espetáculo, do qual consta por exemplo a rumba *Escandalosa*, antigo sucesso de Emilinha Borba, ou o rock *Bem Me Quer*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho, que Gal interpreta com a desenvoltura de quem já visitou o gênero com brilho. A mais surpreendente canção, porém, é *Lili*, a antiga canção alemã que foi tema de um célebre musical de Hollywood e que recebeu versão de Haroldo Barbosa nos anos 50: *Eu levo a vida cantando/Hi Lili, Hi Lili, Hi Lo*. Trata-se do único momento em que Gal levanta um coro entre a platéia, exatamente

por se tratar de um dos raros momentos mais soltos do espetáculo.

Dona da melhor voz da música brasileira, Gal Costa, é certo, atravessa seu recital com o brilho dos virtuosos. Impossível fazer-lhe qualquer restrição do ponto de vista técnico, ou arriscar que a cantora de *Gal Tropical* ou *Festa do Interior* deixa saudades. O que falta a *Baby Gal*, porém, é a dose de encanto e fantasia que diferencia um show musical de um LP. Enquanto o LP pode ser um simples registro do que um cantor é capaz, o show deve, necessariamente, mostrar aquilo que um LP não é capaz de registrar.

O. S.

É muito fácil fazer sua assinatura de Veja. Há sempre um Representante Autorizado próximo de você.

Assinar Veja é fácil, econômico e cômodo: por um preço inferior ao dos exemplares avulsos, você recebe Veja toda semana em sua casa ou local de trabalho.

Faça hoje mesmo sua assinatura da maior revista do Brasil.

Entre em contato com o Representante Autorizado Veja mais próximo de você:

Bahia: Marco Antonio Machado & Cia. Ltda.

Rua Rui Barbosa, 19/21 - Sl. 402-A Edif. Duas Américas - Tel.: (071) 242.9014 - CEP 40000 - Salvador - Bahia

Brasília: Órbita Representações Ltda.

SCS - Edif. Marcia - 11º andar - Sl. 1103 - Tel.: (061) 224.8250 - CEP 70300 - Brasília - DF

Campinas: Dales Livros e Assinaturas Ltda.

Av. Dr. Campos Sales, 890 - 17º andar - Conj. 1702/1703 - Tel.: (019) 27.256 - CEP 13100 - Campinas - SP

Goiás e Mato Grosso:

Órbita Representações Ltda.

Rua 260 - Quadra 42 - Casa 3 - Setor Universitário - Tel.: (062) 261.1896 e 261.3311 - CEP 74000 - Goiânia - GO

Minas Gerais: Sidon Representações Ltda.

Rua da Bahia, 1148 - 16º andar - Sl. 1607 - Tel.: (031) 226.2620 - CEP 30000 - Belo Horizonte - MG

Paraná e Santa Catarina:

Elpidio Representações S/C Ltda.

Rua Presidente Faria, 51 - 12º andar - Sl. 1204 - Tel.: (041) 233.9685 - CEP 80000 - Curitiba - PR

Pernambuco, Alagoas e Paraíba:

Jotagá Com. Repr. e Distr. Ltda.

Av. Dantas Barreto, 576 - 2º andar - Conj. 202 - Santo Antonio - Tel.: (081) 224.9069 - CEP 50000 - Recife - PE

Rio Grande do Norte:

Oswaldo Inácio Isnard

Av. Gov. Silvio Pedrosa, 20 - Petrópolis - Tel.: (084) 222.7828 - CEP 59000 - Natal - RN

Rio Grande do Sul: Evolução Assinantes e Distribuição Ltda.

Rua General Vitorino, 305 - 1º andar - Conj. 201/202 - Tel.: (0512) 26.6744 e 26.6998 - CEP 90000 - Porto Alegre - RS

Ger. de Vendas de Assinaturas

Veja/Exame - SP

Pça. Dom José Gaspar, 30 - 15º andar - Centro

CEP 01047 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 255.4861

Ger. de Vendas de Assinaturas

Veja/Exame - RJ

Rua da Passagem, 123 - 8º andar - Botafogo

CEP 20000 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (021) 295.5282



EDITORA ABRIL S.A.



PARIS FILMES

Os Deuses...: o problema é o tratamento ao negro

Cinema

Maus selvagens

Sucesso e preconceito num filme africano

Jogada de um avião, uma garrafa de Coca-Cola cai no meio de uma tribo perdida no deserto de Kalahari, no interior da África. Recebida como presente dos deuses, a garrafa logo se torna objeto de disputa e Xi, o chefe da tribo, decide devolvê-la aos deuses doadores. Parte então para uma viagem onde encontra guerrilheiros, missionários abnegados, uma jornalista que decide viver entre os selvagens e um veterinário trapalhão. Do confronto entre esses personagens surge a trama de *Os Deuses Devem Estar Loucos* (*The Gods Must Be Crazy*, Botswana, 1981), em cartaz em São Paulo.

Algumas surpresas são evidentes, a começar por se tratar de uma produção de Botswana, um país africano só conhecido até agora por seus diamantes. O diretor é sul-africano — Jamie Uys, 62 anos, e já com dezesseis filmes em sua bagagem. E surpresa maior ainda é tomar conhecimento da carreira do filme, grande sucesso de bilheteria na Argentina, no Japão — 800 000 ingressos vendidos em seis meses — e na França, onde, em 1983, só perdeu para *E.T. O Extraterrestre*. O filme começa em tom de documentário etnológico, localizando a tribo da qual Xi é o chefe. Uma longa sequência valoriza o mito do bom selvagem, de sabedoria superior, não tocado pela corrupção da civilização — mas, em seguida, guerrilheiros invadem o palácio do governo do país e metralham o Conselho de Ministros.

O filme é movimentado e como comédia, apresenta gags simplistas mas eficazes. O problema está no tratamento dado aos negros, preconceituoso e colonia-

dela e são incapazes de entender os seus costumes, como é o caso de Xi. Os únicos negros ajustados e felizes são os que vivem sob as asas de um missionário, cantam em hora certa e não pretendem mais do que lhes é oferecido. É provável que o sucesso do filme se deva ao tom de exotismo com o qual é revestido, mas fazer humor mostrando como defeitos, ou exagerando, algumas das características de um povo nunca será saudável nem honesto.

JOÃO CÂNDIDO GALVÃO

Pantera domada

O ocaso de uma série que já não é a mesma

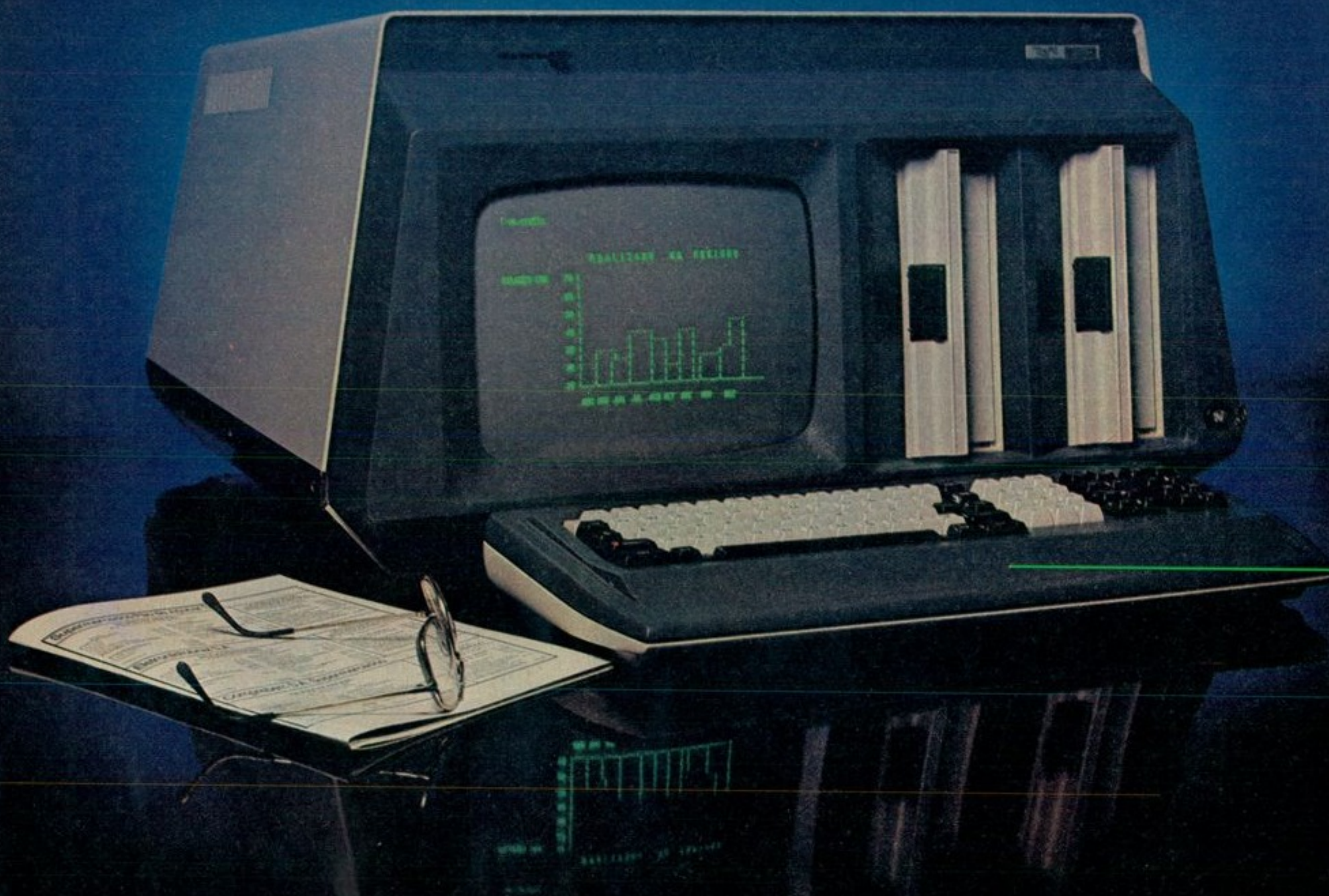
Em seu sétimo filme da série *A Pantera Cor de Rosa*, iniciada há vinte anos, o diretor Blake Edwards apresenta um novo detetive, para substituir Peter Sellers, falecido em 1980 — o jovem ator Ted Wass. Os recursos cômicos de Wass são bem mais limitados do que os de Sellers, mas não está aí o único problema de *A Maldição da Pantera Cor de Rosa* (*Curse of the Pink Panther*, EUA/Inglaterra, 1983), que esta semana entra em cartaz em São Paulo. Como companheiros o detetive tem vários atores do filme original, como David Niven (que também morreria logo após as filmagens), Capucine e Robert Wagner, mas o resultado é um pastiche de uma série que já deu o que tinha que dar. Fica-se com a impressão de que houve um desperdício de talento da parte de Edwards, que, tendo realizado ultimamente filmes como *Vítor ou Vitória* e *S.O.B.*, atravessa a melhor fase de sua carreira.

NELSON HOINEFF Wass, o detetive



TITAN PRODUCTIONS

COBRA APRESENTA SUA MÁQUINA DE VENCER CRISES.



De repente, você descobre que a crise é geral.

Crise no faturamento, porque as notas fiscais são emitidas muito devagar. Crise na folha de pagamento, porque as alterações salariais são cada vez mais frequentes. Crise no planejamento financeiro, estrangulado pela irregularidade da cobrança e a pressão do contas a pagar.

E de crise em crise você descobre que chegou a hora de uma decisão inadiável: a compra de um Cobra 305, o microcomputador profissional.

O Cobra 305 põe sua empresa em ordem num apertar de dedos. Ele emite notas fiscais, controla o estoque, faz o faturamento, programa a cobrança e o contas a pagar, faz a folha de pagamento, elabora os mapas de vendas, controla a comissão dos vendedores,

emite as guias para recolhimento de impostos e encargos sociais. Tudo com muita economia de custo e nenhuma chance de erro.

Como você vê, o Cobra 305 não faz milagres. Ele apenas permite que você tenha informações atualizadas o tempo todo e possa tomar suas decisões com mais segurança.

Se você também quer sair da crise pela porta da frente, contate a Cobra e assista a uma demonstração do Cobra 305, o micro profissional.

 **Cobra 305** O micro profissional.

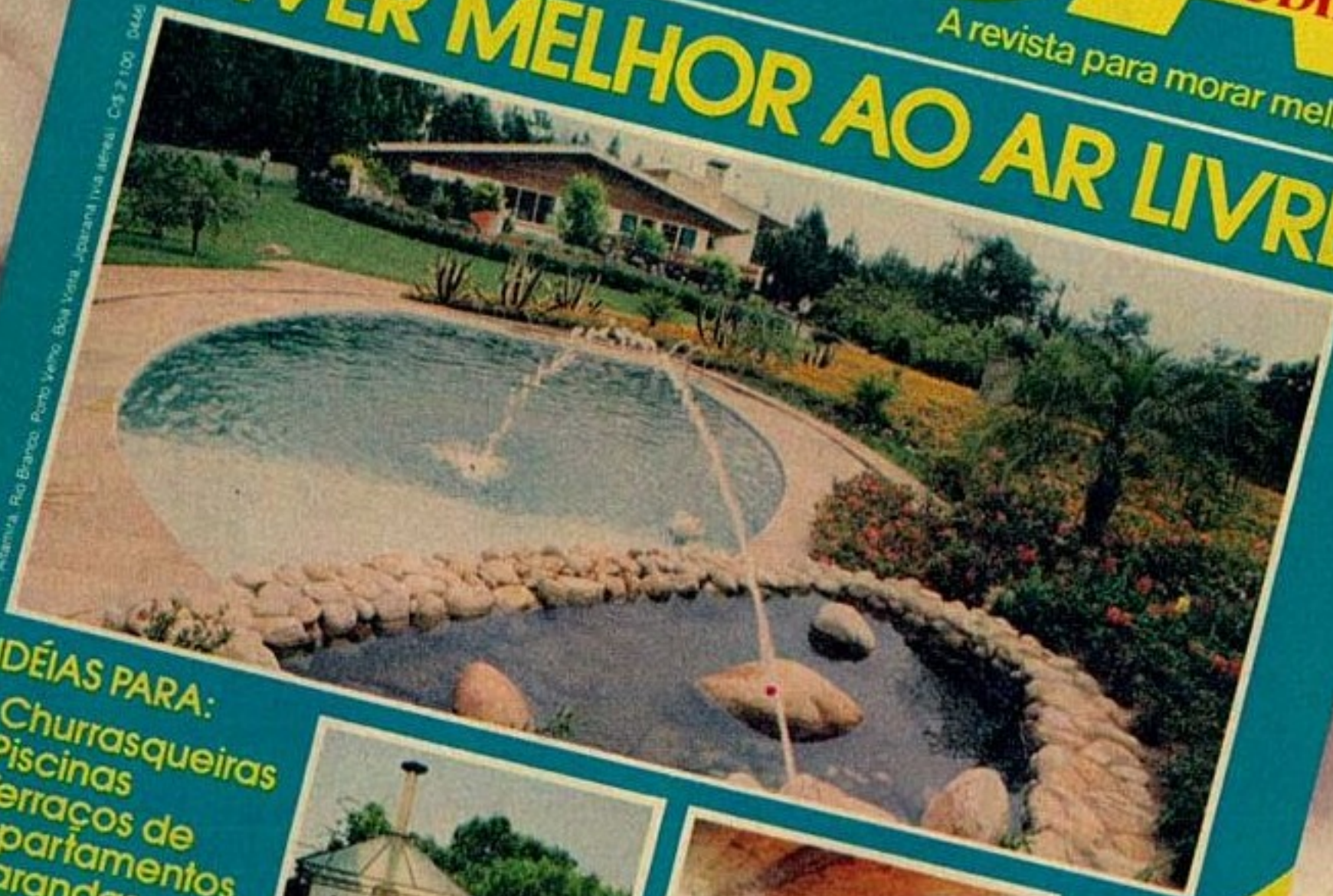
A REVISTA
PARA
MORAR MELHOR

CASA

CLAUDIA

A revista para morar melhor

VIVER MELHOR AO AR LIVRE



IDÉIAS PARA:

- Churrasqueiras
- Piscinas
- Terracos de apartamentos
- Varandas
- Móveis de jardim



Casas de
praia e
campo



ESPECIAL
Tudo sobre
equipamentos de
piscina

Viva bem utilizando
todo o espaço que
você tem. Para sua
casa ou apartamento,
a sua revista Casa
Claudia tem sempre
uma sugestão prática
para você morar
melhor. Neste mês
idéias para
churrasqueira, piscina
e terraço de
apartamento.

REVISTA

CASA

CLAUDIA



RICARDO CHAVES

Em menos de um mês, as mudanças...

Arte

Vista para o mar

A Lapa carioca tem agora uma nova paisagem

Uma inesperada vista para o mar abre-se agora em plena Lapa carioca, perto dos Arcos e junto à pracinha onde fica a Sala Cecília Meireles. É só olhar e constatar: entre um prédio e uma esquina, percebe-se um horizonte marítimo com céu azul e nuvens brancas. Pura ilusão, naturalmente. Trata-se, na verdade, de um imenso painel do pintor Ivan Freitas, montado numa parede cega de 50 metros de comprimento por 28 de altura, correspondente às laterais da Escola Nacional de Música. Nas tradições da antiga técnica do *trompe l'oeil*, Freitas mistura, em sua obra, a fantasia e a realidade, na intenção de fazer um tipo de arte que se integrasse à paisagem.

Paraibano radicado no Rio, de 52 anos e portador de um vasto currículo, Freitas tem seu estúdio numa ruazinha da Lapa e diariamente convivia com o vasto paredão. Foi assim que teve a idéia de transformar aquele muro velho num painel à maneira dos hoje existentes na Califórnia, Nova York ou Londres. Depois de encaminhar um projeto ao Departamento de Artes Visuais da Funarj, Freitas não só conseguiu a aprovação do coordenador Adriano de Aquino, como viu sua idéia transformar-se num programa — Arte nos Muros — que procurará transformar em obras de arte outras paredes semelhan-



...de um velho paredão que transformou o horizonte no bairro da Lapa



FOTOS RICARDO BELIEL

Ivan Freitas: uma obra de arte que se integra no conjunto

tes na cidade e para o qual já foram convidados os artistas Glauco Rodrigues, Eduardo Sued, Wanda Pimentel, Carlos Vergara, Roberto Magalhães e Fayga Ostrower.

A singularidade do projeto de Freitas está no fato de que ele não procurou ampliar um quadro qualquer, mas se adequou ao que já havia no local. Assim, fez uma lateral da Escola de Música e, no outro extremo do painel, pintou um conjunto de árvores para funcionar como um prolongamento das árvores do Passeio Público, ali ao lado. Dentro dessa moldura, Freitas pintou, na parte central, uma paisagem de praia com ilhas ao longe. "Não tinha sentido fazer um quadro ampliado", diz o artista.

Para a realização do enorme painel de 960 metros quadrados, a Funarj recorreu ao financiamento do Banco Nacional. O custo da obra chegou a 17 milhões de cruzeiros, computados aí o trabalho de preparação da parede para a aplicação da tinta e a formação de uma equipe de oito pessoas para a montagem. Antes mesmo que os andaimes utilizados na montagem fossem retirados, Freitas já contava com a adesão dos vizinhos. "Foi um presente", disse Francisco Recarey, dono da Gafieira Asa Branca, um dos estabelecimentos das redondezas. ●

Ford Del Rey 84.0 máximo do requinte para

Mais uma vez o Ford Del Rey dispara na frente com o sistema de proteção anticorrosão Ford, considerado o mais moderno existente na indústria automobilística.

É a inovação de um carro que se preocupa em acompanhar sempre as últimas conquistas do momento.

3 ANOS DE GARANTIA CONTRA A CORROSÃO*

Para oferecer tanta garantia, a Ford

construiu uma linha de pré-tratamento. Ou seja, antes de entrar na fase de pintura a carroceria e as peças são desengraxadas, lavadas, fosfatizadas, passivadas com ácido crômico, enxaguadas com água desmineralizada e imersas em um tanque para aplicação do primer pelo processo eletroforético catódico. Só então é que elas recebem a primeira camada de tinta.

Em conjunto, esses estágios de

preparação, mais aplicação de ceras anticorrosivas, asseguram que todas as superfícies externas e internas do Del Rey, inclusive interior das portas e laterais, colunas e batentes, porta-malas e capô, estejam garantidos por 3 anos contra a corrosão.

NOVO MOTOR CHT: MAIS DESEMPENHO COM MAIS ECONOMIA.

CHT quer dizer Compound High Turbulence (Combustão em Alta



*Para maiores detalhes e condições de garantia deste programa, consulte o seu Distribuidor Ford ou o Manual do Proprietário - Seção Garantia.

acompanhar o seu tempo. E resistir a ele.

Turbulência). Isto é, onde a mistura carburante entra em turbulência nos dutos de admissão e câmara de combustão, agora combinada cabeçote/pistão, provocando o maior aproveitamento da energia liberada na explosão.

Quer dizer também que o Del Rey 84 está usando o motor de 4 cilindros, a álcool ou gasolina, mais evoluído, testado e avançado tecnologicamente.

E CHT quer dizer ainda maior desempenho, mais agilidade, maior economia, melhor dirigibilidade e menor custo de manutenção.

O DEL REY 84 REFLETE REQUINTE E TECNOLOGIA.

No Del Rey 84 você vai encontrar novos requintes que lhe darão mais razões de orgulho e satisfação.

Como os novos estofamentos, com design e tecidos de classe européia.

Transmissão de 5 velocidades, com a nova relação de marchas com engates mais suaves. Os novos freios dianteiros a disco, ventilados. Os novos vidros em tonalidades bronze. 3 revisões gratuitas: 2.500, 10.000 e 20.000 km.

Tudo isso somado ao padrão de requinte que o Ford Del Rey inaugurou no Brasil.

Venha conhecê-lo de perto no Distribuidor Ford.

FORD DEL REY



Questão de Requite



A ânsia de morte das leis

Luiz Roberto do Nascimento e Silva*



RICARDO CHAVES

*No afã de sermos
originais,
revogamos a lei no
mercado para
dar lugar a um
mercado de leis*

Todo início de ano traz em seu bojo duas perspectivas que não são necessariamente colidentes. De um lado, projetamos todos os nossos anseios, tudo o que está por vir. De outro, inventamos o ano que passou. Sob o ponto de vista fiscal, o ano de 1983 não poderia ter sido mais original. Menos para o contribuinte.

Em junho, o governo criou um adicional de 10% sobre os ganhos de capital. Em agosto, inventou um novo empréstimo compulsório. Em outubro, com dois decretos, modificou completamente as regras do jogo fiscal. No apagar das luzes do ano deu um presente de grego para toda a população assalariada que paga imposto na fonte. Por fim, com um último decreto, lançou em trevas totais o mercado aberto de títulos públicos e privados.

O delírio não é apenas quantitativo. Possui também dimensão qualitativa. Na parte relativa à política salarial, o Decreto 2064 continha incongruências de tal natureza que tornaram necessário um novo decreto. O ex-ministro Mário Henrique Simonsen, em artigo publicado aqui mesmo em VEJA, demonstrou essas "inconsistências aritméticas", que traziam por exemplo distorções para os assalariados que ganhassem entre 24 e 27 salários mínimos. É, no mínimo, inconseqüência editar um decreto-lei para vigorar em todo o país, regulando assim toda a política salarial brasileira, do Oiapoque ao Chuí — para, no fim, errar na conta. Como não se pode refazer o ministério, refez-se a tabela.

O aumento da carga tributária foi brutal. Um só exemplo, para não cansar o leitor: em junho, as sociedades civis prestadoras de serviços ficaram sujeitas à incidência de Imposto de Renda na fonte à alíquota de 3% e, em outubro, um novo decreto fez esse percentual saltar para 6%. Resultado: um aumento de 100% em apenas quatro meses.

Todo contribuinte sabe que entre os poderes e prerrogativas do Estado está o de instituir e arrecadar impostos. Certamente, a partir de 1983, o contribuinte brasileiro nunca mais vai esquecer disso. O poder de instituir e arrecadar impostos é garantido pela Constituição federal aqui e em todos os países que pertencem ao mundo que convencionamos chamar de civilizado. Todavia, esse mesmo poder possui também seus freios e limitações. É natural. Entre essas limitações está, por exemplo, a obediência ao princípio da anualidade. De acordo com esse princípio, nenhum tributo pode ser cobrado a não ser no exercício financeiro posterior à sua instituição.

Todos estes princípios e regras derivam na maior parte das vezes de um patrimônio comum de lutas e conquistas da história da humanidade. A noção da propor-

cionalidade tributária, segundo a qual cada um deve contribuir de acordo com as suas reais possibilidades, é uma das conquistas da Revolução Francesa. A primeira Constituição de que se tem notícia foi fruto de uma reação dos senhores feudais aos excessivos aumentos fiscais praticados por João Sem Terra. A Inconfidência Mineira teve como causa imediata um movimento internacional de idéias e como causa mediata a "derrama", o aumento de impostos. Talvez não estejamos longe do dia em que os tributaristas serão mais conhecidos como artífices da distribuição do que como apóstolos da concentração...

Pedir que nossas autoridades respeitem a ciência jurídica seria pedir demais. Pediremos, então, que respeitem outra ciência, mais adequada aos delírios — a ciência psicanalítica. Em 1926, Freud já observava, com razão e ironia, que "a abundância de decretos e interdições mata a autoridade da lei. Podemos observar: onde existem poucas interdições elas são obedecidas; onde se criam a cada momento novas interdições, a tentação de não respeitá-las é logo sentida".

Uma comprovação dessa observação acaba de ser dada pelo recentíssimo Decreto 2072, que modificou os critérios e a sistemática do open market — o mercado onde são negociados os títulos federais. Não se trata aqui de nenhuma crítica de fundo, filosófica, ao decreto, mesmo porque ele veio para corrigir distorções que permitiam, por exemplo, que determinadas correções dos títulos públicos e privados escapassem à tributação. Na verdade, o que ele fez foi fechar um pouco mais as torneiras da evasão fiscal. Trata-se de uma crítica à sua forma. Desde que foi promulgado, o mercado aberto permaneceu praticamente parado. Só retornou à normalidade depois que o governo se convenceu, pressionado pelos fatos, de que o que queria impingir ao mercado era impraticável e danoso à própria administração da volumosa carteira de títulos públicos do Banco Central. Chega-se, assim, à conclusão de que o tempo que não foi gasto na elaboração do decreto foi gasto em dobro na tentativa de sanar as suas imperfeições.

No nosso afã de sermos originais, revogamos a lei no mercado, temporariamente, para que entrasse em vigor um mercado de leis. Só que, ao contrário do que pretendia Adam Smith, a nossa "mão invisível" não dirige esse mercado, sob o qual prolifera à sombra a economia invisível. Em vez disso, o desarruma a cada novo ano.

Luiz Roberto do Nascimento e Silva é advogado e colaborador do Jornal do Brasil



Cheque Realmaster. Com ele você mostra a sua força.

O Cheque Realmaster é a mais nova identificação de força dos Clientes Realmaster. E mais um benefício do Sistema Realmaster de Vantagens Progressivas.

O Cheque Realmaster é o único que oferece 7 dias por mês sem juros, para você usar quando precisar. Com ele você mostra a sua força: é reconhecido no comércio como alguém que sabe tirar proveito das vantagens que seu Banco oferece.

Portanto, um cliente muito mais que especial.

Mas se você acha que não está recebendo tudo que um banco pode oferecer, está na hora de conhecer o Banco Real.

Seja cliente do Banco Real. Antes de tudo, um bom negócio.

BANCO REAL

O Banco que faz mais por seus clientes.





Carlton. Um raro prazer.

Qualidade Souza Cruz